Contra-relógio para Gama e Moran chegarem a acordo nas pescas

Jaime Gama e Fernando Moran travam, hoje em Lisboa, uma batalha em autêntico contra-relógio para harmonizarem as posições relativas de Portugal e Espanha nas pescas e no comércio bilateral a tempo de garantirem à assinatura do tratado de adesão na data desejada pelos dois governos. Segundo disse o ministro espanhol, amanhã é o limite do prazo aceitável pela CEE e ele quer levar a Bruxelas, na terça-feira, o trunfo do acordo com Portugal para ultimar as negociações da Espanha com os Dez.

Pág. 12

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 746 Segunda-feira, 29 de Abril de 1985 Preço 30$00

Eduardo Lourenço e o tempo em que vivemos

Págs. 21 e 22

«Baixa o elmo que agora bato eu...»

Palmela reviveu torneio medieval

Pág. 9

Visita de Reagan a Lisboa é pano de fundo das conversações

Eanes e Machel discutem cooperação militar

A situação na África Austral — com abordagem especial para a questão da Namíbia a pedido expresso de Ramalho Eanes — dominará as conversações entre os Chefes de Estado de Moçambique e de Portugal, por ocasião da visita particular de quatro dias que, desde ontem, Eanes está a fazer aquele país de expressão portuguesa a convite de Samora Machel. A importância deste encontro assume tanto mais significado quanto, como é sabido, o Presidente português irá receber, daqui a dias, o seu homólogo dos EUA, Ronald Reagan, que estará, certamente, interessado em ouvir de Ramalho Eanes pormenores sobre a situação que se vive naquela zona geo-estratégica. Mas para Moçambique será também esta uma excelente oportunidade de conseguir o apoio do Presidente português para a desejada cooperação a nível militar sobretudo no domínio de instrução e não, como tem sido noticiado, com o envio de tropas de intervenção.

Pág. 5

«Um encontro de amigos», nas palavras do presidente moçambicano

Consequências da tempestade chegam a Lisboa

Granizo na zona saloia fará subir os preços dos produtos hortícolas

Pág. 7

AO TELEFONE COM Fernando Tordo

Um anticiclone na Aula Magna

Amanhã, pelas 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, Fernando Tordo reaparece após um longo afastamento dos palcos. Será um reencontro com o público da capital, num espectáculo diferente com um «anticiclone» lá dentro. E chegarão palavras envoltas em música — do melhor que Tordo, ao longo de dezoito anos, foi cantando.

Ao telefone com Fernando Tordo falámos do espectáculo de amanhã, que se repetirá no Porto, no Teatro Rivoli, no dia 3 de Maio, e em Coimbra, no Gil Vicente, no dia 6.

«Bom, será um espectáculo em que apostei muito. Com duas partes distintas, tem dois objectivos diferentes: não deixar esquecer o trabalho que ao longo de muitos anos fiz com o José Carlos Ary dos Santos; e apresentar, mais perto do público, as canções do meu último «LP», o "Anticiclone".

Sempre sozinho em palco. É isso?

Sim e não. Estarei sozinho na medida em que o espectáculo foi concebido para eu próprio interpretar cerca de 25 canções, das melhores que fiz ao longo dos dezoito anos que já levo a cantar. É a primeira vez que o faço. Mas estarei também acompanhado em palco, na segunda parte, por dois grandes amigos de longa data: o Carlos do Carmo e o Herman José. E faço questão de dizer, também, que outros dois grandes amigos, que desde sempre me têm dado um grande estímulo, farão a apresentação: o Cândido Mota, na 1.ª parte, e o José Freire, na segunda.

É desta vez que você fica em Lisboa ou volta de novo para os Açores?

Claro que volto para o Faial. Tenho que trabalhar...

Quer isso dizer que aqui não consegue?

É verdade que Lisboa está cada vez mais na mesma, mas o que acontece é que gosto muito dos Açores. Tenho outro ambiente, faço outra vida, a calma toma conta de mim. Só de me lembrar que daqui a minutos me vou meter num táxi para ir ensaiar com o Pedro Osório um programa que vamos fazer na rádio fico logo fora de mim. É isso: Lisboa é bestial para vir cá de vez em quando...

Falando do "Anticiclone" – foi uma pedrada no charco. Está a ser um êxito...

Ainda bem que me fala disso. É certo que ganhei um «Sete d'Ouro», que é um estímulo importante sabendo a gente que o júri era muito variado e representativo de várias correntes de opinião. E é certo também que houve consenso da crítica em relação ao valor do meu trabalho. Mas o que não é menos certo é que o índice de vendas do «LP» está muito abaixo daquilo que seria indispensável para eu me poder lançar sem preocupações na feitura de outro disco...

... Como é?

... Como é? Olhe, estou decidido acabar a minha carreira, a nível discográfico, com o próximo «LP». Que será feito com grande sacrifício, pois isto não é compensador.

Quer dizer que o "Anticiclone" deu prejuízo?

É verdade. Quero dizer isso mesmo. Este «LP» paguei-o do meu bolso. E perdi dinheiro. Por isso lhe digo que ainda vou tentar fazer mais um disco e depois acabou.

E de que vai viver? Em que vai trabalhar?

Vou fazer música para outras pessoas. O que não é a primeira vez, de resto... E vou fazer espectáculos em que tenha interesse, de um ponto de vista artístico, evidentemente. Quanto ao resto não vale a pena — e não adianta continuar a sofrer...

Sofrer?

Exacto. Repare: faz-se um disco que é bom, a crítica aplaude, toda a gente diz bem. Mas vai-se a ver comercialmente e o que é que acontece? Nada! Ou melhor: acontece prejuízo financeiro... Olhe, a verdade é que não tenho que me admirar, pois trata-se de um problema estrutural que eu bem conheço. Então não se sabe que qualquer disco vindo da estranja se vende aos milhares no nosso país? Claro que não culpo o público, mas não posso deixar de responsabilizar a estrutura cultural existente, digamos assim, que provoca este estado de coisas. Na verdade não vale a pena...

Há que não desistir...

Lá isso é verdade. Mas será que vou passar a vida a receber prémios? Bom, isso não é mau, mas o diabo é que uma pessoa não come prestígio. Não acha?

Acho. Mas isto parece — ou é mesmo... — uma tourada...

Pois. O melhor ainda, se calhar, é a gente dizer *adeus tristeza...*

Sem dúvida. Até depois.

Ribeiro Cardoso

Nos EUA

Mais de dois milhões de pessoas sem eira nem beira

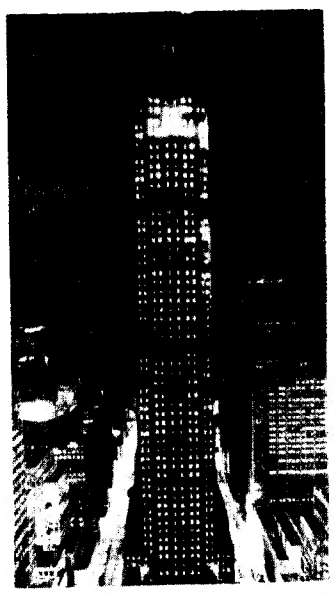
Uma legião de mais de dois milhões de norte-americanos vivem diariamente uma luta sem tréguas, para conseguirem sobreviver nas ruas, sem família a quem recorrer, sem dinheiro e com poucas perspectivas de melhorar a sua situação.

Segundo uma investigação efectuada pela Coligação Nacional para as Pessoas sem Lar, em todo o país existem entre 2,5 milhões e 3 milhões de seres humanos sem casa.

«Em qualquer noite é possível encontrar em Nova Iorque 20 mil homens, mulheres e crianças nos refúgios espalhados pela cidade. E por cada um destes há um outro nas ruas», afirmou Fred Griesbach, director da Coligação, em Nova Iorque.

Dolores, uma mulher de 58 anos de idade, juntamente com mais nove mulheres, aguardam todas as manhãs o autocarro que as leva desde a igreja-abrigo onde passam a noite para o terminal portuário da cidade de Nova Iorque.

Nuns armários ali existentes guardam os seus parcos haveres: uma Bíblia, algumas fotografias de familiares, uma muda de roupa, cosméticos, e um pacote de cartas velhas.



Cada uma delas tenta durante o dia conseguir pelo menos a importância necessária para «alimentar» os armários onde deixaram os seus haveres, já que, se não depositarem a importância respectiva a tempo, precisarão de cerca de 15 dólares para recuperarem as coisas que lá deixaram, importância que não podem dar-se ao luxo de perder, pois isso significaria estar alguns dias sem se alimentarem.

No edifício onde está instalada a direcção do porto, Dolores passa longas horas do dia, dado que é um lugar quente e agradável, podendo, além disso, utilizar os sanitários do terminal de autocarros.

A maioria dos observadores atribui o aumento de pessoas sem casa dos últimos anos à eliminação dos baixos preços dos alugueres, o que deixou milhares de famílias pobres praticamente na rua.

As condições socioeconómicas são as culpadas pela situação devido ao facto de o número de cidadãos sem casa ter triplicado nos dois últimos anos, e de 80 a 90 por cento destas famílias serem sustentadas por mulheres sós, segundo Ed Douglas, funcinário da Administração de Recursos e Saúde de Nova Iorque.

«A tão propalada recuperação económica tão-pouco favoreceu qualquer destas pessoas», afirmou Ed Douglas, referindo-se à teoria económica do governo do presidente Reagan.

Edna, outra das mulheres que vivem nas ruas de Nova Iorque, foi desalojada do seu apartamento, onde viveu durante 20 anos, em Abril de 1981. Aos 59 anos de idade, teve de deixar de trabalhar como costureira por ter começado a sofrer de cataratas, faltando-lhe ainda três anos para poder beneficiar da segurança social.

Muitas destas pessoas sem lar, como Dolores ou Edna, figuram entre os «desinstitucionalizados», como outros milhares de pessoas que saíram dos hospitais psiquiátricos no final dos anos 60 e 70.

Com efeito, e julgando que as pessoas com distúrbios mentais poderiam levar uma vida mais produtiva fora das instituições hospitalares, através do uso duma terapia baseada em medicamentos novos e nos serviços de apoio da comunidade, os serviços hospitalares psiquiátricos decidiram «libertar» milhares de pacientes.

No entanto, os planos de recuperação nunca se materializaram e agora muitos dos doentes têm, eles próprios, de lutar pela sua sobrevivência nas ruas de Nova Iorque.

Em suma, milhares de mulheres, homens e crianças, como Edna e Dolores, têm de se levantar todas as manhãs com a preocupação de encontrar como se alimentar durante o dia e um lugar para dormir, à noite. (IPS).

SE OS PUDESSEM...

Rui Paulo, 17 anos, estudante

"O ballet é uma arte pouco divulgada"

— O que estuda?

— No liceu estou no 8.º ano de escolaridade, mas além disso estudo Ballet no Conservatório e na Gulbenkian.

— O que o levou a interessar-se pelo Ballet?

— Para mim ele é uma arte que sai de dentro das pessoas e as leva a fazer e sentir coisas que necessitam expressar. O Ballet aprofunda a sensibilidade, que depois é expressa com a ajuda da música e da mímica. Claro que para algumas pessoas o facto de um rapaz se dedicar a este tipo de arte é porque é, de certa forma, «maricas». Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra, estão enganadas a esse respeito, porque, para além de ser uma das profissões mais trabalhosas do mundo porque exige muito treino diário e muito cuidado com o corpo por causa de lesões e problemas do género, o bailarino é uma pessoa que consegue expressar sentimentos através da arte e que sabe, através da técnica, coordenar os seus movimentos e conjugá-los com a música e a mímica.

— Há quanto tempo se dedica ao Ballet?

— No Conservatório há dois anos e na Gulbenkian acerca de três semanas.

O Ballet é uma arte divulgada em Portugal?

— Não, é mesmo muito pouco conhecida, e podia haver muito mais gente a dedicar-se a ela se os jornais, a televisão, etc. a divulgassem mais, como fazem com a pintura ou a música. A Gulbenkian é uma fundação que precisa de bailarinos e os que saem do Conservatório não são bons.

— Porque é que afirma isso?

— O problema é o Conservatório não ter muito apoio por parte do Ministério da Educação, e por isso as instalações são más e há uma grande falta de materiais. Só desde o ano passado é que a situação se alterou um pouco, mas não chega.

— O Estado apoia a arte?

— Acho que sim, mas sendo o Ballet tão pouco divulgado, o Estado apoia-o, mas não tanto como às outras artes.

— Afirmou que a Companhia Gulbenkian precisa de bailarinos, mas, pelo que sei, é muito difícil entrar para lá.

— É na verdade muito difícil porque não permitem a entrada de qualquer pessoa, é preciso ter uma certa técnica e os professores exigem muito de nós. Além disso, é uma companhia que garante um futuro e forma bons profissionais.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Começava por um novo governo, que permitisse que os ordenados fossem mais elevados que os preços dos produtos que necessitamos adquirir todos os dias. E, claro, dava um grande apoio a todos os tipos de arte, pois temos que preservar o que os nossos antepassados deixaram e apoiar tudo o que se faz hoje. Não podemos deixar a beleza andar em vão.

Eleições: teatro para o povo

SOMOS obrigados a falar de «eleições presidenciais», a referir e comentar «candidatos» e «candidaturas». Inspirado na cena de César, no Senado de Roma, quando da sua vitória sobre o rei do Ponto, Diogo Freitas do Amaral não disse **veni, vidi, vici** (cheguei, vi, venci) — a serem autênticas as palavras registadas por Suetónio — mas terá dito com os seus botões: cheguei, anunciei e parti. Foi pontual, foi lacónico e anunciou que se oferecia para uma campanha alegre de candidatura. Alegre e séria, que a seriedade do empreendimento não exclui a alegria do comportamento. E quem tenha querido saber, realmente, do que se tratava, terá tido que socorrer-se do interrogatório a que a jornalista submeteu o dr. Carlos Macedo, na Rádio Comercial.

Também, na Rádio «Antena Um», se explicou o candidato general Altino de Magalhães. Para o general a razão e sentido da sua candidatura é: «Servir o País». Na frase cabe tudo. E no discurso simples do general Altino de Magalhães, banidas ou ignoradas as grandes fórmulas, depara-se-nos uma simplificação surpreendente dos problemas nacionais. O candidato — ou se preferirem, o «candidato» **a** «candidato» — recusa alinhamentos partidários, tem «a ideologia do trabalho» e considera essa ideologia «capaz de integrar todos os portugueses». Perguntado se é **conservador**, o general responde que sim, que é **«conservador** por Portugal», mas que é partidário de que o País progrida, que por Portugal é **progressista.** E confessou-se favorável à **mudança,** desde que esta não consista «na mudança fácil de mudar leis». Prudente, foi avisando que: «O programa de um Presidente não é pensar que chega lá e muda».

De ouvido citamos. Mas estas ideias simples, acaso simplistas, caracterizam o discurso político de um candidato que surge da solicitação e do apoio de «um grupo de amigos» e dessa vaga razão, dada como «fundamental», «servir o País». Candidatura que se apresenta como «uma acção exterior aos partidos». Contudo, o general Altino de Magalhães afirma, repete, sublinha que, em democracia, «os partidos são necessários».

Não é um candidato militar, ou dos militares, embora conte com votos dos eleitores das Forças Armadas. Não pretende apresentar-se como candidato de **um partido** ou de **uma coligação.** A partir do núcleo apoiante, «grupo de amigos que se situam em vários sectores da vida nacional», conta dirigir-se directamente aos portugueses. Esse é o apoio que pretende conquistar. Não fará combinações, não contrairá compromissos, com os dirigentes partidários, mas pedirá aos partidos políticos que o recebam para lhes expor os objectivos da sua candidatura. E nesta diligência — a de solicitar aos dirigentes dos partidos políticos que o recebam — não deixará de pedir aos dirigentes do PCP para ser recebido.

Os jornalistas que conduziam a entrevista surpreenderam-se. Insistiu um deles, pediu-lhe que esclarecesse se também queria ser recebido pelo PCP. Foi categórico o general: «Com todos, mesmo com o PCP». Porque nenhum exclui dessa «ronda pelos partidos». Não vai solicitar-lhes apoio, adesão directa ou indirecta, meios e votos. «Vou dar-lhes conta do que vou fazer; o meu apelo é aos portugueses» — diz Altino de Magalhães.

Também na entrevista que, a seu pedido, o Presidente da República lhe concedeu, Altino de Magalhães não foi pedir apoio, foi comunicar uma decisão ao Chefe do Estado e ao comandante supremo das Forças Armadas. No mesmo espírito, e na qualidade de oficial-general na situação de reserva, se dirigiu aos chefes militares.

Com o pequeno quadrado dos seus amigos fiéis avança para a batalha eleitoral um homem só? Não sabemos responder cabalmente à pergunta. A «experiência Pires Veloso» está na memória de todos. Não basta empurrar um militar para a linha de operações eleitoral, para que se verifique um movimento suficiente que imponha, em termos políticos, a candidatura. O «caso Firmino Miguel» oferece outras características. Mas, sempre, é evidente que as estrelas do generalato não são títulos suficientes no firmamento político. O apoio político é imprescindível. A definição política é necessária, para a vitória (Eanes), para a derrota (Soares Carneiro).

E dizemos: «definição política». A fórmula vaga (e velha, e em tempos de «Estado Novo» envilecida), «servir o País», não é, propriamente, uma definição política. O general Altino fala naturalmente como uma pessoa sensata e animado de boas intenções. A sua ideologia é o trabalho. Ama Portugal. Tem servido, a seu modo e nas funções que lhe foram cometidas, a Pátria. É um patriota. Por Portugal é **um conservador**; por Portugal é **um progressista**. Está cheio de boas intenções. Mas, na indefinição defensiva que adopta, vai-nos dizendo que é partidário de que a iniciativa privada seja levada tão longe quanto possível, que ela gere e controle todas as actividades que não constituam pesados encargos sociais. Quanto à Constituição, é de concluir que seja favorável à sua revisão e não será aventuroso admitir que, por referendo, aceite modificações profundas do regime. Altino de Magalhães considera: «o referendo castiçamente democrático».

Recusou-se o cidadão Altino de Magalhães a esclarecer, no caso de não ficar qualificado entre os primeiros concorrentes à primeira volta da eleição presidencial, em qual dos candidatos votados, se estes fossem Mário Soares e Freitas do Amaral, aconselharia o voto dos seus eleitores. Do esquema foi afastada Maria de Lourdes Pintasilgo, o que, em aritmética eleitoral, não será seguro se a actual composição da equipa concorrente se mantiver.

Percebe-se a prudência do general candidato. Mas percebe-se mal a sua candidatura. Depois da «desistência» do general Firmino Miguel, a «espontaneidade» e a «indefinição» da candidatura do general Altino de Magalhães parece configurada para inutilizar qualquer candidatura militar que tivesse como ponto de partida um «pacto político», ou «político-militar», claro, responsável, em determinados contornos consensual.

Vai o País sendo servido de candidaturas partidárias, suprapartidárias, sectoriais, pitorescas, folclóricas. Nalguns casos é legítimo pensar que se avançam candidaturas para abrir caminho a outros candidatos. Já vítima do excesso de candidatos — os partidários e os autónomos, os «de projecto» e os «de conveniência» — o Partido Social-Democrata se contorce e divide nas perplexidades e contradições de uma escolha de **presidentes nacionais** que vai lançando por terra os **presidentes partidários.**

As «eleições presidenciais» não são um espectáculo montado para nos distrair dos problemas instantes. Mas são espectáculo. E ainda não entraram em cena todos os actores.

Uma acção internacional aberta ao mundo

José Apolinário

1 — O século XX é o século da mudança e da transição. De mudança porque é o século das grandes transformações políticas, em que se tem vindo a afirmar o ideal do socialismo democrático e em que a intervenção popular surge como mola impulsora dos processos democráticos. Mas, este século é também o século da transição, pois o desenvolvimento económico restringiu-se apenas aos países do Norte, sendo necessário desenvolver os países do Sul, sob pena de não atingirmos uma sociedade mundial mais justa e fraterna. E é ainda de transição porque no momento em que somos invadidos pela inovação tecnológica e científica, continua a existir um Terceiro Mundo subdesenvolvido e explorado, situação perante a qual é necessário contrapor uma teoria de um mundo multipolar, assente no desenvolvimento e no incremento da América Latina, da África e da Ásia, como forma de mudar o actual domínio do mundo pelas duas superpotências. Importa aqui ainda referir que neste sentido de um mundo multipolar se enquadra também o aprofundar das relações entre os países da Europa e no reforço da autonomia estratégica desta no plano político e económico.

Nós, jovens socialistas portugueses, defendemos assim, como objectivo prioritário, o desenvolvimento económico do chamado Terceiro Mundo, a par do reforço da participação política e da democratização nos respectivos países. Somos partidários do incremento das relações comerciais com a América Latina, África e Asia e pensamos que a Portugal cabe um papel muito importante no desenvolvimento político desta estratégia.

2 — A história contemporânea da América Latina é a história da procura da liberdade e da democracia por parte dos povos desta região. De facto, o imperialismo económico tem-se aliado às oligarquias locais e militares para conter e reprimir o protesto popular, mantendo a miséria e a opressão sobre os povos. Por isso, o povo da América Latina tem-se mobilizado, em defesa de uma sociedade mais justa e fraterna, em que se elimine o fosso entre as diversas classes sociais e também para que o poder económico e político de cada país não esteja concentrado numa franja restrita da população. A batalha pela justiça social é pois o objectivo que continua a mobilizar os povos da América Latina.

Por outro lado, esse imperialismo económico e o apoio militar concedido têm colocado os EUA como principal objectivo a atingir por parte dos movimentos populares, uma vez derrubadas as ditaduras e oligarquias. Pelo lado da URSS, interessada no reforço das suas posições na América Latina, tem havido uma actuação de exportação de quadros, apoio militar e abertura de novos mercados económicos, que se contrapõem àqueles que os EUA pretendem fechar.

3 — A movimentação popular e a esperança dos povos numa sociedade mais justa e fraterna tem conseguido que, apesar das dificuldades e da repressão que se abate sobre os democratas, se iniciem processos democráticos na América Latina. Posteriormente à questão, coloca-se então na estabilização da democracia contra as oligarquias e as restritas franjas que anteriormente dominavam, objectivo para o qual é necessário reunir todos os democratas e comprometer as forças mais importantes da vida internacional.

Mas, uma vez alcançada a democracia as dificuldades têm sido ainda maiores. Por um lado, na hora das negociações, os interlocutores que poderiam e deveriam colaborar no desenvolvimento económico, procuram, em norma exigir a aplicação de modelos de desenvolvimento em crise que já fracassaram tanto na América Latina como nos países do Norte. Da parte do imperialismo económico, uma vez desapossado do seu domínio, procura por todos os meios ao seu alcance boicotar a actividade dos países da América Latina que chegam à democracia. Assim, consideramos fundamental para a estabilidade democrática nesta região um apoio claro e eficiente, por parte de todos os países do mundo, ao desenvolvimento económico na América Latina e, ainda neste contexto, sugerimos aos países da América Latina a união de esforços para o estabelecimento de uma negociação conjunta das questões económico-financeiras desta região.

Qual deve ser, neste contexto, o papel dos socialistas e da Europa?

O desenvolvimento económico desta região deverá ser uma prioridade na política europeia, reforçando-se assim a influência da Europa, em contraponto à luta pelo domínio da América Latina entre os EUA e a URSS. A democracia só se completará com o desenvolvimento económico destes países. É necessário dizer aos americanos que a política de apoio às ditaduras e oligarquias é condenável e será derrotada, caso a caso, por muito que se reforce a repressão; é necessário defender uma política de investimentos na América Latina, em prol do desenvolvimento económico e tecnológico destes países; é necessário recusar a situação actual, em que se alimenta uma indústria de guerra através dos conflitos permanentes; é necessário, por fim, dizer que entendemos terem os EUA especiais responsabilidades no apoio ao desenvolvimento na América Latina, até porque é melhor política o apoio económico que a agressão militar.

A questão da salvaguarda dos direitos humanos assume também grande importância. A defesa e o respeito pelos direitos humanos insere-se na primeira linha das preocupações e dos objectivos dos socialistas democráticos sendo de referenciar o facto do relatório da Amnistia Internacional assinalar praticamente todos os países desta região.

Dentro do princípio de dar ao povo de cada país a liberdade de escolha do seu destino, refutamos toda a intervenção externa visando o poder político interno de cada país.

4 — No plano partidário a América Latina tem sido o berço dos movimentos de filosofia nacional cuja ascensão ou possibilidade de ascensão ao poder levanta usualmente interrogações acerca da sua conotação no quadro internacional. Entendemos o socialismo como conjunto de ideias, com dinamismo, renegando a estagnação. Isto significa que, para nós, esses movimentos de filosofia nascida nacionalmente (trabalhismo brasileiro, radicalismo argentino e chileno, por exemplo) deverão ser enquadrados pelo socialismo democrático no respeito pela sua formação própria. O que nos importa são os princípios e as ideias defendidas, não a designação. Frise-se, contudo, que entendemos não dever o socialismo democrático abarcar os movimentos comunistas, conservadores e antipogressistas. O que nos tem de identificar é uma luta comum pela democracia, por eleições livres e igualitárias sem restrições na capacidade de voto, pela justiça social, pelo progresso, pela ética política, por uma via negociada para os problemas regionais, pelo desenvolvimento económico e pela progressiva redução das diferenças entre classes.

A América Latina merece todo o nosso melhor esforço. E se pretendemos falar de paz, anote-se o importantíssimo contributo da Acta de Contadora, face à qual manifestamos todo o nosso apoio. Ainda de paz falou Alfonsin nas Nações Unidas — a nova palavra de paz deve ser o desenvolvimento.

5 — A África com os seus 30 milhões de km² e 420 milhões de habitantes é um colosso do qual muito há a esperar. A fome, a subnutrição, a falta de recursos económicos, o subdesenvolvimento, eis alguns dos problemas que assolam o continente Africano. Um mundo multipolar, um mundo mais justo, não pode ignorar estes factos e tem de pôr como prioridades políticas o fim da fome e da subnutrição, a par do desenvolvimento económico.

Uma acção fundamental para esta estratégia devem desempenhar os países árabes. Neles se concentram meios financeiros e possibilidades económicas que poderão contribuir para o desenvolvimento da restante África. Por outro lado, a Europa deve privilegiar as relações com os países árabes procurando por essa forma contrariar a dependência económica dos EUA. No Norte de África existem recursos e potencialidades que poderão contribuir para uma maior autonomia da Europa no plano económico e, por arrastamento, no político. Entendemos dever Portugal alinhar também por esta estratégia, pois os árabes poderão (e deverão) ser investidores no nosso país, diversificando-se assim os países que investem em Portugal, com as naturais consequências no plano político. Estas as linhas de acção duma política de Estado, de salvaguarda e defesa dos in-

Continua na pág. 27

Visita do Primeiro-Ministro ao Norte

Governador civil de Bragança considera Soares destinado a missões mais elevadas

Mário Soares foi este fim-de-semana ao Norte do País para, em Mirandela, ver expresso o que poderá ser uma manifestação de apoio à sua provável candidatura à Presidência da República por parte de um destacado militante do PSD: o governador civil de Bragança, Manuel Bento.

Foi ontem, pouco depois do Primeiro-Ministro chegar a Mirandela e receber, nas ruas, apupos e assobios de populares. Contra esta corrente de hostilidade, num concelho social-democrata, Manuel Bento diria ao saudar Soares: «O senhor é um homem destinado para missões muito mais elevadas do que aquelas que agora desempenha».

Reivindicações de melhoramentos no distrito e enumeração das grandes carências da região foram feitas pelo governador civil e também pelo presidente da Câmara de Mirandela. Mas este último, também do PSD, também não esqueceria o elogio a Soares: «um político de elevada projecção internacional», assim o classificou Marcelo Lago.

De presidenciais, e da eventual candidatura de Soares, falou-se também nos meios empresariais de Mirandela. António Augusto Coelho, presidente da Associação Comercial e Industrial local, admitiu o apoio à candidatura de Soares, contrapondo-lhe, no entanto, as exigências já feitas por outros empresários: a alteração da Constituição e das leis laborais além de, neste caso, o melhoramento da rede rodoviária transmontana.

Correspondendo a este série de declarações, o Primeiro-Ministro — e Soares fez questão em sublinhar que era apenas nessa qualidade que ali se encontrava — anunciou que o Governo irá decretar em breve novas medidas de apoio à construção civil e apelou para um maior empenhamento dos jovens na agricultura: «É um dos sectores onde vai ser fácil ganhar muito dinheiro nos próximo anos, desde que sejam modernizadas as estruturas existentes», disse.

E num gesto de optimismo: «O futuro está de novo a bater à nossa porta e vamos ter grandes oportunidades a curto prazo. É necessária uma direcção, um projecto, força, capacidade e estabilidade para conduzir o país para destinos mais prósperos».

Quanto às vaias que lhe foram destinadas por elementos da população, Soares diria que «não é com arruaças, inscrições nas paredes ou insultos que se pode construir o que quer que seja. É com trabalho». E logo de seguida: «Ouço o que me quiserem dizer mas não estou aberto a receber insultos de baixa propaganda política. São situações que não podem ser permitidas pelas autoridades».

Soares encontra -se hoje em Bragança.

Homenagem a Rosado Correia

No sábado, Mário Soares foi ao Porto presidir a uma homenagem a Rosado Correia, um militante socialista cuja saída do Governo não foi totalmente pacífica, designadamente pela cedência do Primeiro-Ministro a exigências nesse sentido feitas pelo PSD.

Agora, no Porto, Soares fez questão em afirmar que Rosado Correia «foi no Governo um socialista exemplar e demonstrou conhecimento dos problemas».

De Rosado Correia, que se prepara para ser candidato pelo PS à Câmara Municipal do Porto, disse ainda Soares: «Fez um excelente trabalho pelas autarquias, mas não só pelas autarquias socialistas. Por todas, independentemente da sua cor partidária». Ou seja, exactamente o contrário daquilo que o PSD acusava Rosado Correia.

Mais de mil pessoas, além do Primeiro-Ministro e do ministro de Estado, Almeida Santos, participaram na homenagem nacional ao antigo ministro do Equipamento Social.

A cerimónia, que decorreu no Mercado Ferreira Borges, foi promovida por um grupo de cidadãos e destinou-se a «homenagear a vertente política e humanística de Rosado Correia».

Dezenas de autarcas de todo o país, sete governadores civis entre os quais os de Aveiro, Guarda, Coimbra, Porto e Portalegre, o ministro da Cultura, Coimbra Martins, e três secretários de Estado, integram a lista de pessoas que se associaram à iniciativa.

No decorrer do almoço foram lidas dezenas de mensagens de solidariedade de membros do Governo, autarcas, dirigentes do PS e núcleos socialistas de trabalhadores.

Um apoio que vem do PSD...

Carlos Macedo:

Candidato só há um Freitas e mais nenhum

Carlos Macedo afirmou ontem que Freitas do Amaral é o único candidato no espaço da direita liberal e reformista com capacidade para organizar e reformar o espaço da antiga AD.

Carlos Macedo, que falava em entrevista ao programa de rádio «Fogo Cruzado», acrescentou que presentemente «não basta concorrer às eleições presidenciais, é necessário que surja alguém capaz de dar vida nova ao espaço que foi a AD».

O ex-ministro dos Assuntos Sociais do primeiro Governo de Pinto Balsemão sublinhou também que Freitas do Amaral «representa não só uma candidatura possível da direita mas, para além disso, a melhor».

«A nível civil não vejo mais ninguém e a nível militar seria viável uma outra candidatura mas era preciso que os partidos, nomeadamente o PSD, estivessem organizados, com uma estrutura clara» — sublinhou Carlos Macedo.

Sobre a actual situação do Partido Social Democrata, Carlos Macedo afirmou temer que «possa vir a desagregar-se e ir à falência».

«Há uma série de pessoas dentro do PSD que têm uma tentação enorme de caminhar pelas zonas do cinzento, de não clarificar face ao País as opções de fundo e sobretudo de manterem, de uma forma muito firme, as posições que no programa o partido apresentou ao País», acrescentou.

«A avidez de estar no Poder leva-os a tomar vários comboios e é isso que tem desagregado o PSD», disse.

Referindo-se ainda à situação interna dos sociais-democratas acrescentou: «O PSD transformou-se numa agência de Poder permanente e de empregos e as pessoas confundem as suas opções com piscadelas de olho à esquerda e à direita».

Ele acredita na ressurreção da AD

O Partido Social Democrata encontra-se «numa astenia política total, e vive-se em histeria colectiva onde cada Conselho Nacional é um happening», acusou.

Fernando Nogueira (PSD) e as presidenciais

Candidatura de um militante só é possível se...

Fernando Nogueira afirmou sábado em Coimbra que «só perante uma impossibilidade absoluta do cumprimento dos resultados do referendo é que o PSD poderá eventualmente pensar na candidatura de um militante» às eleições presidenciais.

Primeiro subscritor de uma das moções a debater no congresso do partido, em Maio, Fernando Nogueira referiu ser «uma questão ainda em aberto a de saber como alterar eventualmente os resultados do referendo, caso se venha a concluir pela impossibilidade da sua concretização».

Este conselheiro nacional do PSD e secretário de Estado do Desenvolvimento Regional manifestou-se, entretanto, solidário com a decisão que os órgãos próprios do partido preconizarem em matéria de eleições presidenciais.

Fernando Nogueira considera que «todos os militantes devem ser disciplinados e acatar as decisões que maioritariamente forem tomadas no seio do partido».

Sobre a moção que é primeiro subscritor, afirmou que ela tem como principal objectivo «congregar vontades de militantes do PSD que não subordinem a estratégia e os interesses do partido à mera luta interna pelo poder».

Fernando Nogueira reconheceu que a maioria dos subscritores da moção «Por um PSD forte, coeso, disciplinado e funcional», é originária de entre os apoiantes de Mota Pinto, mas sublinhou haver «um número assinalável de companheiros que a subscrevem, embora afectos a outras sensibilidades».

Vitorino: «entendam-se!»

A unidade e o consenso no PSD relativamente a uma estratégia e «a um candidato presidencial forte» foram defendidas por José Vitorino como as únicas soluções para evitar situações «dramaticamente complicadas» no PSD.

«Se o PSD entrar numa dinâmica condenável em que alguns dirigentes e militantes se inclinem para apoiar Freitas do Amaral, outros Mário Soares e outros ficarem calados a ver para que lado é que as coisas pendem, então tudo se poderá complicar dramaticamente para o PSD disse aquele vice-presidente do grupo parlamentar do Partido Social-Democrata.

Neste sentido, defendeu que personalidades «como Pinto Balsemão, Mota Pinto, João Salgueiro, Rui Machete, Mota Amaral, João Jardim, Marcelo Rebelo de Sousa, entre outros, se entendam quanto à estratégia a seguir no PSD e integrem activamente os órgãos do partido a eleger no Congresso».

«Quem o recusar, assumirá uma grande responsabilidade», defendeu.

Machete: «nem me propus!»

O líder social-democrata, Rui Machete, desmentiu rumores de uma possível candidatura pelo PSD às eleições para a Presidência da República.

«Não me propus nem proponho apresentar a candidatura à Presidência da República pelo PSD» disse Rui Machete, desmentindo notícias de vários órgãos da Comunicação Social que admitiram a candidatura do vice-primeiro-ministro.

Rui Machete disse que a sua posição nesta matéria é a que consta da moção de estratégia da Comissão Política do PSD para o Congresso da Figueira da Foz, a realizar entre 17 e 19 de Maio.

Um encontro entre dois dirigentes em que se discute a cooperação militar luso-moçambicana

Eanes e Machel conferenciam em Maputo

Um "encontro de amigos" em vésperas da visita de Reagan a Portugal

A situação na África Austral e em particular na Namíbia são pontos de agenda de trabalhos das conversações entre o general Ramalho Eanes — que ontem chegou a Maputo — e o Presidente Samora Machel. Aliás, de acordo com uma fonte oficiosa moçambicana citada pela NP, a discussão de assuntos relacionados com a Namíbia efectua-se a pedido expresso do Presidente português que, recorde-se, receberá daqui a poucos dias a visita de Ronald Reagan.

Eanes passará o dia de hoje — o segundo desta estada de quatro dias — em conversações com o chefe de Estado moçambicano que se fará acompanhar, por vezes da equipa que preparou os temas principais para «este encontro de amigos».

Esta equipa é constituída pelos ministros da Economia e Interior respectivamente, Jacinto Veloso e Óscar Monteiro, pelo embaixador moçambicano em Lisboa, João Baptista Cosme, pelo Comissário Político para as Forças Armadas, Armando Panguene, que já foi embaixador em Portugal e ainda pelo general Pachinuapa, pelo director do Centro de Estudos Africanos, Aquino de Bragança e pelo seu secretário particular, Muradali Mamadussen.

Na composição desta comissão nota-se a presença de elementos ligados ao processo de conversações com a África do Sul que conduziram à celebração dos acordos de N'Komati, casos de Jacinto Veloso e Óscar Monteiro. Há ainda individualidades que tratam dos sectores especificamente militares e outros que se especializaram nas relações com Portugal.

Segundo uma fonte desta Comissão, Moçambique deseja informar Ramalho Eanes do desenvolvimento do processo político na África do Sul, quer no plano interno, quer no plano das relações com o Estado moçambicano.

«Esperamos que Eanes informe o presidente Ronald Reagan da nossa maneira de ver os problemas que afectam a África Austral e de como nós encaramos a política ocidental», afirmou a mesma fonte.

O mesmo informador sublinhou que há sectores na África do Sul que pretendem manter a todo o custo o «apartheid» e para quem a RENAMO «constitui também instrumento de poder interno».

Cooperação militar

Uma outra questão a abordar pelos dois presidentes é a da cooperação militar entre Portugal e Moçambique. No entanto, não se sabe bem em que moldes o assunto será equacionado uma vez que o Chefe de Estado português não pode vincular-se a decisões neste sector também ele dependente do Governo.

Os militares moçambicanos desejam há muito que oficiais portugueses venham dar instrução a soldados moçambicanos e não, como por vezes já tem surgido na Imprensa portuguesa, o envio de tropas de intervenção, disseram fontes militares de Maputo. Acrescentaram por outro lado, que o problema não se resolve com a oferta de bolsas de estudo para alguns militares moçambicanos irem tirar cursos de especialização a Lisboa.

«O Eanes em Moçambique»

«Bem-vindo Ramalho Eanes», foram as primeiras palavras de saudação de Samora Machel ao seu homólogo português quando este pisou o solo moçambicano, ontem, pelas 15 e 15 horas locais.

O aeroporto apresentava o ambiente das recepções solenes aos chefes de Estado — apesar de esta ser uma visita de carácter privado — com bandeiras dos dois países, ranchos folclóricos e o povo segurando pequenas bandeiras de Portugal.

Além de Machel, estiveram a receber Ramalho Eanes no aeroporto diversos ministros moçambicanos e membros das Forças Armadas, bem como o embaixador de Moçambique em Lisboa. Pelo lado português, estiveram os embaixadores Paulouro das Neves, funcionários diplomáticos e o provedor da Misericórdia de Lisboa, João Gomes, que se encontra também de visita a Maputo.

Visivelmente bem disposto, com Samora Machel sempre a gracejar, Eanes saudou a multidão e os diversos ranchos folclóricos que exibiam os seus números e o saudavam cantando «O Eanes em Moçambique».

À noite, o presidente Samora Machel obsequiou o seu convidado com um jantar no qual estiveram presentes muitos membros do governo e diversas personalidades da vida política e cultural moçambicana. «Esta é uma visita especial, um verdadeiro acontecimento, porque se trata de uma visita privada», acentuou, na ocasião, o chefe de Estado de Moçambique. E acrescentou:

«Uma visita oficial não é acontecimento. Novidade é uma visita privada de apoio e solidariedade nos momentos difíceis».

Diria depois que Moçambique necessita deste tipo de visitas «para podermos falar, afastando as formalidades legais que já institucionalizaram previamente a conversa. Nas visitas oficiais tudo está medido, nesta não, podemos fazer o protocolo que quisermos». E em jeito de remate: «O protocolo somos nós».

Samora Machel afirmou depois que Moçambique é o centro de uma zona delicada, resultante da sua posição geoestratégica. Depois, dirigindo-se aos presentes, disse que Eanes «veio para conversar, para ver se estamos bem e trouxe-nos cumprimentos do povo português». E num gracejo: «Também já fez 50 anos. Já atingiu a idade adulta. Nós temos uma grande admiração por ele». Para Machel, Eanes é, acima de tudo, um «patriota honesto» que se interessa antes de mais pelos verdadeiros valores nacionais. «É isso que é importante. O internacionalismo vem depois.»

«Lucidez e coragem»

Em resposta, Ramalho Eanes disse: «Estou aqui por amizade com o povo e o Estado de Moçambique». Depois, citando um velho provérbio português segundo o qual os amigos são para as ocasiões, referiu as dificuldades que Moçambique atravessa.

«Temos compreendido a coragem do presidente Samora Machel, e a sua lucidez ao tentar encontrar para esta área uma situação de paz», disse. Acentuaria depois que Samora é, nesta altura, o homem que a Europa e outras áreas do mundo consideram como grande estadista pela «lucidez e coragem» de que tem dado provas.

«No entanto — acrescentou — a essa coragem e lucidez não têm correspondido resultados práticos. Mas sabemos que é necessário semear e voltar a semear para depois colher».

Referindo-se à alegada «conexão portuguesa», Ramalho Eanes disse que não se trata de Portugal. Pode ser um outro português, mas a nação portuguesa está com Moçambique e com o seu presidente Samora Machel.

Amanhã, terceiro dia da sua estada em Moçambique, o Presidente da República visitará a barragem dos Pequenos Limbombos, sobrevoando também a barragem de Corumane.

A barragem dos Pequenos Limbombos é um projecto português, sendo o empreiteiro italiano que conta também com a participação de diversas empresas portuguesas. A fiscalização da obra está a cargo da Sorefame e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Antes de chegar a Moçambique, Eanes fez uma escala em Harare, onde recebeu os cumprimentos do presidente Canaan Banana e conversou durante alguns momentos com membros da comunidade portuguesa no Zimbabwe.

A partida de Ramalho Eanes está prevista para o dia 1 de Maio, pelas nove horas locais, fazendo o avião uma escala técnica em Luanda que será aproveitada para um breve encontro com o presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos.

PONTO A PONTO

O português José Rangel de Lima é um dos 14 militares reunidos em Viena que dirigiram um apelo aos Estados de Leste e de Ocidente para que termine a política de confronto e se promova a coexistência pacífica. Os militares, todos eles na reserva, realizaram consultas durante dois dias na capital austríaca, sob o título «Generais a Favor da Paz e do Desarmamento». Pelos países ocidentais estiveram presentes generais da Holanda, RFA, Noruega, Grã-Bretanha, Grécia, Portugal e Itália, e pelo bloco Leste dois generais soviéticos e ainda da Bulgária, Checoslováquia, Polónia e Hungria.

O partido «Os Verdes» vai apresentar brevemente na Assembleia da República um projecto de lei que garanta a livre **prática do nudismo.** Em conferência de Imprensa para divulgação das decisões do conselho nacional daquele partido, elementos deste órgão partidário afirmaram que o projecto deverá ser entregue esta semana. Uma fonte dos Verdes disse que o documento tem como objectivo a criação de condições para a livre prática do nudismo, «por forma a que o seu exercício não represente uma violência para quem o não quer fazer».

MONSENHOR Carlos Francisco Martins Pinheiro foi ordenado bispo na cripta da **Basílica do Sameiro,** em Braga. Presidiu à cerimónia D. Eurico Nogueira, arcebispo de Braga, e foram coordenantes D. Júlio Tavares Rebimbas, bispo do Porto, e D. Armindo Lopes Coelho, bispo de Viana do Castelo. Estiveram presentes quase todos os bispos do continente.

A APU de Montemor-o-Velho (Coimbra) acusou o PS de «deturpar as actas da assembleia municipal». Em comunicado, aquela estrutura partidária salienta que «as actas da Assembleia Municipal de Montemor-o-Velho são tudo menos o que se passa nas reuniões». Acusa ainda que «o PS se recusa a arquivar as gravações das sessões do executivo para serem consultadas, porque quer continuar a escrever nas actas o que não se passa». A APU refere ainda que o PS «votou contra um inquérito à Câmara Municipal, a propósito de um processo apresentado por uma firma do concelho à administração municipal em que efectua graves acusações a autarcas do concelho».

AS populações insulares europeias deverão ser representadas directamente no parlamento europeu — disse à NP o presidente do Governo Regional dos Açores. **Mota Amaral** regressava de uma reunião de dois dias, em Thodes, Grécia, da Comissão das Ilhas e Regiões Marítimas da Comunidade Económica Europeia. A comissão aprovou uma resolução no sentido de, nas próximas eleições europeias, se encontrar uma solução para que as ilhas e arquipélagos sejam círculos eleitorais.

A comissão política regional do PS/**Madeira** manifestou discordância relativamente à oportunidade e ao conteúdo do projecto de decreto regional sobre as remunerações aos titulares de cargos políticos. O diploma, apresentado ao parlamento madeirense pela maioria social-democrata, será discutido e votado na sessão da assembleia regional de terça-feira.

A discussão, amanhã, na Assembleia Regional da Madeira do referido proujecto de decreto legislativo regional sobre as remunerações dos titulares de cargos políticos «não será uma questão pacífica», apurou a ANOP de fontes parlamentares. O projecto de diploma, apresentado pelos sociais-democratas, aplica à Região Autónoma legislação nacional aprovada pela Assembleia da República introduzindo algumas alterações. Basicamente o vencimento de um deputado regional passa a ser o equivalente a 91 100 escudos (vencimento do deputado à Assembleia da República deduzida a diferença entre os vencimentos das letras «A» e «B» do funcionalismo público).

A-25-A precisa de nova sede

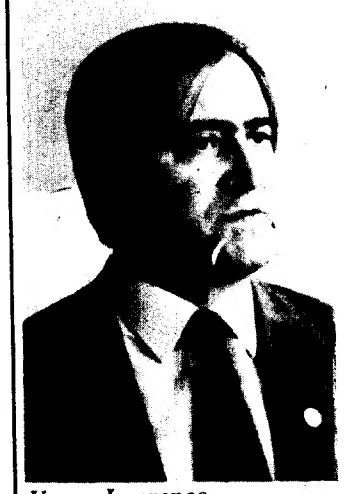
Vasco Lourenço apela a sócios e apoiantes

O problema da sede nacional da Associação 25 de Abril, que recebeu ordem de despejo do Forte Bom Sucesso, decretada pelo actual CEME, general Salazar Braga, foi tema em foco no almoço comemorativo do 11.º aniversário da queda do fascismo, realizado naquele forte e com a participação de mais de duas mil pessoas.

Na sua intervenção, no final do almoço, o presidente da Associação, Vasco Lourenço, considerou essa ordem, apesar de legal, «dificilmente explicável», mas garantiu que a A-25A **«não se destrói por despacho e continuará firme como uma rocha».** Lembrou, no entanto, que a tarefa de encontrar uma solução «é pesada» e torna **«necessária e imperativa a mobilização e participação de todos os sócios, apoiantes e simpatizantes da Associação.»**

Sobre este tema ainda, Pezarat Correia, presidente da Assembleia Geral da A-25A, informou que terá lugar em 5 de Junho próximo uma assembleia geral extraordinária para tratar do problema da sede. Informou ainda ter sido a Associação mandatada para «transmitir uma mensagem de solidariedade» a Otelo, detido em Caxias.

Durante o almoço-convívio, que teve a participação da Banda do Zambujal (Sesimbra), foram lidas saudações do general Rangel de Lima, Vítor Alves e Natália Correia, ausentes de Lisboa, de sargentos e praças da GNR e de oficiais do Quadro Permanente, reunidos em Ponta Delgada, num jantar comemorativo do 25 de Abril.



Vasco Lourenço

Na sua intervenção, Vasco Lourenço aludiu aos objectivos, há 11 anos, dos capitães de Abril: descolonizar, democratizar e desenvolver. Disse ter sido cumprido o primeiro objectivo, frisando, depois, que o poder, hoje, «reside por inteiro na vontade soberana do povo português».

Sobre os militares que fizeram a Revolução sublinhou que eles não se consideram os herdeiros do 25 de Abril «mas sim os depositários do seu espírito, legítimos autores e seguidores de uma acção revolucionária, inspirada nos mais puros princípios da Democracia e da Liberdade».

Relembrou Vasco Lourenço a criação da A-25A, «consagrando, apurando e desenvolvendo os valores morais, éticos e cívicos que a projectam na consciência das pessoas» e para manter «vivo, na memória dos militares, o ideal da libertação que nos conduziu ao 25 de Abril, o desapego ao poder e às ambições pessoais, a estrita defesa dos valores da democracia, em obediência ao sentir generalizado do povo português».

Considerou ainda que, nos seus dois anos de existência, a A-25A conquistou já «um espaço de intervenção cívica e cultural indispensável e justificado no tempo presente da sociedade portuguesa».

Évora

O núcleo da A-25A de Évora realizou nesta cidade, na passada semana, uma sessão cívica e cultural no Teatro Garcia de Resende com várias intervenções (de militares, mulheres e jovens), leitura de poemas e actuação de grupos corais. À noite teve lugar, no Monte Alentejano, do Rossio de S. Brás, um jantar de confraternização, com actuação do Rancho de Portel.

Semindrio "Sociedade e Forças Armadas" terminou

"Há que ultrapassar tabus e mudar mentalidades"

— afirma general Garcia dos Santos

Entre as Forças Armadas e a sociedade é necessário que não exista e não se mantenha «um mútuo e incompreensível virar de costas» — afirmou ontem o general Garcia dos Santos na sessão de encerramento do seminário sobre «Sociedade e Forças Armadas» que, organizado pela Associação 25 de Abril, decorreu durante três dias no auditório do Instituto Nacional de Investigação das Pescas, em Algés, integrado nas comemorações do 11.º Aniversário do 25 de Abril.

Garcia dos Santos

«Há que ultrapassar tabus, há que abandonar preconceitos mesquinhos desprezíveis perante o interesse nacional, há que iniciar processos de diálogo franco e sem complexos e, sobretudo, há que ter sempre presente a ideia que ambos, civis e militares, são partes do mesmo todo» – disse ainda Garcia dos Santos, atentamente escutado por largas dezenas de participantes e convidados, entre os quais se encontravam numerosos estrangeiros.

De acordo com o ex-CEME, os debates travados no seminário demonstraram ser «flagrante a oportunidade da discussão do tema», sendo indiscutível, em qualquer país, «a existência de um relacionamento muito forte e íntimo entre as respectivas sociedade e Forças Armadas».

A este propósito acrescentou que se verifica entre as Forças Armadas e a sociedade «uma influência recíproca, pois não é apenas o modelo de sociedade que define as características específicas das suas Forças Armadas, mas também são estas, como detentoras exclusivas da posse das armas, que muitas vezes influenciam, ou até impõem, o modelo do aparelho do poder existente na sociedade em que elas se inserem».

Garcia dos Santos salientou ainda que «os militares, sendo obrigatoriamente apartidários, não podem ser apolíticos» e que «não podem refugiar-se na neutralidade da sua técnica, sendo indispensável, para a sua formação, o contacto permanente com as realidades do seu próprio país».

A tranquilidade caserneira

Lembrando a importância do debate, nas sociedades democráticas contemporâneas, da democratização interna das Forças Armadas e da integração destas na sociedade civil, Garcia dos Santos adiantou então:

«Sei, por experiência própria, o que significa, para certas mentalidades, a expressão de determinadas ideias tais como «democratização interna das FA's» e «subordinação do aparelho militar ao poder político». Para alguns, o termo «subordinação» contém, implicíta, a ideia de submissão. Para outros, «democratizar as FA's significa, peremptoriamente, a sua completa transformação, em bandos armados, totalmente desprovidos de capacidade ou eficácia operacional».

Não esquecendo que «há ocorrências, no passado mais ou menos recente, que justificam esta deturpação de ideias ou de princípios e que originaram a confusão existente, e, sobretudo, a repulsa imediata não só pela utilização destes termos como até pela discussão dos conceitos que lhes estão subjacentes», aquele militar de Abril concluiu:

«Há, no entanto, também, o que é muito mais significativo, impedimentos conscientes de outro tipo, resultantes da visão distorcida da necessidade de preservar a Instituição Militar de maléficas influências do exterior, possíveis causadoras de perigosas perturbações na tranquilidade caserneira dos seus processos rotineiros de funcionamento».

Garcia dos Santos, referindo-se ainda à necessária modernização das Forças Armadas, afirmou que «muito para além da ideia de que deve realizar-se apenas sobre as estruturas e equipamentos, ela deve e tem necessariamente que passar por uma profunda mudança de mentalidades».

«O equilíbrio e coesão da comunidade militar não deverá constituir o refúgio sob o qual se acomodem justificações falsamente imbuídas do carácter conservador da Instituição, para entravar a necessária modernização das Forças Armadas» — terminou.

Tempo zero

Na sessão de encerramento falaram também os três moderadores civis do seminário — Maria Carrilho, Boaventura de Sousa e Medeiros Ferreira. Os três estiveram de acordo num ponto pelo menos: mais do que permitir conclusões, o Seminário teve o mérito de dar o pontapé de saída para mobilizar, civis e militares, para a discussão deste tema que, onze anos depois de Abril, já tarda.

Boaventura de Sousa Santos, professor da Faculdade de Esconomia da Universidade de Coimbra, numa intervenção brilhante, lembrou que o relacionamento civil/militar é «um buraco negro na reflexão sobre a instituição militar e uma questão difícil de referenciar e enquadrar». «As Forças Armadas e o seu relacionamento com a sociedade civil» — disse — «são coisas várias que se discutem com diferentes paixões consoante os registos do tempo em que as colocarmos». «O tempo de hoje para as FA's» — sublinhou — «parece ser um tempo zero, irreferenciável, um tempo que, por não acontecer, paralisa as FA's não apenas para realizar o impossível, mas até para realizar o mais simples, como, por exemplo, estarem presentes os Chefes dos Estados-Maiores das Armas na sessão inaugural deste debate em que, para além do Presidente da República, estiveram presentes o hino e a bandeira nacional, afinal os símbolos da Pátria».

Assumir a diferença

Medeiros Ferreira, por sua vez, salientou que «As FA's portuguesas atravessaram em pouco mais de dez anos um percurso acidentado: desde o empenhamnto na guerra colonial ao derrube da ditadura, desde a dinamização cultural e a descolonização ao restabelecimento de uma hierarquia, que não sabe precisamente desde quando se tornou ilegítima a ditadura derrubada a 25 de Abril...»

«Para alguns» — disse ainda Medeiros Ferreira — «o 25 de Abril parece que apenas se sustenta por ter sido um acto de força. São os que pensam, como Aristóteles, que a força alguma virtude tem para se impor. Mas o derrube da ditadura só terá consequências para as Forças Armadas quando nelas o consenso sobre a ilegitimidade do regime ditatorial não oferecer dúvidas».

E a concluir: «De qualquer maneira o problema militar português só ficará resolvido quando às nossas Forças Armadas forem atribuídas missões — nacionais ou internacioais — de prestígio assegurado que lhes fixem uma nova natureza, alterada irreversivelmente com o 25 de Abril. Assumir a diferença de natureza das Forças Armadas portuguesesas antes e depois do 25 e Abril de 74 encontra-se, paradoxalmente, na ordem do dia, onze anos depois daquela data...»

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

VENDA DE JAZIGO DO CEMITÉRIO DE ALMADA

A Câmara Municipal de Almada vai proceder à venda em hasta pública do jazigo n.º 19 do Cemitério de Almada, que tem as dimensões de 1,60 x 2,30 metros.

A base de licitação é de 550.000 escudos, o período de duração da arrematação não será inferior a 5 minutos, e os lanços mínimos serão de 1000 escudos.

A venda em hasta pública deste valor realizar-se-á às 15 horas do próximo dia 2 de Maio, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho.

Almada, 16 de Abril de 1985

O Presidente da Câmara
JOSÉ MARTINS VIEIRA

Serviço de Relações Públicas

A mesma história...

O presidente da Assembleia da República, que aceitara o convite para estar presente na sessão inagural do Seminário, acabou por não aparecer. Mas «justificou-se» na véspera: um plenário do Parlamento, com a presença de membros do Governo, impediu-o de se deslocar ao auditório onde estavam o Presidente da República e os militares de Abril. Ainda que de uma forma diferente repetia-se, assim, a vergonhosa história do ano passado...

Claro: o Primeiro-Ministro e os seus ministros também resolveram estar ausentes. De um modo mais ostensivo: nem sequer responderam ao convite... E os grandes chefes militares, talvez por motivos diferentes (quem sabe se aquilo que Medeiros Ferreira e Boaventura de Sousa Santos disseram no encerramento do Seminário acertou em cheio...) também brilharam pela ausência.

Assim, durante três dias, naquela acolhedora sala do Instituto Nacional de Investigação de Pescas, «apenas» estiveram, além da bandeira e do hino nacionais, o Presidente da República, os militares de Abril, representantes de alguns partidos políticos e das juventudes centrista, socialista e comunista, vários deputados e muitas personalidades ligadas a diversos sectores de actividade...

Quem ficou isolado no meio de tudo isto? O general Garcia dos Santos não quis, no fim e, responder a esta questão — talvez porque no início do Seminário já havia deixado claro que são as classes dirigentes deste País quem se isola dos grandes movimentos sociais...

...Mas quem respondeu sem deixar dúvidas foram os estrangeiros que, vindos do Brasil, Espanha, Grécia, Itália, França, Jugoslávia, RFA e Dinamarca, afirmaram aos jornalistas que a atitude dos nossos governantes e chefes militares era, para eles, verdadeiramente incompreensível e impensável nos seus países.

Mas as ausências tiveram um mérito: esses estrangeiros percebem melhor, e que, o que se passa em Portugal. Entendem, seguindo. E o prestígio dos militares de Abril, esse, aumentou ainda mais.

RC

Produtos agrícolas mais caros nos mercados lisboetas

Granizo destrói culturas em Torres Vedras e Sintra

Uma tempestade de granizo que no passado sábado se abateu durante cerca de hora e meia sobre várias regiões dos concelhos de Torres Vedras e Sintra, destruiu grande parte das culturas de produtos hortícolas que normalmente são canalizados para os mercados da capital.

Segundo o «DL» apurou junto da Câmara Municipal de Torres Vedras as culturas mais atingidas foram as da batata, trigo, ervilhas e favas. Nesta área, a juntar ao granizo há ainda a forte tromba de água que agravou sensivelmente os prejuízos. «O Ministério da Agricultura e Pescas vai ser posto ao corrente desta situação, ainda esta manhã», informou uma fonte da edilidade. Sobre os prejuízos, a mesma fonte indicou estar ainda em elaboração o inventário dos estragos, sendo, por isso, as estimativas ainda muito reduzidas. No entanto, e em comparação com a geada que em Janeiro passado queimou vários produtos de estufa, originando estragos calculados em cerca de 600 mil contos, a fonte da Câmara de Torres Vedras mostrou-se convicta de que os números ultrapassarão, agora, aquela cifra.

Por outro lado, a tromba de água que caiu, provocou ainda danos na já muito degradada rede viária do concelho, levando mesmo à destruição da ponte de Solteira. Do mesmo modo, também estabelecimentos comerciais situados na baixa da vila foram inundados, viaturas ficaram isoladas, relembrando à população o horror das inundações de Novembro de 83.

Em comunicado entretanto emitido, a edilidade chama a atenção para o facto de «decorrido ano e meio estão por efectuar os trabalhos mínimos de regularização e limpeza do rio Lisandro cuja responsabilidade cabe por inteiro à Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos». Segundo refere a nota da Câmara Municipal de Torres Vedras, «com a subida das águas do rio eram notórios o alarme e exaltação entre a população, que tem bem presente a catástrofe de Novembro de 83». Recorda-se que ainda há 4 meses, as águas do Lisandro voltaram a subir, extravasando o leito e provocando inundações.

Também em Sintra, uma trovoada que ocorreu entre as 16 e 30 e as 18 horas, seguida de tempestada de granizo, destruiu quase na totalidade as culturas agrícolas das localidades de Almargem do Bispo e Albogas, situadas na fronteira do concelho de Sintra com o de Loures.

De acordo com uma fonte dos serviços do MAP do concelho de Sintra, numa área de dois quilómetros quadrados foram particularmente atingidos os produtos hortícolas, nomeadamente alfaces e agriões. Os técnicos do Ministério da Agricultura procediam esta manhã à inventariação dos prejuízos, embora todos admitam que, por carência de produtos, os preços das hortaliças venham a subir consideravelmente nos mercados de Lisboa.

Tempo instável vai continuar

Em contacto com o Centro de Previsão do Tempo do Insitituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, o tempo instável que se tem feito sentir deve-se a uma zona depressionária que se tem mantido entre o arquipélago da Madeira e o continente. «Como consequência há desenvolvimento de nuvens verticais em altitude e, como está bastante frio, a precipitação cai sob a forma sólida».

A mesma fonte precisou que esta situação se vai manter até ao próximo dia 5 de Maio, alternando dias de sol com dias de chuva, devido à deslocação entre a Madeira e o continente da zona depressionária.

Esta situação meteorológica provocou ainda que, para o mês de Abril, os valores médios da chuva já ultrapassaram as previsões, bem como a média registada entre 1941 e 70. Em Faro, onde essa média correspondia a 27,6 litros por metro quadrado, até ao dia 27, sábado, já tinham caído cerca de 26, número que terá sido aumentado devido à pluviosidade verificada durante o fim-de-semana.

Em Beja, a média era de 47,7 e até agora a média deste mês já atingiu os 76,8, o mesmo se verificando em Évora — média de 50,6 e 87 litros por metro quadrado registados durante o corrente mês.

O ditado popular «Abril águas mil» ganha ainda maior acuidade nos casos de Lisboa, média de 46 e 139,5 litros por metro quadrado, em Coimbra, onde de 79 se passou para 113,2 e no Porto, cidade em que a média era de 92,7 e os valores até agora registados já ultrapassam os 125 litros por metro quadrado.

Pacote agrícola do Governo não defende a lavoura

— acusa Joaquim Casimiro (CNA)

«Os Organismos de Coordenação Económica e as Empresas Públicas têm funcionado deliberadamente contra a Lavoura e a favor dos grandes intermediários, comerciantes e industriais, seguindo servilmente os Governos», considerou para o «DL» o dirigente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Joaquim Casimiro, a propósito da intenção do actual Executivo de extinguir os referidos organismos.

Para Joaquim Casimiro, 39 anos, pequeno agricultor de Alenquer, recentemente em foco pela sua intervenção na RTP, num programa que teve ainda a presença de um representante da CAP e o ministro Álvaro Barreto, titular da Agricultura, **a extinção** de tais organismos **visa, porém, «entregar o seu património, criado com dinheiros públicos e da Lavoura, aos grandes industriais de carne, empresas comerciais de classificação de ovos e ao grande comércio de vinhos e cereais».**

Defendendo que esses órgãos («se praticassem uma política de defesa dos interesses dos agricultores e da Lavoura») poderiam ser «instrumentos indispensáveis na garantia de preços e escoamento dos produtos agrícolas», o dirigente da CNA classifica a acção governamental como «a maior ofensiva de sempre contra os agricultores».

Também o **projecto delei de Arrendamento Rural,** a debater em breve no Parlamento, caso seja aprovado, «agravará ainda mais — frisa Joaquim Casimiro — a situação de dependência, instabilidade e miséria de muitos milhares de rendeiros».

«A proposta de lei — acrescenta — **não tem em conta a subsistência económica do agricultor rendeiro no caso de denúncia do contrato de arrendamento por parte do senhorio e diminui o prazo de contrato, ao contrário do que o senhor ministro disse na televisão».**

O risco CEE

Terras a monte e baixa da produção agrícola são os resultados que o dirigente da CNA prevê caso se concretizem essas medidas legislativas avançadas pelo Governo. E no tocante à prevista liberalização das importações, nomeadamente de lacticínios, carnes, ovos, frutas hortícolas, vinhos e aguardentes, «a serem feitas pelo grande comércio privado, sendo o Estado responsável no caso do não-pagamento pelos importadores», teme a CNA que fundos do Estado, que deveriam estar à disposição dos agricultores para investimentos e outras necessidades, sejam «canalizados para ajudas financeiras e cambiais a esses mesmos importadores».

O risco de virem a ser impostos aos agricultores portugueses preços iguais aos de outros países europeus é também salientado por Joaquim Casimiro. E recorda, nomeadamente, os preços do vinho (25 a 30 escudos em Portugal e 17-19 escudos na Europa), da batata (cinco escudos na CEE e entre 15 e 22 escudos entre nós) e preços comparativamente semelhantes ao nível da carne, da maçã e do leite.

«No entanto — adverte Joaquim Casimiro —, o consumo não iria beneficiar com os preços mais baixos de outros países. Por exemplo, a recente importação de maçã de Espanha foi comprada a cerca de 30 escudos e não pode ser vendida por menos de 87 escudos».

Acrescenta que «sem que os agricultores portugueses tenham culpa, os factores de produção e as taxas de juro são dos mais elevados da Europa, o que dá, igualmente, baixas produção por hectare, das mais baixas também da Europa».

Para Joaquim Casimiro a Lavoura nacional poderá sofrer consequências irreparáveis com a adesão à CEE, «fortemente excedentária em produtos agrícolas».

«Há — diz — **razões suficientes para que a CNA e a Lavoura concluam que os acordos feitos pelos nossos governantes com o Mercado Comum foram desastrosos para a agricultura portuguesa».**

E aproveita para avisar os responsáveis do Executivo que «de uma coisa podem estar certos: **os agricultores portugueses não ficarão de braços cruzados, passivamente, à espera que os destruam».**

Relativamente ao arrendamento florestal, que diz ser um «verdadeiro atentado contra a pequena e média propriedade privada, obrigando os proprietários a arrendarem as suas terras ao Estado por muitas dezenas de anos», adverte Joaquim Casimiro que se trata ainda da **«tentativa de eucaliptalizar o País e abastecer as celuloses, com o risco de redução, para metade, da área agrícola».**

Nas jornadas de Março e Fevereiro, promovidas em todo o país pela CNA, cerca de vinte mil agricultores reclamaram uma nova política agrícola, nomeadamente em relação aos preços, ao crédito, às feiras de gado, à extinção dos Organismos de Coordenação Económica e à política de eucaliptalização. E Joaquim Casimiro recorda-nos, a propósito, a luta na região de Abrantes contra os planos florestais do Governo, e onde a imaginação popular serviu a luta em estrofes como a cantada na Água Travessa: **«Para defender Portugal/Para defender a nossa Nação/Queremos azeite, trigo e milho/Mas eucaliptos não».**

Ganhão Martins não assume declarações

"Um agente da Judiciária de braço ao peito"

A propósito do artigo «Um agente da Judiciária de braço ao peito», publicado no «DL» de 12/4/84 da autoria do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, recebemos do agente António Joaquim Ganhão Branco a carta que transcrevemos na íntegra.

«Com a devida vénia e sem aduzir a nenhuma lei, apenas no intuito de repor a verdade dos factos e repor-me na minha situação de simples agente da PJ, declinando, por isso, os juízos críticos («desenvoltura», «desaforo verbal», «figura que não convence plenamente», «argumentação (?) repleta de lacunas», «fragilidade e contradições do seu (meu) discurso», etc) acerca de um profissional, envolvido num incidente não muito grave, no exercício das suas funções, com que o ilustre jornalista do «DL» achou por bem esmaltar a sua reportagem, peço a V. E. a publicação desta carta.

«Assim, nunca me referi ao dr. Garcia Domingues de maneira alguma. Nunca deleguei qualquer «benefício da dúvida» para a acção do actual director-geral da PJ, dr. Carlos Picoito, que tenho como pessoa de alto nível moral, humano e profissional. Não fiz referências desprimorosas a ninguém, nem chamei «ratos» aos meus colegas da brigada, limitando-me a apontar que as estruturas podem ser melhoradas em busca de maior eficácia na luta contra o crime e na segurança das populações. Não realcei o apoio jurídico da estrutura sindical da PJ, não só porque ainda não tomei contacto com esta estrutura, mas também porque nada realcei, nem sequer a minha incapacidade física durante umas semanas.

«É certo que, na conversa puramente informal, com o vosso ilustre jornalista,. me referi ao inspector Galvão, apenas a título de exemplo de como as frustrações de funcionários altamente competentes, podem levá-los ao desânimo. A minha ideia, se me é permitido ter alguma, é que as estruturas deviam facilitar a pronta, célere e eficaz intervenção dos agentes, de certo com risco da sua vida, preterindo, não eliminando, claro, as exigências burocráticas do trabalho de secretaria. Não pretendi exagerar e menos ainda apresentar-me, como vítima, mártir de criminosos. São os ossos do nosso ofício. Atrevi-me, confesso, não obstante a dizer, que, ao nível de estruturas e recursos a PJ deveria ser mais operacional, e com um poder de intervenção mais efectivo e menos «burocrático».

O agente Ganhão Branco quando esteve na Redacção do «DL»

«Conclui o vosso ilustre jornalista, acerca deste humilde agente da PJ: para nossa perplexidade: «Por isso lhe retivemos a voz. E a tornámos pública».

A resposta de Manuel Geraldo: A saber: a conversa, através da marcação em serviço de agenda, havida entre o jornalista e o agente da PJ, Ganhão Branco, não se tratou de um contacto informal, pois foi o próprio Ganhão Branco, à semelhança do que já fizera com outros jornais, quem se dirigiu ao «DL» para narrar a sua situação e a forma como tinha sido lesionado, apenas quatro dias após a seu ingresso no serviço, dado que esteve afastado voluntariamente da PJ durante vários anos.

A prova de que desejava publicadas as suas declarações está no contacto telefónico que estabeleceu com o jornalista no sentido de apurar «quando saía a sua entrevista».

No que se refere às afirmações, que ora contesta, não lhe alteramos uma linha e até as poderíamos alargar, dada a forma efusiva como Ganhão Branco se expressou. Falou em Garcia Domingues, ex-professor da Escola da PIDE/DGS, da forma que está transcrita no artigo. Delegou no dr. Carlos Picoito o «benefício da dúvida», dado que, pelo pouco tempo que tinha de reingresso no serviço, ainda não estava, ao que disse, em condições de se pronunciar sobre a sua acção, o que é racional. Mencionou o nome do inspector Galvão, nos termos tornados públicos. Utilizou, durante a entrevista, a expressão «ratos de secretaria» para se referir a alguns elemenos da PJ, pelo facto de não se empenharem a fundo nas investigações. No dia seguinte, solicitou-nos, no entanto, telefonicamente, que limitássemos essa designação a apenas alguns dos seus colegas de brigada, o que fizemos. Apoio de classe em termos jurídicos, foi outro dos pontos abordados, ao longo da entrevista, tendo sido ventilada a hipótese de Ganhão Branco trazer até ao «DL» um jurista.

Daí que tenhamos ficado surpreendidos com o volta-face de Ga nhão Branco. Mas ele lá terá, para tal, razões ou pressões que desconhecemos. Pela parte que nos toca iremos ficar por aqui, pondo, desde já, ponto final neste assunto.

Pasteleiro agredido à facada em Olivais

O agressor, à facada, de um jovem pasteleiro teve de apanhar um táxi e entregar-se na esquadra da PSP de Olivais, para evitar ser linchado pelos companheiros da vítima, Fernando Manuel Peres dos Santos, de 20 anos. Segundo testemunhas oculares do incidente, Gilberto Sabino, de 42 anos, niquelador, utilizou uma faca de sapateiro, reagindo desta forma aos «ditoches» que lhe foram dirigidos por um grupo de rapazes, entre os quais estava incluído Fernando dos Santos, que teve de ser internado no Hospital de S. José.

Feridos a tiro por guarda-nocturno

Em circunstâncias ainda não apuradas, um guarda-nocturno da área de Campo de Ourique, em Lisboa, atingiu acidentalmente a tiro um estudante, ao disparar sobre os dois ocupantes de uma carrinha «Austin», presumivelmente roubada, na Avenida D. João V. Um dos ocupantes da viatura, Cândido Marques de Figueiredo, de 35 anos, residente no Bairro Padre Cruz, foi igualmente atingido, tendo ficado internado sob prisão, no Hospital de S. José. O estudante Pedro José Brigas Costa, de 19 anos, morador na Praça do Ginásio Clube Português, recolheu à sua residência depois de tratado.

Livretes falsos apreendidos na Guarda

A Polícia Judiciária apreendeu na Guarda uma série de livretes e títulos de registo de propriedade de viaturas desmanteladas, bem assim como dois automóveis com elementos de identificação ilegais. Os documentos apreendidos podiam ser utilizados para falsificação.

Julgamento de Al Awad em Albufeira

Cansaço da intérprete adia a reconstituição

A reconstituição do crime do Hotel de Montechoro em 10 de Abril de 1983, prevista para esta manhã, foi subitamente adiada (presume-se que até ao princípio da tarde) por indisposição da intérprete Zoina Zugravesco. Foi a primeira vez que tal sucedeu constituindo este impedimento, contudo, uma das muitas peripécias que têm envolvido este julgamento que, divide a própria população de Albufeira e apaixona os meios políticos e judiciais.

O juiz-presidente, dr. Vítor Sá Pereira, abordado esta manhã pelo «Diário de Lisboa», afirmou a sua confiança na possibilidade do Tribunal se deslocar esta tarde ao local do crime. O juiz desembargador observou, contudo, que, há, por vezes, inponderáveis que alteram toda a programação. «Foi o que esta manhã aconteceu com os srs. jornalistas sabem» — afirmou-nos.

Inicialmente prevista para as 9 e 30, a reconstituição que como acima afirmámos, não se chegou a fazer, constitui peça importante em todo este processo. O dr. António Póvoa, agente do Ministério Público aqui em serviço por acaso, e ligado a este preocesso, por livre aceitação, sublinhou esta manhã à própria reconstituição do crime por parte do Tribunal. O procurador da República foi mesmo ao ponto de nos afirmar que a iniciativa é do Tribunal e que só este poderá explicar concretamente o que aí se buscará. No entanto, a reconstituição de um crime, ou a própria deslocação do Tribual ao local do crime, é uma investigação fundamental em qualquer processo, e muito em particular, quando há jurados.

Na óptica do dr. António Póvoa, é o que sucede com esta investigação do Tribunal de Albufeira. E, se bem que uma reconstituição nem sempre permita montar o filme ideal de um acontecimento, o certo é que poderá e deverá permitir a todos captar uma sequência tão real quanto possível do que se passou. É por isso, ainda segundo a sua opinião que as reconstituições que se fazem, e com todos os elementos que intervieram numa determinada cena, permitem a tôdos e a cada um ter uma ideia do que efectivamente se passou.

Ainda de acordo com o agente do Ministério Público, muitas das dúvidas que ficaram a pairar nos espíritos dos jurados poderão ser dissipadas com a visita ao local do crime. António Póvoa exemplificou um pormenor quanto a nós bastante importante: existem muitas pessoas e entre elas alguns elementos do juri, que poderão ainda ter dúvidas sobre a coluna perto da qual Issam Sartawi foi abatido. Ora, a reconsntituição do crime deverá desfazer muitas destas dúvidas.

É também importante não só para os jurados, mas até para o Tribunal, conhecer o hotel e as imediações para que se possa fazer luz sobre muitas das interrogações levantadas até agora. A deslocação ao Hotel de Montechoro — prevista para esta tarde — também habilitará os jurados para se inteirarem da visibilidade do local da própria localização do balcão de recepção e de todo o enquadramento que é fundamental para o apuramento da verdade.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Mas ò meus senhores, há muito que se estava mesmo a ver. Elementar, elementaríssimo. A violência atinge índices tramados. Vêm os sociólogos e dizem: a sociedade actual, de alma perdida, exige válvulas de escoamento da pressão. Futebol é uma delas.
Por favor, não me obriguem outra vez a dizer que o futebol, não tem culpa, que não sou contra o futebol, assim e assado. Friamente, aponto factos. Se o futebol se ofende, que se dane.
A violência existe. Logo, há que pôr-lhe cobro. Assino. Viva o Chelsea!
Que fez o Chelsea? Uma ideia genial: mandou electrificar a rede de protecção dos campos. Quem se aproximar, apanha uma bordoada de todo o tamanho. É ou não é estupendo? Só mesmo os ingleses, com o seu sentido prático!
Claro que a violência impera igualmente dentro do campo. Os árbitros, esses incompreagredidos! Volta e meia, zás!, hospital com ele. Mas agora tudo se pode resolver: os árbitros poderão usar equipas de 220 volts. Depois quero ver quem se aproxima...
E os jogadores? Esses agridem-se constantemente. Agora, porém, vão passar a fazer jogo limpo, pois certamente usarão camisolas electrificadas. Estão a ver as mesuras com que se tratarão? Ai não, brincas! O processo pode generalizar-se para além do futebol. As mulheres deixarão de usar, nos vestidos, fios de lã ou de algodão: usarão tecidos de fios de cobre fornecidos pela EDP e, para elas, andar no Metro a horas de ponta vai ser facílimo até porque, como se sabe, a electricidade se escoa pelas pontas.
Os homens utilizarão carteiras eléctricas: milhares de carteiristas no desemprego. Nos bancos, as notas de 100 escudos valerão 110 volts: mau negócio para os assaltantes. Os trabalhadores do Alentejo electrificam os limites UCP's e poderão, finalmente, produzir em paz. Os trabalhadores protegerão os seus salários com um sistema eléctrico e depois sempre quero ver se alguém lhos leva. Os candidatos presidenciais estarão sujeitos a um selector eléctrico de mentiras: vai ser uma razia. Finalmente, os cravos do mês de Abril serão protegidos com poderosos cabos de alta tensão ligados ao coração e aos braços do povo português.
E aqui está a sincera razão do meu vivíssimo viva ao Chelsea!

Reconstituindo um torneio medieval

Cavaleiros bateram-se em Palmela pela mão de uma donzela

Não são figuras históricas, as do conde Alberto e sua filha, os protagonistas centrais do torneio medieval que ontem foi reconstituído, em duas sessões, no sítio da Terra do Pão, em Palmela. Mas, conquistada que foi a mão da donzela, por um dos nobres que por ela «pelejou», é de crer que para o futuro fique registado o evento. Pelo menos a partir destes «anais» que são os jornais.

Para a função, que era reconstituir os torneios medievais, vieram cavaleiros com o treino do Centro Equestre da Lezíria. Juntaram-se-lhe em esforços de mais seis dezenas de funcionários da Câmara de Palmela e cidadãos interessados no prestígio da terra. Aplaudiram, seguindo as peripécias com muito de improviso, cerca de três milhares de espectadores.

A iniciativa, em grande parte dinamizada pela autarquia local, constituiu um dos pontos altos do programa comemorativo do 8.º Centenário do Foral de Palmela. António Matos Fortuna, assessor cultural da Câmara Municipal de Palmela e autor do guião do torneio, justificou esta realização com a necessidade de ser necessário «um número bonito, alegre e animado». Assim, disse, «resolveu-se juntar todos esses ingredientes e ao mesmo tempo dar-lhe um significado histórico».

O conde Alberto, o tal sobre cuja figura não há muito averiguado, tutelou o confronto entre os dois cavaleiros que se deslocaram a Palmela, «um lugar tão forte e tão mau de filar», como rezam as crónicas em português arcaico. Cada um dos candidatos à mão da donzela, filha do nobre, trouxe consigo um grupo de quatro cavaleiros que se entregaram de alma e coração (e lança e espada na mão) a dignificar o nome e a fama do seu lado.

Assim, como dissemos em duas animadas sessões, entraram no recinto devidamente preparado com bancadas e tudo, os cerca de setenta figurantes. Incluíam-se, aí, as damas de companhia da filha casadoira, os cavaleiros (e os cavalos, claro...), aios e tudo o mais que deveria reunir um torneio assim.

Brasão apeado

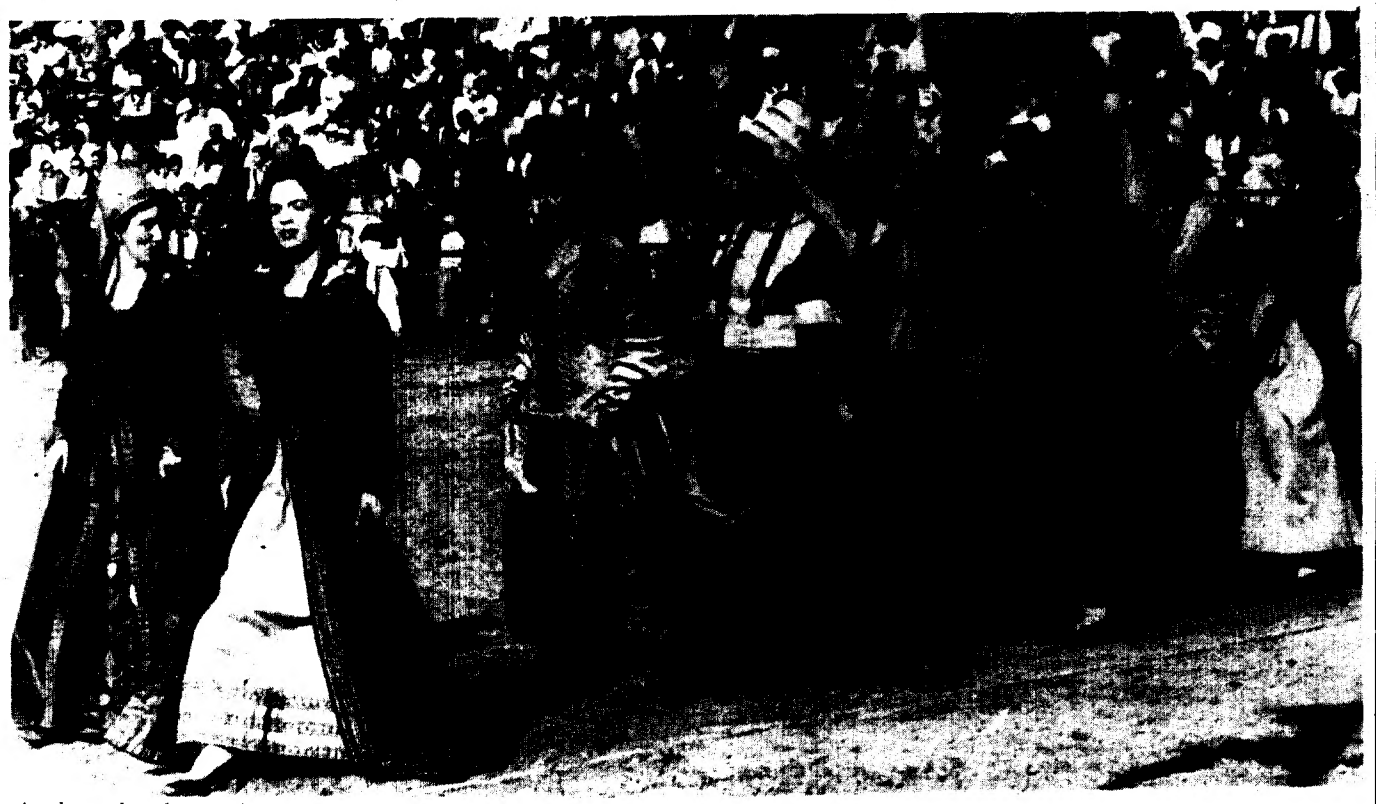
O ambiente reinante, ou que pelo menos se procurava recriar, era o de finais do século XIV. O recinto estava ornamentado com brasões e flâmulas dos cavaleiros em competição.

E não faltava o árbitro, como é de bom tom nestas coisas de despiques, ainda que de cavalheirescos cavaleiros se trate. A indispensável verificação, para dar maior realismo à reconstituição, daria mesmo a proibição de competir a um dos cavaleiros.

Tudo porquê, afinal? Porque o dito cujo não atendera ao apelo de uma viúva vítima de um assalto durante uma das noites anteriores. O castigo de tão flagrante falta de cavalheirismo não ficaria pela proibição de se exibir. O brasão foi-lhe mesmo arreado.

Na tribuna, onde para dar começo à exibição todos se dirigiram (com as damas «dedicando-lhes» lenços e flores com cravos dominantes), pontificava o conde Alberto sobre um grupo de fidalgos e respectivas consortes e filhas.

Depois foi o confronto, algo abreviado pela evidente falta de genica dos cavaleiros em compita. Primeiro a lança, de cavalo a cavalo, depois as maças, ainda sobre a montada, e a terminar o jogo de homem a homem, espada na mão, conquistando a pulso — os dois mais interessados na dama (e às escondidas vão dando, a maioria delas, umas «passas» num cigarrito para quebrar a expectativa — o direito a entrarem na família do nobre Alberto.

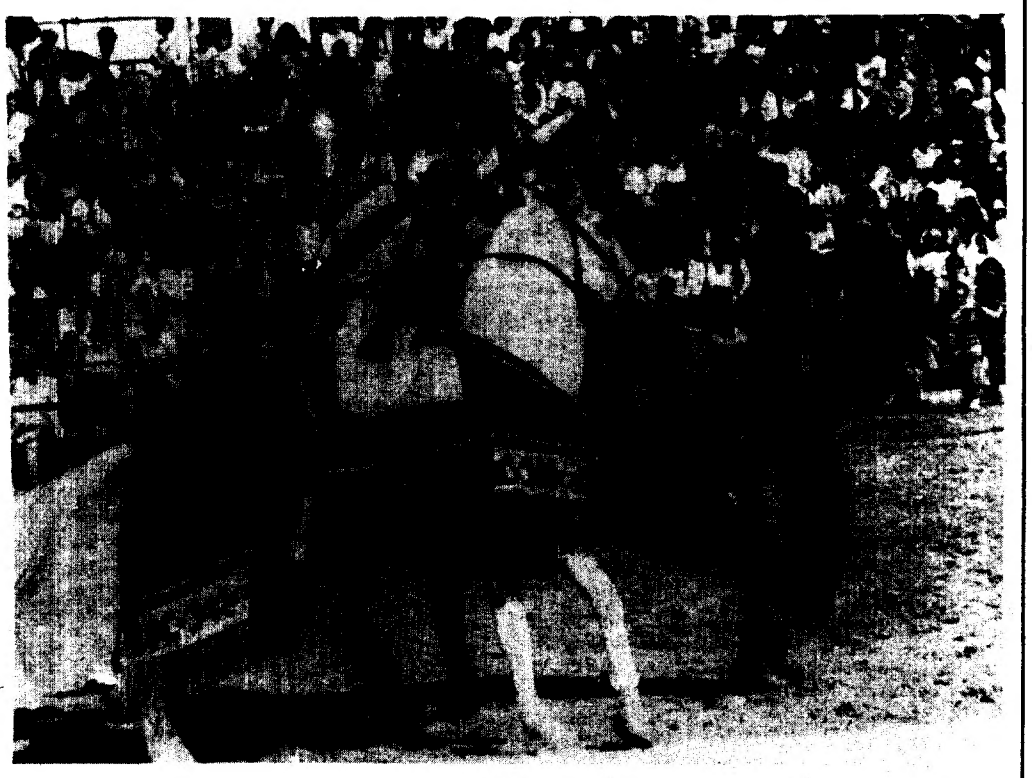


As donzelas dirigindo-se à tribuna de onde assistiram ao torneio

Momento alto, ainda, o do lançamento ao alvo (será assim que se chamava?), com cavalos teimosos e temerosos das tábuas perfiladas a meio do recinto e pouco adestramento de fidalgos tão empenhados em mostrar as suas potencialidades guerreiras.

Pronto, assim ficou Palmela, certamente um pouco mais enriquecida de tradições, com mais um passo dado no programa das comemorações do 8.º centenário do seu foral. Não acaba aqui, contudo, o conjunto das iniciativas da celebração. Um momento igualmente de relevo está marcado para o dia 2 de Junho, data em que se realizará um cortejo histórico-etnográfico.

Uma nota, ainda, para recordar que um torneio assim não era reconstituído desde há 50 anos. Foi, então, Leitão de Barros quem dinamizou a iniciativa e concretizou-a no claustro do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.



O confronto com maças foi uma das fases da luta dos cavaleiros pela mão da donzela

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-1168/85
FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO PARA LABORATÓRIO

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 17 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 16 de Abril de 1985.

O Chefe do Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3 - 1188/85

AQUISIÇÃO DE LÂMINAS CIRÚRGICAS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 21 do próximo mês, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 19 de Abril de 1985.

O Chefe do Serviço

a) ILÍDIO LUÍS DE SOUSA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3 - 1182/85

FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UMA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 23 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Lisboa, 19 de Abril de 1985

O Chefe do Serviço

a) ILÍDIO LUÍS DE SOUSA

Quebra de fretes é de 40 por cento

Cem novos táxis em Lisboa suscitam ameaça de "protesto"

A possibilidade de a Câmara Municipal de Lisboa conceder 100 novas licenças de táxi suscitou da parte da Associação dos Transportadores Rodoviários de Automóveis Ligeiros a ameaça de um protesto, cuja forma pública se desconhece, por enquanto. Da parte do município da capital, sabe-se que há a disposição de alargar e recuperar praças de táxis, facilitando a espera de clientes sem recurso à quilometragem em vazio.

Manuel Martins Carneiro referiu que, desde o final de 1982, se registou uma quebra de 40 por cento no número de passageiros transportados por táxis em Lisboa, pelo que a ANTRAL (Associação Nacional dos Transportadores Rodoviários de Automóveis Ligeiros) se opõe ao aumento do contingente na capital, que ronda os 3300 táxis.

O presidente daquela associação adiantou que o sector sofre uma «concorrência desenfreada e desleal» por parte de veículos não-legalizados ou não-autorizaos a desenvolver a sua actividade em Lisboa e que, ao autorizar novas licenças, «é o próprio Governo que está a fomentar a concorrência desleal entre os industriais».

A ANOP confirmou, entretanto, junto do responsável da Câmara Municipal de Lisboa por este pelouro, eng. Oliveira, que os pareceres dos técnicos camarários, bem como de um estudo da Direcção-Geral de Transportes Terrestres publicado em 1984, apontam no sentido de não ser alargado o actual contingente de táxis na cidade de Lisboa.

Contudo, o secretário de Estado dos Transportes autorizou já por despacho, o aumento do contingente e os serviços da câmara estão agora a elaborar o programa do concurso que deve estar pronto dentro em breve.

Martins Carneiro adiantou que existe actualmente um movimento em diversas câmaras do País, nomeadamente Portimão, Setúbal e Marinha Grande, entre outras, no sentido de conceder novas licenças para veículos de aluguer.

O presidente da ANTRAL considerou este facto como «uma medida política», decorrente do ano eleitoral em curso.

Por outro lado, existe um projecto que está em estudo, visando transferir para as próprias câmaras a decisão sobre o alargamento do contingente dos veículos de aluguer nos diversos municípios.

«Se isto acontecesse, seria a anarquia total, maior do que aquela em que nos encontramos», afirmou Martins Carneiro.

Actualmente, as câmaras propõem o alargamento do contingente à Secretaria de Estado de Transportes, que se pronuncia ou não favoravelmente após um estudo elaborado pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

CML alarga praças

A Câmara Municipal de Lisboa vai instalar e recuperar até ao Verão 130 praças de táxis na capital, segundo uma fonte do município lisboeta.

Esta medida visa corresponder aos interesses dos motoristas de táxis, que pretendem assim minorar os efeitos da quebra no número de utentes registada nos últimos meses, bem como a quota de quilometragem em vazio.

Um estudo da Direcção-Geral de Transportes Terrestres concluído em 1984, mostra que em 1979 a quilometragem média diária por veículo rondava os 270 quilómetros mas, em 1982, era somente de 190 quilómetros, tendo, no mesmo período, a quilometragem em vazio, passado de 25 por cento para 35 por cento.

Por outro lado, o número de viagens com passageiros por dia e por veículo rondava os 40 em 1979 e não excedia os 30 em 1982.

O responsável por este pelouro na Câmara Municipal de Lisboa disse que antigas praças serão recuperadas ou transferidas para outros locais, sendo igualmente criadas praças temporárias junto de casas de interesse turístico e novas praças em bairros que delas necessitam, como Olivais, Chelas e Restelo, ou junto de hospitais e dos principais hotéis da capital.

Voluntários da Arrifana "conquistaram" Amadora

Numa iniciativa da Associação dos Bombeiros Voluntários da Amadora, inserida nas comemorações do 25 de Abril, decorreu ontem nas ruas daquela cidade um concurso de fanfarras de Bombeiros Voluntários. Durante a tarde, fanfarras de 14 corporações de bombeiros de todo o país, percorreram algumas artérias animando com a sua música um domingo solarento. Escutadas as 14 fanfarras, o júri decidiu-se pela atribuição do primeiro prémio à fanfarra dos Bombeiros Voluntários da Arrifana, concelho do Porto, que se podem ver na foto em actuação. O segundo lugar coube aos Bombeiros Voluntários de Cacilhas. Pensada para Janeiro, esta iniciativa, que então se integrava nas comemorações do 80.º aniversário dos Bombeiros Voluntários da Amadora, foi adiada devido ao mau tempo. E, num mês de Abril com águas mil, o sol sorriu, a chuva deu tréguas, eo s bombeiros desfilaram

Suicídio com barbitúricos

Por excesso de barbíturicos faleceu no Hospital de Santa Maria, Grabriela Freitas, de 58 anos, que fora encontrada inanimada na sua residência, na Rua Padre Manuel da Nóbrega, ao Areeiro, em Lisboa. Segundo a PSP da esquadra do Arco do Cego, que tomou conta da ocorrência, tratar-se-á em princípio, de um caso de suicídio.

Candidatos à Escola Superior da PSP

O curso de admissão para a Escola Superior da PSP termina no próximo dia 30 de Maio. De acordo com uma nota divulgada pelo Serviço de Relações Públicas da corporação dirigida por Almeida Bruno, as informações sobre as condições, provas e documentos a apresentar pelos candidatos podem ser obtidas em qualquer departamento da PSP ou através da consulta da folha oficial, de 12 de Maio último.

Dois mortos em Santo Amaro

Dois mortos e três feridos, um dos quais em estado grave, é o balanço da colisão entre dois veículos ligeiros, ocorrida cerca das 20 e 30 de ontem na Estrada Marginal próximo de Santo Amaro de Oeiras.

Dos mortos é Vítor Manuel Martinho, sendo a outra vítima uma mulher ainda não identificada pela GNR e que se encontra na morgue do Hospital de São José. Os feridos são Gilberto Ceuta, Fernando Baptista Pardal Monteiro e Liliana Pardal Monteiro.

Motora afunda-se na Póvoa de Varzim

Ao largo da Póvoa de Varzim afundou-se a motora «Paulo Manuel», daquela praça, tendo os seus quatro tripulantes sido recolhidos são e salvos pela traineira «João Caetano». A embarcação, construída em 1968, em Caxinas, Vila do Conde, fora comprada há quinze dias pelo seu mestre, Agonia Regufe Ramos, de 23 anos, que seguia acompanhado de Manuel dos Santos Nunes, de 42, Luís Fernandes Torrão, de 23, e João José Macieira, de 22. Os prejuízos foram avaliados em três mil contos.

Quatro estremeções na ilha do Faial

Quatro abalos sísmicos de fraca intensidade foram sentidos no domingo, na ilha do Faial, Açores — revelaram informadores locais.

Os abalos telúricos ocorreram entre as 6 e 36 e as 7 e 45 locais.

Contrabando de novo em foco?

PJ atacada a tiro em Setúbal

As instalações da Polícia Judiciária em Setúbal foram atacadas a tiro no passado dia 8, segundo revelou na sua edição de sábado o semanário «Expresso». De acordo com aquele jornal, foram disparados vários tiros contra a porta quando, na altura, um agente saía das instalações. No entanto, o facto dos disparos partirem de uma viatura em andamento, leva os investigadores a afastarem a hipótese de atentado e considerarem tratar-se de uma acção de intimidação relacionada com a investigação em torno da apreensão, pela Guarda Fiscal, de 450 quilos de haxixe, num valor aproximado de 350 mil contos.

De acordo com o «Expresso», a Judiciária de Setúbal, que já procedeu a uma detenção relacionada com o caso e espera, em breve, deter mais pessoas, afirma estar em condições de estabelecer a ligação entre o comércio de droga e a rede de contrabando de tabaco americano que tem estado a ser investigada. Recorda-se, aliás, que aquando das primeiras detenções relacionadas com esta rede, os investigadores partiram de informações que apontavam para o tráfego de drogas, o que viria a ser posteriormente negado por José Cardoso Ribeiro, apontado como cabeça da rede. No entanto, e de acordo com o jornalista do «Expresso», fontes do processo de investigação consideram que as pessoas envolvidas no tráfico de drogas têm ou tiveram relações com o grupo que se dedicava ao contrabando de tabaco.

Teatro Sá de Miranda em Viana do Castelo

Um século de existência a necessitar de recuperação

Inaugurado em 1885, o Teatro de Sá de Miranda, de Viana do Castelo, comemora hoje o centésimo aniversário: veio substituir o velho teatro da caridade, ergueu-se numa das épocas mais progressivas da cidade, altura em que se construía, também, a linha-férrea do Minho.

A construção, cujo projecto foi da autoria do arquitecto Geraldo Sardinha, orçou na altura 45 contos. A ideia, lançada em 1874, ficou a dever-se ao dinamismo de alguns vianenses, tais como o conselheiro António Alberto da Rocha Paris, Sebastião da Silva Neves, João Afonso Espregueira e José Alves Sousa Ferreira.

A eles se deve a formação da Companhia Fomentadora Vianense, actual proprietária, e cujo objectivo fundamental era a construção do referido teatro.

Grandes vultos da arte de representar e da música pisaram o palco desta casa de espectáculos cujo passado é deveras honroso, entre as quais se destacam Ângela Pinto, Chaby Pinheiro, Beatriz Costa, Vasco Santana, Amélia Rey Colaço, Palmira Basto, Mirita Casimiro e a Companhia de Ópera Cómica do Teatro Príncipe Real, do Porto, que inaugurou o Sá de Miranda.

Por outro lado, entre as inúmeras demonstrações cívicas que tiveram o teatro por cenário salientou-se, em 1896, a sessão em que se exaltaram os feitos africanos de Mouzinho de Albuquerque.

Em 1920, realizou-se um sarau em que se entregaram ao tenente-coronel José Xavier da Costa as insígnias da Torre de Espanha que os vianenses lhe ofereceram, em 1955 numa sessão em que se comemorou o centenário do «Aurora de Lima» e ultimamente os Congressos dos Bombeiros, da APAVT — Associação Portuguesa Agentes de Viagens de Turismo e do Lions Club.

Municipalização: via para a conservação

Têm corrido rumores de que, mercê da não realização de obras de conservação, o Teatro de Sá de Miranda, prédio de valor artístico incontestável, corre o risco de se perder, face à degradação própria do tempo.

Se os actuais proprietários não estão interessados nas obras de conservação daquele património concelhio e nacional porque não a sua municipalização?

Com efeito, a parte interior desta casa necessita urgentemente de recuperação designadamente no telhado, no tecto da plateia, que se pode vir a perder totalmente, e ainda no pano de cena, obra artística de incalculável valor.

Exteriormente, também o «Sá de Miranda» se apresenta carecido de uma caiação total e a esplanada contígua, destinada a espectáculos de Verão, não tem sido utilizada.

Apesar do seu mau estado de conservação, o teatro continua a ser um dos melhores do País e, por isso, impõe-se que seja posto cobro a esta situação de degradação e de ineficácia no Teatro Sá de Miranda.

Totoloto deu 36 mil contos a dois apostadores

Esta semana o Totoloto fez dois milionários, um de Ermesinde e outro de Bobadela, Sacavém, na periferia da capital. Cada um arrecadando, pois, 18 400 contos por terem acertado nos 6 algarismos extraídos no fim de tarde de sábado.

Com cinco algarismos foram apurados 16 concorrentes que receberão um pouco mais de 400 contos; com 4 sobe a 588 contemplados com 38 contos, enquanto os que acertaram em 3 números terão um prémio correspondente a pouco mais de 100 escudos.

O milionário de Ermesinde mantém-se anónimo e o de Sacavém, Manuel Alberto Faria, residente na Rua do Impasse, letra B, primeiro esquerdo, não foi localizado durante toda a manhã, pela nossa reportagem.

O total de prémios atingiu um novo recorde com o montantte de 146 517 017$00 e as perspectivas são, na opinião dos técnicos da Misericórdia, de se manter essa progressão.

"Não há divergências no Governo quanto ao pacote laboral"

— diz Amândio de Azevedo

O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, anunciou ontem que a revisão das leis laborais será efectuada pelo Governo através de autorização legislativa.

Em entrevista ao programa da Rádio Renascença «Cartas na Mesa», o ministro justificou aquele método por questões de calendário da Assembleia da República e pela complexidade daquela legislação, em que os diversos pontos estão interrelacionados.

Acrescentou que o problema fundamental é o de cumprir o prazo do acordo entre os dois partidos da coligação que no caso da revisão da legislação laboral termina em Maio.

Abordando as questões internas do PSD, Amândio de Azevedo afirmou que apoiará Mota Pinto, caso este venha a candidatar-se à presidência do partido no seu próximo congresso.

Quanto às presidenciais, afirmou: «Se todos os militantes do PSD conseguirem a unidade, podemos e devemos desempenhar um papel muito relevante nas eleições presidenciais».

Relativamente ao chamado **pacote laboral**, Amândio de Azevedo assinalou que o PSD aceitou ir para o Governo porque entende que a sua presença pode viabilizar reformas essenciais para o País.

Sublinhou que a questão da revisão da legislação laboral foi contemplada logo no acordo PS/PSD e sublinhou que a coligação esteve para não se concretizar por causa daquela questão.

O ministro do Trabalho garantiu que não à divergências no Governo quanto à revisão da legislação laboral e está perfeitamente consciente do que significam estes projectos.

Adiantou que aqueles projectos já passaram duas vezes pelo Conselho de Ministros, uma antes de ser apresentado ao Conselho Superior de Concertação Social e outra antes de ser posto à discussão pública.

O ministro do Trabalho considerou que Portugal não pode aproximar-se do nível das economias europeias com regalias superiores para os seus trabalhadores, defendendo que pelo contrário tem porventura de se abdicar de regalias porque as empresas portuguesas são menos rentáveis.

Relativamente à possibilidade, prevista no projecto de nova legislação laboral, de um trabalhador despedido sem justa causa poder não ser reintegrado, Amândio de Azevedo perguntou se alguém pode obrigar um empresário, que tem um conflito grave com um trabalhador, a recebê-lo dentro da empresa.

O responsável pela pasta do Trabalho afirmou que a situação actual está equilibrada com um regime extremamente rígido de despedimento e um regime extremamente permissivo de contratação a prazo.

Abordando o problema dos salários em atraso, Amândio de Azevedo disse que o Governo tem sempre responsabilidade política mas declarou ter a consciência tranquila por ter feito tudo o que estava ao seu alcance para o resolver.

1.º de Maio em Lisboa e no Porto

A União dos Sindicatos de Lisboa (USL) divulgou o programa comemorativo do 1.º de Maio no distrito, do qual consta a já tradicional corrida internacional, que conta este ano com numerosos atletas, nomeadamente da RDA, URSS, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, além de portugueses.

A prova (de 15 quilómetros) terá início às 10 e 45, com partida do Estádio 1.º de Maio, passando pela Avenida da Liberdade, Rossio e Avenida Almirante Reis. O final será igualmente no Estádio 1.º de Maio.

A entrega dos prémios da corrida será feita num palco montado na Alameda Afonso Henriques, às 14 horas.

Os festejos incluem ainda alvorada em diversos locais do distrito; uma manhã infantil na Alameda; um programa musical; e uma concentração no Martim Moniz, às 14 horas, seguida de desfile para a Alameda, onde haverá um comício. O espectáculo de encerramento, que terá início às 17 horas, contará com a presença de Carlos Mendes e os grupos Cantarabril e Seara Verde.

No Porto, as comemorações iniciam-se amanhã, com deposição de flores nas campas dos mortos do 1.º de Maio de 1982, no Cemitério do Prado do Repouso. À noite haverá um espectáculo musical na Praça Humberto Delgado, com Samuel e o grupo Raízes.

O dia dos trabalhadores será preenchido com um concerto pela Banda de Gondomar, corrida 1.º de Maio, festa da criança, e dois encontros de futebol.

De tarde haverá uma manifestação, comício e desfile seguido de um espectáculo com a presença de Paulo de Carvalho.

As comemorações no Porto decorrem este ano subordinadas ao lema «Por Abril, com o Povo, Maio exige Governo Novo».

Eleições nos Bancários

Lista A compromete-se a manter filiação na UGT

A lista A, de unidade, candidata aos corpos gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, nas eleições que se realizam amanhã enviou-nos uma nota em que desmente notícias veiculadas por alguns órgãos de Comunicação Social, segundo as quais a sua vitória significaria uma vitória da CGTP.

«Tal não traduz minimamente a posição da lista A, diz a nota, que assumiu o compromisso de manter a filiação na UGT e cumprir todas as obrigações inerentes, até que outra seja a deliberação da Assembleia Geral, admitindo-se até como possível, neste caso, a não filiação em qualquer central.»

A nota diz ainda que, segundo o «Expresso», o candidato da Lista A, Daniel Cabrita, teria afirmado que a sua lista poderia impugnar as eleições, no caso de sair vencedora a Lista B, o que também «não corresponde à verdade».

Acrescenta que «o que foi dito, isso sim, é que a direcção em exercício, ao fazer aprovar o presente regulamento eleitoral, teve em vista criar condições para poder impugnar as eleições, no caso de sair vencedora a Lista A».

A lista B é afecta à actual direcção. Concorrem ainda ao acto mais duas listas: a C, constituída por elementos do MRPP; e a D, afecta ao CDS.

"Leite do dia" vai faltar amanhã

Lisboa vai ficar amanhã privada do chamado «leite do dia», em consequência da greve de 24 horas que está a decorrer na UCAL, e que, segundo um informador sindical, regista uma adesão de 96 por cento.

De acordo com a mesma fonte, os trabalhadores da UCAL apenas se comprometeram a garantir, durante a paralisação, o abastecimento de leite aos serviços públicos de saúde.

A greve, convocada pelos sindicatos afectos à CGTP, e que termina às 21 horas, abrange 85 por cento dos trabalhadores da UCAL e deve-se a divergências salariais e a alterações de horários sem acordo dos funcionários.

O informador sindical disse ao «DL» que a fábrica principal da UCAL não tem recebido hoje nenhum leite, por estar totalmente parada.

Com 3 meses de salários em atraso

Gerência da Interlastex abandona a empresa

As 45 trabalhadores da Interlastex, empresa de confecções elásticas, de Alferragide, acusam a entidade patronal de ter abandonado a empresa, que lhes deve três meses de salários, apesar de ter recebido 14 100 contos para satisfazer aquele compromisso. Isto porque, segundo afirmaram ao «DL», «organismos competentes, apoiados pelos responsáveis do Governo, permitem estas situações».

Esta empresa ficou sem energia eléctrica a partir de 20 de Março, por falta de pagamentos e o patrão muito raramente aparece na empresa e recusa-se a dialogar com as trabalhadores. «Quando aparece, afirmam, é sempre acompanhado pelos seus **jagunços**, que tentam hostilizar as trabalhadoras com atitudes provocatórias».

As trabalhadoras pediram a intervenção da Inspecção de Trabalho em Agosto do ano passado («porque esta situação já se arrasta desde essa data»), mas só passados sete meses é que os agentes lá apareceram «para concluirem que a situação era a mais **normal** de todas».

Afirmam que o patrão tem outra empresa do mesmo ramo, «para onde tem desviado todo o trabalho que a Ineterlastex executava, tendo vindo já diversas vezes buscar equipamento e outros materiais para levar para onde muito bem entender».

As trabalhadoras dizem ainda que têm tentado opor-se a tais situações, «dentro das suas capacidades», conjuntamente com os seus organismos de classe, nomeadamente o sindicato do sector, a fim de evitar uma maior degradação da empresa.

Declararam igualmente que têm desenvolvido contactos com todos os órgãos de soberania, «para denunciar esta situação» e apelam para a solidariedade de todos os trabalhadores para a sua luta, que se prende com «o direito ao trabalho e ao salário e contra a prepotência e a corrpução».

UGT não aceita "alteração selvagem" das leis laborais

O secretário geral da UGT afirmou no Porto que a sua organização sindical admite alguma revisão da legislação laboral, mas não admite «reivindicações avulsas», como é o caso da lei dos despedimentos.

«De facto, a economia portuguesa não melhoraria com uma alteração selvagem da legislação laboral» — frisou Torres Couto ao intervir no encerramento de um colóquio sobre «O plano do Sindetex para a modernização do sector têxtil» e que durante dois dias decorreu num hotel do Porto.

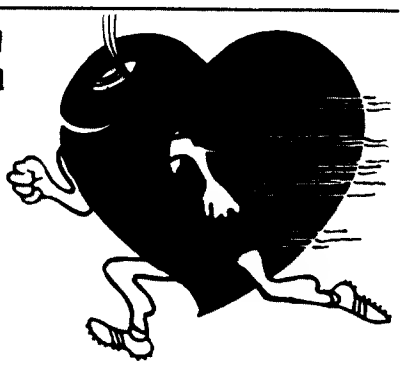
Para Torres Couto o que importa «é que o País e todos nós consigamos somar algumas vitórias».

A UGT — disse concorda com a «afirmação do patronato, segundo a qual há que pôr o mercado a funcionar, mas acrescenta que tal tem de fazer-se em articulação com uma planificação económica».

Torres Couto considerou a posição patronal como uma posição mais política do que empresarial, porque pretende, no fundo, discutir a organização do trabalho a nível de empresa.

«A economia portuguesa precisa — segundo o dirigente da UGT — do choque da CEE em ordem a uma reconversão industrial e à modernização económica».

GRANDE PRÉMIO DE ATLETISMO
«CORRE, CORRE, CORAÇÃO CORRE»



DIA 12 DE MAIO DE 1985

fundação portuguesa de cardiologia

Inscrições — início dia 17 de Abril
— encerramento dia 5 de Maio

SECRETARIADO:
Dep. de Relações Públicas da FIDELIDADE
R. Almirante Barroso, 32 - 5º LISBOA — Tel. 57 60 57

Hoje mesmo, em Lisboa

Negociações fulcrais com a Espanha nas pescas e no comércio

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, disse ser necessário concluir as negociações bilaterais com Portugal o mais tardar até amanhã, data da última reunião do Conselho de Ministros da CEE antes da data prevista para a assinatura do tratado de adesão dos países ibéricos. Se não houver acordo, a data da adesão será preterida inexoravelmente.

Fernando Moran, que hoje conferencia em Lisboa com o seu homólogo português, Jaime Gama, reconheceu haver, ainda, algumas dificuldades negociais a ultrapassar, em especial no sector pesqueiro, mas que espera resolver por se impor «o bom senso». Esta reunião em Lisboa com Jaime Gama é fulcral para os dois países regularizarem as suas relações no período da pré-adesão à CEE, sem a interferência da própria Comunidade Europeia.

O ministro espanhol admitiu que «é possível que se não chegarmos a acordo, tenhamos que recorrer à CEE, não no sentido de que se estabeleça uma arbitragem decidindo posições, mas aplicando-nos o período transitório que acordou com cada um dos países».

Fernando Moran tem previsto regressar a Madrid hoje ainda, pois na terça-feira deverá reunir-se com os ministros comunitários para ultimar alguns temas pendentes nas negociações bilaterais da Espanha com a Comunidade.

Portugal não cede?

Entretanto, uma fonte oficial portuguesa disse à agência NP que o acordo de pescas entre Portugal e Espanha poderá não ser assinado hoje «a menos que o Governo espanhol reveja a sua posição sobre o assunto».

A mesma fonte salientou que o optimismo manifestado pelo ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, quando afirmou (sexta-feira em Madrid) que os dois países «vão finalmente assinar o acordo de pescas», só será concretizado se a Espanha apresentar propostas flexíveis que permitam chegar a um acordo.

Fernando Moran está em Lisboa, chefiando uma delegação de 18 pessoas, para debater com Jaime Gama a coordenação fas relações entre Portugal e a Espanha, no âmbito da adesão à CEE.

«Portugal apresentou um documento enquadrador das relações de pescas entre os dois países, enquanto que a Espanha continua a insistir no falar ce boca» — disse a mesma fonte.

O Governo português continua a exigir um regime de reciprocidade nas suas relações pesqueiras com Espanha e não abdica de pontos que considera fundamentais, como a não-atribuição de qualquer licença a barcos espanhóis dentro da zona das 12 milhas ou para a captura de crustáceos — garantiu.

Banco Mundial empresta 10,5 milhões de contos

O Banco Mundial vai conceder a Portugal um empréstimo de 66 milhões de dólares (10,5 milhões de contos) para melhoramentos no porto de Sines, foi ontem anunciado em Washington.

Será de 176,2 milhões de dólares o custo total do projecto, que se destina a desenvolver o único porto português capaz de receber grandes navios carregados de carvão, disse o Banco.

O projecto inclui instalações para uma central térmica accionada a carvão, em Sines, e cuja conclusão está prevista para breve, acrescentou. O empréstimo será por 13 anos, com juro variável — agora de 9,29 por cento — baseado no custo dos empréstimos solicitados ao Banco.

Professor norte-americano para o aço português

Um especialista norte-americano foi convidado pelo governo português para efectuar um estudo sobre a indústria em Portugal nomeadamente no sector do aço. Trata-se de Richard Thorn que se deslocou a Portugal por iniciativa conjunta da Associação Portuguesa de Economistas (APEC) e da Embaixada dos EUA em Lisboa e aqui vai regressar em Maio para se debruçar sobre a indústria do aço, sector em que é largamente experimentado.

Richard Thorn desempenha, actualmente, funções de professor de Economia na Universidade de Pittsburgh, nos EUA, e de professor convidado na Universidade de Paris I (Pantheon).

Industriais japoneses avaliam investimentos

Uma delegação de industriais japonesas encontra-se em para contactos com a Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) e a Associação Industrial Portuguesa (AIP).

A visita vem na sequência de outras que os mesmos industriais estão a efectuar a vários países da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA), de que Portugal faz parte, ainda.

Durante a visita, a missão comercial japonesa abordará questões ligadas às relações bilaterais no âmbito do mercado europeu alargado (EFTA/CEE), ao acesso dos produtos nacionais ao mercado japonês, às possibilidades de Investimentos japoneses em Portugal e às hipóteses de cooperação no domínio tecnológico e de «know-how» industrial entre os dois países.

Neste sentido, realizar-se-á hoje uma reunião de trabalho com a CIP e a AIP, num hotel da capital.

Consumo de vinho do Porto aumentou este ano

A exportação do vinho do Porto nos dois primeiros meses deste ano elevou-se a 73,4 mil hectolitros, mais 20,7 por cento que em igual período de 1984, informou o Instituto do Vinho do Porto.

O consumo nacional deste produto em Janeiro e Fevereiro do corrente ano aumentou 12,1 por cento, em comparação com os valores registados em 1984.

Preparação da cimeira de Bona

SPD acusa EUA de provocação

O porta-voz do grupo parlamentar social-democrata alemão, na oposição, acusou ontem os Estados Unidos de prepararem de forma «completamente provocatória» a cimeira dos países mais industrializados do Ocidente, que se realizará em Bona de 2 a 4 de Maio.

Wolgang Roth, vice-presidente do grupo parlamentar do SPD acusou ainda o governo de Washington de «ingerência na política social» dos países europeus, com a exigência da adopção de medidas que limitem os direitos sociais dos trabalhadores e rebaixem os salários, com o pretexto de reduzir o desemprego.

O SPD exigiu do governo de Bona que rejeite as exigências norte-americanas e procure que a próxima cimeira adopte medidas concretas e significativas, em lugar de se limitar a um «circo político» como as anteriores reuniões de Williamsburgo e de Londres.

Os sociais-democratas alemães pedem também que os chefes de Estado das nações mais desenvolvidas se debrucem sobre os problemas dos países subdesenvolvidos, estabelecendo acordos para relançar o diálogo Norte-Sul.

O SPD considera que uma das medidas a adoptar deve conceder novos prazos, mais dilatados, para o pagamento das dívidas dos países em vias de desenvolvimento e o perdão completo das dívidas dos países mais pobres do mundo.

Os sociais democratas alemães propõem um controlo rigoroso para limitar as exportações de armas para os países do Terceiro Mundo.

Entre as propostas que o grupo social-democrata do parlamento de Bona deseja incluir na agenda da próxima cimeira figuram a drástica redução do défice orçamental dos Estados Unidos e a eliminação de todas as medidas proteccionistas adoptadas pelos países mais industrializados.

O SPD considera que o Japão deve ser obrigado a abrir os seus mercados às exportações estrangeiras.

Para a Europa, o SPD preconiza o aumento do investimento público, e a adopção de diversas medidas destinadas a estimular os investimentos privados, como forma de aumentar o crescimento económico europeu, nomeadamente na RFA e Grã-Bretanha.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por, unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	76$45	82$45
ALEMANHA FED (marco)	53$30	56$40
ÁUSTRIA (xelim)	7$80	8$00
BÉLGICA (franco)	2$585	2$785
BRASIL (Cruzeiro)	$020	$035
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$75	129$75
(notas de 5 a 1000)	128$25	130$25
DINAMARCA (coroa)	15$35	15$75
ESPANHA (peseta)	$937	1$057
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	174$80	176$80
(notas de 5 a 1000)	175$30	177$30
FINLÂNDIA (marka)	26$50	27$10
FRANÇA (franco)	18$10	18$80
HOLANDA (florim)	48$85	49$85
IRLANDA (libra)	173$90	177$90
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$669	$699
NORUEGA (coroa)	19$15	19$65
REINO UNIDO (libra)	209$55	215$55
SUÉCIA (coroa)	19$10	19$70
SUÍÇA (franco)	66$20	67$30
VENEZUELA (bolívar)	11$00	12$15

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Congresso marcado para 13 a 16 de Junho

Hotelaria quer ligar a Europa e a África

A hotelaria portuguesa quer afirmar-se como placa giratória entre a Europa e a África, disse o presidente da Associação dos Hotéis de Portugal, Emílio Pinheiro em conferência de Imprensa para apresentação do III Congresso de Hotelaria e Turismo marcado para o mês de Junho, no Algarve.

Segundo Emídio Pinheiro, o Congresso previsto, para os dias 13 a 16, em Montechoro irá decorrer «sob as perspectivas europeias e dos países de expressão oficial portuguesa». O general Eanes presidirá à sessão de abertura do Congresso, contando os organizadores com a presença de Mário Soares na sessão de encerramento.

Subordinadas ao tema geral «A Hotelaria em Novos Espaços Económicos», os trabalhos do Congresso terão a participação de responsáveis políticos e económicos dos sectores da hotelaria, turismo e transporte aéreo dos países de expressão oficial portuguesa, Espanha, Grécia e Irlanda, bem como outras personalidades nacionais e estrangeiras.

O presidente da Associação dos Hotéis, Emídio Pinheiro (terceiro a contar da esquerda) apresentou no Porto o Congresso da Hotelaria marcado para o mês de Junho, no Algarve

Aos trabalhos dos diferentes temas a debater, presidirão entre outros membros do Governo, os ministros do Comércio e Turismo, dos Negócios Estrangeiros e o secretário de Estado do Turismo.

Emídio Pinheiro sublinhou, também, como factor de relevo da actividade hoteleira em Portugal o seu contributo para o equipamento da balança comercial. «O turismo é uma força de grande capacidade nas nossas exportações e é um importante factor de troca nas relações com outros países» — disse.

Entre os temas a debater figuram: «A Hotelaria Portuguesa na perspectiva da Integração Europeia», a «Hotelaria na perspectiva dos países de expressão oficial portuguesa», «Plano Nacional de Turismo», «Hotelaria e Transportes», «Hotelaria, Turismo e Comunicação Social» e «Problemática financeira e fiscal».

Paralelamente aos trabalhos do Congresso, decorrerá uma mostra de equipamento hoteleiro.

24 HORAS

Brasil atómico

O Brasil terá a sua primeira bomba atómica em 1990, segundo declarações de um ex-ministro militar ao diário «Folha de São Paulo».

A bomba está a ser fabricada pelo Instituto de Investigações Energéticas e Nucleares (IPEN) da Universidade de São Paulo e pelo Instituto de Estudos Avançados do Centro Tecnológico de Aeronáutica, na cidade de S. José de Campos, no interior do Estado de São Paulo.

O programa está a ser realizado por forma autónoma e à margem dos acordos nucleares assinados há uma década entre o Brasil e a Alemanha Federal, ao que afirmou o ministro, cujo nome não foi revelado.

A Espanha e os EUA

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, advertiu os Estados Unidos de que a Espanha denunciará o acordo de defesa entre os dois países, se não for negociada a redução das tropas norte-americanas estacionadas em Espanha.

Moran disse que as negociações para a redução do contingente norte-americano estão previstas para «antes do referendo sobre a NATO prometido pelo governo de Felipe Gonzalez quando chegou ao poder, a 1 de Dezembro de 1982.

A advertência de Moran surge na sequência de declarações recentes do secretário norte-americano adjunto para a Europa em Assuntos de Defesa, Tom Burt, segundo o qual quando Reagan for a Madrid, «não está preparado para negociar, mas para conhecer a posição do (primeiro-ministro Felipe Gonzalez) sobre a redução de tropas norte-americanas em Espanha».

Campos de concentração

O presidente francês, François Mitterrand, visitou ontem o antigo campo de concentração nazi de Struthof, o único criado em território francês durante a guerra.

Mitterrand espalhou flores sobre uma vala comum e depois caminhou sozinho por entre algumas filas de sepulturas deste antigo campo de concentração situado nos Montes Voges, no Nordeste de França, a 60 quilómetros de Estrasbugo.

Sudão-Líbia

O novo ministro da Defesa do Sudão, brigadeiro Osman Abdullah Mohammed, afirmou que o líder líbio, coronel Moammar Khadafy, prometeu deixar de ajudar os rebeldes secessionistas do Sul do Sudão.

Foi-nos até dito que ele deu ordens nesse sentido, disse Mohammed, de passagem por Doha, Qatar, no âmbito de uma viagem por Estados árabes para dar a conhecer o regime saído do golpe de Estado de 6 de Abril que depôs Gafar Nimeiri.

Atentados na RFA

TRÊS atentados bombistas causaram hoje elevados prejuízos materiais em edifícios administrativos em Colónia e Dusseldórfia, mas não causaram vítimas, revelou a Polícia alemã-federal.

As três bombas explodiram num período de oito minutos. A explosão em Colónia provocou estragos calculados em 100 mil marcos (cerca de 5500 contos), no edifício de escritórios do grupo químico Hoechst.

Vaivém vai hoje

O vaivém espacial norte-americano «Challenger» deverá ser lançado hoje à tarde, transportando sete astronautas, um casal de macacos, duas dúzias de ratos e o laboratório espacial europeu Spacelab.

Esta será a décima sétima missão dos vaivéns espaciais e a sexta da nave «Challenger».

O laboratório espacial Spacelab deverá ser a peça central desta viagem de sete dias no «Challenger».

Agitação na Índia

FORÇAS de segurança no Estado de Gujarat, no Ocidente da Índia, prenderam domingo centenas de pessoas que se manifestavam contra a política governamental de reservar empregos e lugares nas universidades para as castas mais altas.

A emissora All Índia noticiou que 200 pessoas foram detidas em Surat, depois de a Polícia ter utilizado armas de fogo contra 30 mil manifestantes que incendiaram uma colónia de casas degradadas, destruindo pelo menos 200 habitações.

Por causa do cemitério de Bitburgo

A maior crise nas relações entre Washington e Bona

A recusa do chanceler federal, Helmuth Kohl, em aceitar pedidos norte-americanos para a anulação de etapas do programa da visita do presidente Reagan à RFA, consideradas polémicas, ameaça transformar-se na maior crise diplomática germano-americana do pós-guerra, afirmam unanimemente comentadores políticos alemães-federais.

Isto está a transformar-se numa catástrofe e modificará drasticamente a nossa relação com Kohl — afirmou um conselheiro da Casa Branca citado pelo semanário de Hamburgo «Der Spiegel» hoje (segunda-feira) posto à venda.

O chefe da coligação cristã-liberal (CDU-CSU/FDP) de Bona não se mostrou até agora disposto a ceder às pressões do Senado e da Imprensa norte-americanas, bem como da oposição alemã-federal, para riscar do programa da visita uma cerimónia no Cemitério de Bitburg destinada a prestar honra à memória dos soldados alemães mortos na guerra.

Nos Estados Unidos, 257 membros da Câmara dos Representantes e, segundo as sondagens, 55 por cento dos cidadãos norte-americanos, não concordam com a cerimónia por no cemitério estarem igualmente sepultados 50 membros da organização repressiva nazi, Waffen-SS.

O governo alemão-federal considera injustificadas as acusações de que com a visita a Bitburg Reagan irá contribuir para «ilibar os crimes nazis» alegando que no programa está igualmente prevista uma visita ao campo de concentração de Bergen-Belsen com a finalidade de prestar homenagem à memória das vítimas do regime hitleriano.

O presidente Reagan num discurso radiofónico pronunciado no fim-de-semana, embora não tivesse tocado directamente na questão de Bitburg, reafirmou a sua disposição em comemorar o 40.º aniversário do fim da guerra «como o aniversário da paz e do início de uma nova era das relações com antigos inimigos».

Numerosas coroas de flores foram ontem colocadas no campo de concentração de Dachau para comemorar o 40.º aniversário da libertação (Telefoto DPA/NP/«DL»)

Reagan, que antes deu a garantia formal a Helmuth Kohl de que cumpriria o programa proposto por Bona, segundo os observadores, verifica com bom grado a suspensão da ida a Bitburg para evitar dificuldades políticas internas.

A oposição social-democrata (SPD) teceu duras críticas à forma como a visita de Reagan foi programada acusando o chanceler «pelos lamentáveis falhanços verificados».

«Eu tenho vergonha pelo meu governo», afirmou hoje o secretário-geral do SPD, Peter Glotz. O chefe do grupo parlamentar social-democrata, Hans Jochen Vogel, manifestou-se céptico quando à possibilidade de as relações Washington-Bona não serem afectadas mesmo que a visita seja ainda alterada. A hipótese é no entanto considerada pouco provável pelos observadores dadas as pressões a que Helmuth Kohl está sujeito dentro do seu próprio partido (União Cristã-Democrata, CDU).

O líder parlamentar do CDU, Alfred Dregger numa entrevista radiofónica reconheceu que a polémica afecta as relações germano-americanas aconselhando a «limitar os seus efeitos negativos». Dregger opõe-se terminantemente à suspensão da visita a Bitburg considerando que isso representaria uma «ofensa ao povo alemão».

No seio da maioria cristã-liberal, o chefe do governo regional da Baviera, Franz Josef Strauss (CSU), parece ser um dos poucos que defende a anulação daquela parte da visita propondo a sua substituição nas cerimónias simbólicas naquele Estado federado.

Alguns órgãos da Imprensa alemã-federal referem hoje que na chancelaria alemã-federal já foi decidida a anulação da deposição de uma coroa de flores por Reagan no Cemitério de Bitburg bem como não serão tocados os hinos nacionais dos dois países.

Apesar de tudo, esta solução não satisfaz os críticos nem fornece argumentos suficientes ao governo de Bona para pôr termo às actuais fortes pressões políticas a que está sujeito.

Observadores em Bona consideram que se a ida de Reagan a Bitburg se concretizar, como tudo parece indicar, o principal prejudicado será o chanceler Helmuth Kohl, que será responsabilizado pela crise que isso inevitavelmente acarretará para as relações germano-americanas.

Brasil

A nau tormentosa de José Sarney

O presidente brasileiro José Sarney completou domingo a sua primeira semana no poder, enfrentando crescente descontentamento laboral e um debate sobre possíveis tentativas para reduzir o seu mandato de seis anos.

Sarney, que era vice-presidente, tornou-se o primeiro chefe de Estado civil brasileiro após 21 anos de poder militar quando o presidente-eleito, Tancredo Neves, morreu há oito dias sem tomar posse.

O novo líder prometeu levar a cabo o programa de reformas de Tancredo Neves, incluindo uma nova Constituição que será elaborada por uma Assembleia especial em 1987.

Esta Assembleia Constituinte determinará qualquer redução do mandato do presidente — afirmou Sarney. Conselheiros garantem que Sarney prefere um mandato de quatro anos.

No entanto, políticos de esquerda, particularmente os do pequeno Partido dos Trabalhadores, liderado pelo sindicalista Lula da Silva, e o governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, exortaram a uma mais rápida eleição.

Juristas disseram que o congresso tem o poder de alterar a Constituição por uma maioria de dois terços, reduzir o mandato de Sarney e convocar eleições gerais.

Políticos crêem que qualquer tentativa imediata do Congresso naquele sentido poderá fracassar, mas interrogaram-se sobre o efeito de uma possível campanha de manifestações públicas, como a que se verificou em 1984, quando milhões de pessoas exigiram nas ruas eleições populares directas.

Líderes empresariais e jornais de grande circulação juntaram-se aos apoiantes de Sarney, apelando para que o presidente permaneça, pelo menos, quatro anos no cargo.

«A especulação quanto a eleições deve acabar, o país tem problemas cruciais a resolver» — sublinhou o presidente do Congresso, Ulisses Guimarães.

Em São Paulo, cerca de 280 mil trabalhadores metalúrgicos prosseguem uma greve que dura há 20 dias. Empresas de automóveis como a Ford, a General Motors, a Volkswagen e a Mercedes Benz são as mais atingidas pela paralisação. Um porta-voz industrial referiu que os prejuízos são de pelo menos 250 milhões de dólares devido aos 30 mil veículos não fabricados.

No Rio de Janeiro, trabalhadores do Metropolitano entraram na terceira semana de greve, enquanto colegas em São Paulo advertiram que vão paralisar hoje ao meio-dia local.

Todos estes trabalhadores em greve exigem um aumento dos salários reais, acima da taxa de inflação, que atinge os 234 por cento.

Líderes sindicalistas afirmaram que os salários baixos sofreram uma maior degradação durante o regime militar e em particular nos últimos três anos de recessão económica.

Os conselheiros de Sarney estão convencidos de que poderá haver espaço para um pequeno aumento do salário mínimo semanal, que equivale actualmente a pouco mais de dois mil escudos, mas a Administração continua, de um modo geral, empenhada em fazer do combate à inflação a principal prioridade.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) que regula a política brasileira para fazer face a uma dívida externa de mais de cem mil milhões de dólares, não está satisfeito

Reagan prevê acção militar contra a Nicarágua

Presidente Ortega visita a URSS

O presidente da Nicarágua (ao centro) recebido ontem em Moscovo (Telefoto TASS/NP/«DL»)

O presidente nicaraguense, Daniel Ortega, chegou ontem a Moscovo, na primeira etapa de uma visita pelos países do Leste da Europa em busca de auxílio económico — informou a agência TASS.

O membro do Politburo e vice-primeiro-ministro, Geidar Aliyev recebeu Ortega e a sua comitiva no aeroporto.

Desconhece-se o programa da visita de Daniel Ortega a Moscovo, mas julga-se que ele seja recebido pelo primeiro-ministro Nikolai Tikhonov, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko e, possivelmente, pelo principal dirigente do Kremlin, Mikhail Gorbachov.

Durante a viagem de Manágua para Moscovo, Ortega fez escala em Havana, onde se avistou com o presidente Fidel Castro para uma troca de impressões sobre a situação na América Central.

Entretanto isto, o ministro do Interior da Nicarágua, comandante Tomas Borge, afirmou que o seu governo não negociará com «somozistas».

Borge disse que o Estado-Maior da Força Democrática Nicaraguense (FDN) integra sete ex-oficiais da Guarda Nacional do antigo ditador Somoza e defendeu que todos os responsáveis da FDN são «torturadores, assassinos e violadores».

Borge não referiu a Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), liderada pelo antigo dirigente sandinista Eden Pastora.

Por seu turno, o coordenador da Comissão Política da Frente Sandinista, comandante Bayardo Arce, salientou que em caso de uma agressão norte-americana não se pode esperar que a ajuda venha do exterior.

«Não penso que a ajuda caía do céu» — disse Arde, ao falar sábado no encerramento da Assembleia Nacional de uma organização de mulheres sandinistas.

Reagan

O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, encarregou os seus assessores de estudar uma nova proposta para continuar o apoio aos antisandinistas — informaram sábado em Washington fontes oficiais.

Reagan pediu ao secretário de Estado, George Shultz, e ao conselheiro para a Segurança Nacional, Robert MacFarlane, que analisem as medidas possíveis para pressionar o governo sandinista a dialogar com a oposição armada.

A resolução do presidente dos Estados Unidos foi tomada depois do Congresso ter rejeitado a semana passada uma proposta da Casa Branca que estabelecia a concessão de 14 milhões de dólares aos contra-nicaraguenses, disseram as fontes.

Segundo as mesmas fontes, Reagan pediu a Shultz e MacFarlane para lhe apresentarem, antes da partida, terça-feira para a Europa, um relatório sobre a situação após o revés legislativo.

As fontes revelaram que, com base nesse relatório, Reagan deverá solicitar, a curto prazo, ao Congresso 28 milhões de dólares para os contras, no quadro do orçamento de 1986.

Entretanto, o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, afirmou que será analisado um «amplo leque» de medidas para pressionar o governo de Manágua a negociar uma solução para o conflito.

Entre as medidas possíveis, figuram acções militares por parte dos Estados Unidos, consideradas por observadores políticos como último recurso, que a administração Reagan, utilizaria, caso não fossem alcançados os seus objectivos.

Estes contemplam uma negociação entre o governo de Daniel Ortega e a oposição, a retirada de todos os assessores cubanos da Nicarágua, a cessão da ajuda sandinista aos contras, salvadorenhos e a convocação de novas eleições gerais, disse Speakes.

Centenas de prisões no Chile

Governo de Bona vai apoiar Pinochet

Dirigentes e militantes de partidos políticos da oposição chilena foram detidos na noite de sexta-feira quando participavam numa reunião política, confirmou o comissariado chileno de carabineiros.

Um total de 264 pessoas foram detidas pelas 22H00 de sexta-feira por forças de segurança chilenas, por «infracção à Lei 12 927 de segurança interna do Estado», afirmou um porta-voz dos carabineiros.

Segundo o diário «As Últimas Notícias», os detidos estavam reunidos na sede de um sindicato.

Aquele diário assinala que entre os detidos se encontram os dirigentes socialistas moderados Luís Maira e Manuel Mandujano e o ex-senador democrata-cristão Jorge Lavandero. Enquanto isto, a revista oeste-alemã «Der Spiegel» escreve que o general Pinochet contará com «um novo apoio do governo democrata-cristão liberal da Alemanha Federal».

O semanário baseia as suas afirmações em «documentos confidenciais» e num «plano secreto de quatro etapas, acordado pelos Estados Unidos e pela Alemanha Federal no princípio deste ano e aprovado no dia 17 de Janeiro pelo ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher».

Este plano sugere, entre outras coisas e de acordo com o «Der Spiegel», o envio ao Chile de «altos funcionários dos governos dos Estados Unidos, da Alemanha Federal e da Grã-Bretanha», evitando sempre a impressão de que se trata de «uma acção acordada de antemão».

A «nova linha do governo conservador de Bona» prevê, de acordo com o semanário alemão-federal, o «fomento de contactos entre os partidos germano-ocidentais e chilenos, até à elaboração de 'uma concepção realista de democratização' que sirva de base para o diálogo com o governo chileno», em Santiago.

Para o «Der Spiegel», o governo alemão-federal propõe-se também renunciar, no futuro, à aplicação de «sanções económicas à junta chilena e a incomodá-la com declarações de protesto» como as formuladas em Dezembro de 1983, em Santiago, pelo secretário-geral da União Democrata-Cristã, Heiner Gleissler.

Recomeça o julgamento de Buenos Aires

Reinicia-se hoje o julgamento dos ex-comandantes da juntas militares argentinas, com o testemunho do jornalista Robert Cox, interrompido na sexta-feira, quando foi acometido de crise nervosa ao recordar a «guerra suja».

Cox, que foi director do «Buenos Aires Herald», continuará a sua declaração precisamente uma semana após o ex-presidente Italo Luder ter aberto o histórico julgamento afirmando que «aniquilar as acções subversivas» não implica assassinar nem torturar milhares de concidadãos.

Fontes próximas do juiz Júlio Strassera consideraram «demolidas» as declarações do ex-director dos Direitos Humanos das Nações Unidas, Teho Van Boven.

«A diplomacia do Governo militar negava os factos e perante uma informação concreta sobre 3367 denúncias de desaparecimentos não houve uma única resposta», disseram fontes da assessoria.

Contudo, o advogado Andres Marutian, defensor do general Roberto Viola, afirmou que a primeira semana da audiência oral e pública fora «muito favorável» para os ex-comandantes.

Uma informação do jurista francês Luís Oinet, revelou que 55 por cento dos sequestros se produziram nos domicílios e lugares de trabalho dos detidos, o que mostrava que «não houve uma guerra», como pretendem os advogados de defesa.

Por não poder justificar o «estado de guerra revolucionária», a defesa tem-se limitado a questionar ideologicamente as testemunhas, bem como a procurar esclarecer os seus antecedentes, dizem os mesmos informadores.

Por seu lado, o juiz Strossera disse ter provas contundentes para demonstrar que mantiram os marinheiros que na terça-feira negaram ter havido presos encapuçados e com grilhões na Escola de Mecânica da Marinha.

Enquanto isto, o jornal «The Washington Post» escreve que qualquer aventura golpista na Argentina não encontraria actualmente o mínimo apoio externo e os seus promotores seriam imediatamente desacreditados a nível externo.

O diário norte-americano dedica, na sua edição de hoje, um extenso editorial ao recém-iniciado julgamento dos responsáveis do regime militar deposto, fazendo referência a avisos lançados recentemente pelo actual presidente sobre «intenções de golpe».

O «Post» classifica de «acontecimento extraordinário» o facto de uo Governo democrático processar legalmente as principais figuras do regime militar «que fizeram tábua rasa da lei e executaram milhares de inimigos reais e imaginários».

Prisões

A Polícia argentina deteve dois suspeitos relacionados com o incêndio num hospital psiquiátrico dos arredores de Buenos Aires, que causou, pelo menos, 80 mortos e 190 feridos.

Um dos detidos foi identificado como Carlos Braga, de 19 anos, por um empregado da cozinha do hospital, que o denunciou às autoridades.

Estre empregado disse à agência noticiosa argentina TELAM que Braga é um pirómano internado há algum tempo na clínica e que «há oito meses incendiou colchões na sala de terapia, provocando ferimentos nums 50 internados».

Até agora, foram retirados dos escombros 38 corpos carbonizados e as autoridades receiam que o número de mortos seja mais elevado do queas primeiras estimativas. Os feridos foram transportados para sete hospitais.

ANTÓNIO SALVADOR DUARTE

Sua mulher e filhas participam que no dia 30, pelas 19 h, na Igreja de Queluz, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este acto, bem como aos que o acompanharam à sua última morada ou de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Destruída pela RENAMO

Ponte ferroviária que liga à África do Sul

A Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) destruiu na noite de sexta-feira para sábado a ponte de caminho-de-ferro que liga a África do Sul, via Joanesburgo a Maputo — soube ontem a NP de fonte dos caminhos-de-ferro.

A ponte fica situada a 8 quilómetros da fronteira da África do Sul.

Ainda se não conhecem exactamente a extensão dos danos, dado que se encontra agora na zona uma Comissão de Verificação.

Fontes contactadas pela NP disseram que há diversas alternativas para a reconstrução da ponte, não sendo possível neste momento dizer com precisão quanto tempo vão demorar as obras.

O ataque da RENAMO aconteceu num momento estratégico, dado que segunda-feira devia passar pela ponte uma composição carregada de carvão comprado à África do Sul, a fim de abastecer a central eléctrica do Maputo.

O Sul de Moçambique está a ser abastecido de energia através desta central, em consequência do derrube de 31 postes de alta tensão por um temporal, no mês passado.

Os trabalhos da reconstrução da linha de alta tensão prosseguiam em ritmo acelerado.

«Este carvão havia sido pago a pronto e necessitávamos dele com urgência para continuar a fornecer energia à zona Sul, sobretudo à província do Maputo, a mais afectada pelo temporal», disse a agência NP uma fonte oficiosa.

A mesma fonte acrescentou que um desastre de tamanhas proporções, dado o local em que se verificou, só pode ter acontecido com a cumplicidade de alguns sectores da África do Sul.

Na semana passada, o ministro dos estrangeiros, Pik Botha, afirmou no Parlamento do Cabo que a África do Sul havia treinado a RENAMO e voltaria a fazê-lo, caso fosse necessário.

Falsa retirada

A África do Sul mantém tropas do seu exército regular dentro do território angolano, no obstante a «retirada» unilateralmente anunciada no passado dia 15, que os meios de comunicação social ocidentais veicularam a partir de correspondentes em Joanesburgo.

Isto mesmo tiveram a oportunidade de constatar jornalistas nacionais e estrangeiros que, quinta-feira última, se deslocaram à fronteira de Otchikango (antiga Santa Clara), onde foram recebidos pelo comandante da quinta região político-militar, tenente-coronel Salviano Sequeira (Kianda), pelo chefe do estado-maior da Comissão Militar Angolana Junto da Comissão Mista criada no âmbito dos Compromissos de Lusaca, assinados entre Luanda e Pretória, capitão Zeca Samuconga.

Unidades regulares do Exército sul-africano mantêm-se estacionadas na área de Kalueke, doze quilómetros para dentro do território angolano, assim como no Ruacaná, mantendo-se ao longo da fronteira um extenso contingente de unidades de contraguerrilha, convencionais, de cavalaria e policiais, o que, naturalmente, provoca um clima de grande tensão nesta parte da província do Cunene e torna iminentes novas agressões ou invasões.

O QUE PODERÁ GANHAR?
por vezes milhões de escudos!

MÁQUINAS – EQUIPAMENTO – FÁB. COMPLETAS

Diga-nos o que poderá vender ou até onde poderá colaborar, informar, etc.
Garante-se confidencialidade (s/fugas)

Resposta ao Apartado 10034 – 1019 LISBOA CODEDX

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 64819 para «APARELHO DE TRAVÃO E MÉTODO PARA A SUA UTILIZAÇÃO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.
1000 — LISBOA

Europeu de hóquei em Barcelos

Portugal já escuta o galo a cantar

pág. 18

Nosso râguebi entra na Europa

Pág. 18

Aurora Cunha: a 1.ª do ano em 5000 metros

Pág. 18

Varzim: incidentes agressões e "sururu"

Violentos confrontos entre espectadores e Polícia, dentro do Estádio e no exterior, depois do jogo terminado, assinalaram o encontro em que o Varzim e o Boavista empataram a um golo. Com feridos nas forças policiais e nos espectadores e duas longas interrupções de jogo (decididas pelo juiz Rosa Santos), o encontro conseguiu chegar ao apito final, quando se previa a paragem definitiva.

A «bronca» sucedeu aos 71 minutos (com o Boavista a vencer por 1-0) quando Manuelzinho caiu dentro da área boavisteira e o árbitro Rosa Santos apontou a marca do castigo máximo.

O público e os próprios jogadores ficaram à espera do que poderia ser a igualdade do Varzim, mas, de súbito, Rosa Santos apontou para a marca de pontapé de baliza, já com o juiz de linha em posição para a marcação do «penalty». O público partiu a vedação e tentou entrar em campo, mas a Polícia (que primeiro assistira sem se mexer ao derrube das defesas do rectângulo) acabou por se confrontar com a multidão e impedir a invasão de campo.

O jogo esteve interrompido durante 10 minutos, e depois de apelos à calma pelos altifalantes (inclusive do presidente da Câmara local) o jogo recomeçou. Quatro minutos depois, Miranda, num magnífico remate, igualava para o Varzim e, logo a seguir, do lado do estádio contrário ao dos sócios do Varzim, um objecto foi arremessado e atingiu o juiz de linha (Joaquim Madeira). Rosa Santos pretendeu acabar ali o jogo, mas os dirigentes varzinistas e boavisteiros insistiram no reatamento, o que acabou por suceder depois de os auxiliares do árbitro terem trocado de local.

Os incidentes provocaram ferimentos num guarda da PSP, que teve de ser suturado com dois pontos no sobrolho, no Hospital da Póvoa.

O Desporto

Alvalade ficou rendida à evidência

Porto veste de veludo e ouro

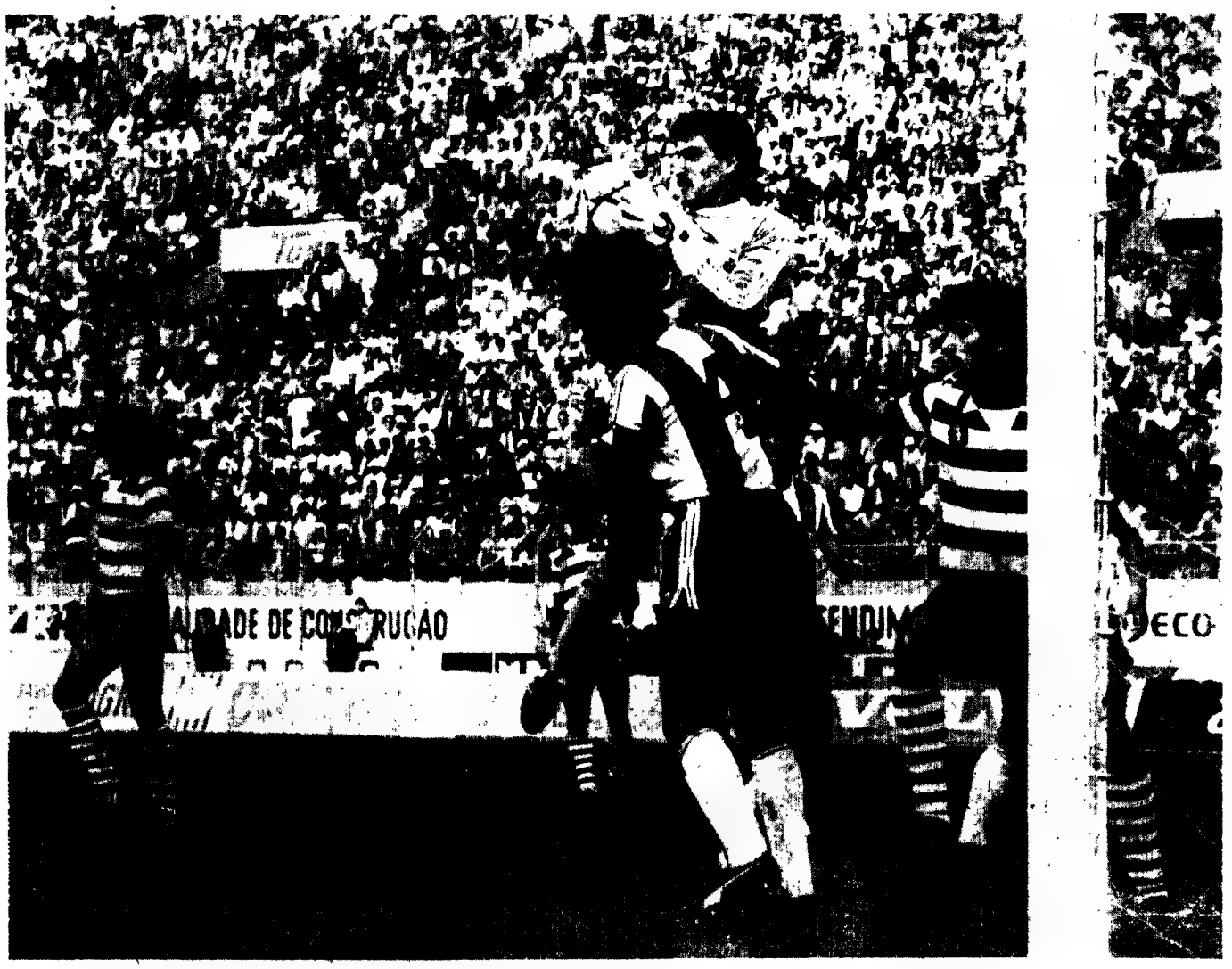
Neves de Sousa

Porto: um grande espectáculo de futebol, uma lição de táctica e técnica. Sporting: a aceitação tácita de estar perante uma equipa nitidamente superior e de não ter força nas pernas para conter a avalancha contrária. Plateia de Alvalade: um exemplo, raro e notável, de como deve se comportar-se quem assiste a um espectáculo desportivo, ainda que ele envolva os interesses mais elevados e coloque em equação perante grande rival a túrma menina dos seus olhos.

Não se registou o mais pequeno incidente, a clivagem mais subtil, o choque menos nítido entre as claques dos dois emblemas: e, para isso, deve ter contribuído a jornada conimbricense em que o querido companheiro de lides Wilson Brasil fez entrega dos «Gândulas», ao aproximar Pinto da Costa e João Rocha. Ontem, em Alvalade, ainda que cada emblema (logicamente) puxasse a brasa para a sua sardinha, chegou a imaginar-se que, olhando o topo norte do estádio, se vivia dentro do recinto das Antas, tal era o mar azul e branco que dominava a bancada. Depois, o colorido dos fumos, o também avassalante

Continua na pág. 16

Pinto da Costa: a alegria de um comandante



Zé Beto segura um ponto precioso: a invencibllidade portista em Lisboa

Frasco deixa passar a bola e o esférico seria desaproveitado por Gomes (foram da imagem) perante Damas e Carlos Xavier, que estão auxiliados pelo «capitão» Manuel Fernandes que teve de acorrer à sua defensiva

Porto: golos perdidos em série

Continuação da pág. 15

esvoaçar das bandeiras verde-brancas, tudo e mais uma «entourage» de luxo (generais, ministros, candidatos a presidentes da República, dirigentes de vários clubes, uma procissão de belezas emoldurando a central dos «vipes») a contribuírem para espectáculo que poderia ter ficado inesquecível em dois pavilhões: no nortenho, se os tiros de Gomes e Futre que esbarraram nos postes tivessem dado golos, mais em dois lances onde o artilheiro-mor desaproveitou uma «deixa» soberana de Frasco; no lisboeta se, em lugar do atento e sóbrio Damas, outro galo estivesse à porta da gaiola, permitindo que os muitos lances de Futre e Gomes chegassem a transpor o risco fatal. Seria (talvez) castigo demasiado para os «leões» que se bateram com muito brio e alta dignidade: mas, também, o prémio mais justo para nortenhos que, como passarinhos felizes, vão brincando com a concorrência até atingirem o trono real.

A festa (que meteu os «Heróis do Mar» a descerem de helicóptero para logo inundarem o sector da claque verde com os sons dos seus instrumentos) prolongou-se até às tantas: a multidão que veio da Invicta a desfilar, soberana e alegre pelas ruas rendidas à potencialidade do «team» de Artur Jorge e os amigos do Sporting a constatarem que, tal como o dr. Branco do Amaral acentuou um dia destes, a preparação física dos futebolistas do leão é precária. Deficiente. Um quase «bluf», pois não dá para uma hora bem espermida de corrida atrás das gazelas portuenses.

Queixa-se o Sporting de que não dispõe de qualquer artilheiro que jeito tenha para fazer muitos golos: Jordão preferiu a bancada, continua entregue a médicos, massagistas e actopuntoristas. Lamenta-se o emblema de João Rocha de não ter colocado em acção o patrão de meio-campo: Jaime Pacheco lá anda às voltas com a tal mazela que o joga também para os degraus de cimento, por acaso ontem muito bem acompanhado. E, quanto a Saucedo, nem sequer se pode ainda saber se faz (ou não) falta a um «team» desgarrado e sem esquema táctico à altura do contendor, com um improvisado lateral esquerdo que só deu fífia e nas canelas dos parceiros (Carlos Xavier) e um reduto central onde cada qual toca o que sabe e não entende nada disso do «association» criado lá pelos lados de Inglaterra, quando nasceu o futebol.

Por seu turno, igualmente Artur Jorge poderia, ficar ante a encruzilhada por não ter ao alcance o hábil e forte André: mas, (qual quê?) pelos vistos, lá pelas Antas os rapazes pegam de estaca e o jovem Semedo, pedindo passagem com uma velocidade doida, aí está para comprovar como o exército pode ser renovado a qualquer instante e perante qualquer contingência. Para isso é que existem suplentes, chamemos-lhe «reforços no banco», precisamente aquilo que escasseia no Sporting onde cada artista que é chamado a função é, normalmente, de acção inferior ao anterior.

Foi isto: o Porto perdendo golos sobre golos, alguns negados pela imperícia no remate fatal, muitos outros por Damas e postes de madeira, o Sporting a dispor somente de duas oportunidades desaproveitadas por Forbs (noma cabecinha muito ingénua) e num disparo de Manuel Fernandes, feito exactamente como os canones não mandam: com o tronco inclinado para trás, a fazer a bola ir parar ao céu. No resto, valeu aos leões a aplicação de Morato e Gabriel, Sousa e Mário Jorge. E, claro, Vítor Damas: não fora este quinteto de senhores jogadores e o Porto estava a esta hora no retratista, já de faixa enfiada.

Na outra cavalgada, Futre foi impressionante, Gomes desgastou até ao tutano tudo o que poderia ser oposição, Zé Beto e Eurico não tiveram a mais pequena falha, a habitual rudeza de Lima Pereira ficou compensada pela arte de Inácio. O centro das operações esteve óptimo: Quim e Vermelhinho sobressaíndo. Mas, sobretudo, a equipa valeu pelo seu todo, pelo tom de amizade e entusiasmo, saúde e euforia que Artur Jorge conferiu a uma rapaziada que (faça-se a maior justiça) já assim vinha encaminhada dos tempos de José Maria Pedroto. Artur Jorge prolongo-o: Toshack, talvez com problemas que não são do amplo domínio, não conseguiu fazer esquecer o futebol que o Sporting praticava quando por aqui morava Malcolm Alisson.

●

E, enquanto o Porto está de veludo e ouro, o Sporting fica a contas com uma fragilidade apenas combatida (ou obscurecida) pelo honesto compenetrar de profissionais de cabeça erguida. Que, conformados com a superioridade do rei, apenas se vão limitar a prestar vassalagem e a deixar o marfim correr. No fim de contas, morar bem à frente do Benfica já ajuda a dissipar todas as mágoas, não é verdade, Alvalade?

Neves de Sousa

Com uma quase impecável arbitragem de Raul Nazaré (que, lamentavelmente, deixou passar em claro duas faltas graves de Lima Pereira sem lhe mostrar os cartões correspondentes: amarelo na 1.ª parte e vermelho na reincidência, já no período complementar) o jogo teve como fiscais de linha os também setubalenses José Martins e António Jorge. As turmas:

Sporting: Damas; Morato; Gabriel, Oceano (Forbs, 22 minutos) e Carlos Xavier; Litos, Manuel Fernandes e Sousa; Lito (Fernando Cruz, 65), Eldon e Mário Jorge.

Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Semedo (Jaime Magalhães, 81), Frasco, Quim e Vermelhinho; Gomes (Quinito, 83) e Futre.

Cartão amarelo para Gabriel, Morato, Eldon, Sousa, Litos, Frasco e Quim.

TOTOBOLA

a "chave"

Sporting-Porto	x
Salgueiros-Benfica	2
Académica-Guimarães	1
Farense-Setúbal	1
Vasrzim-Boavista	x
Penafiel-Rio Ave	1
Belenenses-Braga	x
Vizela-Portimonense	2
Leixões-Chaves	1
Marco-Famalicão	x
Mangualde-E. Portalegre	1
Odivelas-Estoril	1
Olhanense-Martítimo	x

jogue connosco

Concurso n.º 18/85

Porto-Rio Ave	1
Varzim-Boavista	x
Paredes-Benfica	2
Espinho-P. Ferreira	1
Chaves-Aves	x
Feirense-Leixões	2
Estarreja-Torriense	1
Águeda-Elvas	x
Peniche-Covilhã	x
Alcobaça-U. Leiria	x
Mangualde-U. Coimbra	x
C. Piedade-U. Madeira	x
Sesimbra-Barreirense	1

Nacional de futebol

Só os aflitos ainda lutam

Cerca de 70 mil amigos do futebol viram (em Alvalade) o FC Porto superiorizar-se e, no final, comemorar a conquista antecipada do trono futebolístico desta área.

A equipa de Artur Jorge esteve melhor que um desgarrado Sporting, vítima de lesões, e com má preparação física, que acabou a partida com jogadores como Fernando Cruz e Forbs, habitualmente suplentes. O FC Porto, que nas duas anteriores deslocações a Lisboa vencera por 1-0 o Belenenses e o Benfica, esteve mais perto do sucesso e tanto Gomes como Futre tiveram remates ao poste da baliza de Damas, e a dois minutos do final os portistas reclamaram uma grande penalidade, alegadamente cometida por Forbs sobre Quim. Daí a pouco, jogadores, dirigentes e adeptos festejaram a mais que provável conquista do título, cuja festa está prevista para dia 12 de Maio, nas Antas.

O Benfica, há muito afastado da questão do título, está a subir de rendimento e, no sábado, provou isso mesmo no Estádio do Mar, fazendo 20 minutos de luxo, período durante o qual marcou três golos por Álvaro (57), Manniche (54) e Nunes (67). A seguir os «encarnados» descansaram e o Salgueiros aproveitou para reduzir a desvantagem com dois tentos de Tonanha (68 e 85).

Incidentes vergonhosos assinalaram a partida da Póvoa de Varzim, que esteve por duas vezes interrompida por decisão do árbitro Rosa Santos (Beja), porque um fiscal de linha (Joaquim Madeira) foi alvo de agressão. O Boavista adiantou-se no marcador aos 66 por Palhares (de «penalty»), mas, aos 85, Miranda empatou.

O Portimonense confirmou-se como candidato à Europa, não só pela vitória sobre o Vizela, mas da fórma como a alcançou: os algarvios estiveram a perder por 2-0 (Salvador, 20; Pita, 26), mas depois reagiram e acabaram por vencer, graças a tentos de Cadorin (43 e 84) e Pedroto (71, «penalty»).

O Belenenses também recuperou da desvantagem de um golo do brasileiro Zinho (52), mas foi incapaz de bater o Braga, empatando a cinco minutos do final, pelo britância David Byrne.

O Farense, há cinco jogos sem pontuar, bateu o Setúbal e de novo Rui Lopes esteve em evidência, ao abrir a contagem (16) e ao desempatar (44, «penalty»), após Jorge Plácido ter empatado (27). Na 2.ª parte, Fortes (52) apontou o 3.º golo do Farense.

Também por 3-1 a Académica se impôs ao Guimarães, só que neste caso os visitados chegaram facilmente a 3-0 (Ribeiro, 24; Flávio, 28; Pedro Xavier, 32), sofrendo o tento dos visitantes a 20 minutos do final (Tincho).

Jason (5) e Baba (62) rubricaram os golos do 3.º triunfo do Penafiel sobre o Rio Ave, resultado que permitiu aos penafidelenses ascender ao 12.º lugar.

A jornada rendeu 24 golos, três dos quais de «penalty» e 29 «amarelos», sete dos quais em Alvalade, sendo de realçar que foi a 3.ª vez que os portistas não marcaram.

Para a história

Nomes e números da jornada: Académica - Guimarães, 3-1; Penafiel - Rio Ave, 2-0; Farense - Setúbal, 3-1; Vizela - Portimonense, 2-3; Varzim - Boavista, 1-1; Salgueiros - Benfica, 2-3; Sporting - FC Porto, 0-0 e Belenenses - Braga, 1-1.

Marcadores

Gomes comandante dos marcadores portugueses e candidato à «Bota de Ouro», ficou em branco em Alvalade, mas mantém-se destacado como melhor goleador. Lista dos melhores marcadores: 1.º, Gomes, FC Porto, 34 golos; 2.ºs, M. Fernandes, Sporting, Manniche, Benfica e Cadorin, Portimonense, 15; 5.º, Djão, Belenenses, 13; 6.º, Tonanha, Salgueiros, 12; 7.ºs, Zinho, Braga e Eldon, Sporting, 11; 9.º, J. Magalhães, FC Porto, 10.

Agora a «Taça»

No próximo fim-de-semana processam-se os quartos de final da Taça de Portugal, com os seguintes jogos: Paredes-Benfica (em Penafiel, pelas 16 horas de sábado), Porto-Rio Ave e Varzim-Boavista (domingo, pelas 16). O Sporting da Covilhã já está apurado mercê de triunfo sobre o Marítimo.

Divisão 2

Desfechos na 2.ª Divisão, **Zona Norte:** Marco-Famalicão, 1-1; Lourosa-Lixa, 1-0; Sanjoanense-Fafe, 1-1; Paços Ferreira-Valonguense, 2-0; Aves-Espinho, 5-0; Leixões-Chaves, 1-0; Felgueiras-Feirense, 0-0 e Gil Vicente-Tirsense, 3-0.

Classificação: Chaves e Aves, 34 pontos; P. Ferreira e Leixões, 33; Famalicão, 28; Espinho, 27; Felgueiras, 26; Lixa, Tirsense, Fafe, G. Vicente e Lourosa, 23; Feirense, 22; Sanjoanense, 17; Marco, 16 e Valonguense, 15.

Zona Centro: União Coimbra-Torreense, 4-1; Elvas-Estarreja, 3-1; Covilhã-Águeda, 2-1; Guarda-Peniche, 2-1; União Leiria-Marinhense, 1-0; Caldas-Alcobaça, 2-0; Beira Mar-Benfica Castelo Branco, 4-1 e Mangualde-Estrela Portalegre, 2-1.

Classificação: Covilhã e Elvas, 34 pontos; U. Leiria, 33; U. Coimbra, 32; Beira Mar, 26; Águeda, 25; Torreense, Alcobaça, Estrela e Peniche, 24; Caldas, 23; Mangualde, 22; Guarda, 21; Estarreja, 19; Marinhense, 18 e B. C. Branco, 17.

Ciclismo: Volta ao Algarve

Sporting em boa pedal

Alta velocidade, com médias acima dos 45 quilómetros/hora, marcaram as primeiras etapas da Volta ao Algarve em bicicleta, iniciada sábado, em Tavira.

Na primeira etapa, disputada entre Pedras da Rainha e Olhão, na distância de 67 quilómetros a média do vencedor, o inglês Phil Thomas, foi de 43,033 km/hora, enquanto na segunda etapa, contra-relógio por séries disputado na pista Bexiga Peres, a média atribuída a **Marco Chagas,** do Sporrting, subiu aos 45,748 quilómetros.

Para a rapidez conseguida contribuíram factores distintos: o traçado da etapa, com poucas subidas, a frescura do início de corrida e, aspecto importante, a presença da equipa inglesa da ANC, com ciclistas muito velozes a rolar, entre eles o campeão da Inglaterra de estrada, Phil Tomas, e o campeão olímpico de velocidade Tony Doyle.

A etapa inaugural, apenas com uma contagem de montanha de terceira categoria, foi caracterizada por diversos «estições», com vantagem para Phil Thomas, da ANC, Fernando Carvalho, do Bombarralense, Bruno Paradis, da Peugeot e Fernando Fernandes, do Sporting.

Com a meta à vista a vitória de Thomas foi conseguida ao «sprint» a escassos metros da linha de chegada, tornando-se o inglês no primeiro atleta que conquistou a camisola amarela desta Volta ao Algarve.

2.ª etapa

A segunda etapa disputada na pista Bexiga Peres, em Loulé, numa distância de nove quilómetros em sistema de contra-relógio por séries, ficou marcada pela mudança de camisola amarela, ganha por **Fernando Fernandes,** do Sporting, que beneficiou da corrida táctica da sua equipa.

A etapa foi dominada pelo Sporting que venceu quatro das seis séries da corrida, através dos ciclistas Carlos Santos, António Alves, Marco Chagas e Paulo Ferreira.

A decepção da etapa para o muito público que se deslocou à pista, foi o inglês Tony Doyle, campeão de velocidade, que a meio da prova furou e perdeu 30 segundos que não conseguiu depois recuperar.

3.ª etapa

Eduardo Correia, do Sporting, conquistou a camisola amarela, na terceira etapa disputada entre Portimão e Foia, na distância de 161 quilómetros.

O vencedor da etapa foi o inglês **Joel MacLoughin,** que percorreu a distância no tempo de 4.40,26 horas,1 seguido de Eduardo Correia, com mais dois segundos.

Classificação da terceira etapa: 1.º Joel McLoughin, ANC, 4.40,26; 2.º Eduardo Correia, Sporting, 4.40,28; 3.º Belmiro Silva, Bombarralense, 4.40,31; 4.º Marco Chagas, Sporting, m.t.; 5.º António Alves, Sporting, m.t.; 6.º Luciano Soares, Tavira, 4.40,44; 7.º Eugénio Passos, Tavira, 4.41,55; 8.º Bodin Serger, Peugeot, 4.42,37; 9.º Venceslau Fernandes, Ajacto, 4.43,38 e 10.º Tony Doyle, ANC, 4.43,40.

Média do vencedor: 34,446.

1.º **Eduardo Correira, Sporting,** 6.26,08 hors; 2.º Marco Chagas, Sporting, 6.26,10; 3.º Belmiro Silva, Bombarralense, 6.26,25; 4.º Joey McLoughlin, ANC, Inglaterra, 6.26,28; 5.º António Alves, Sporting, 6.26,35.

Outras classificações: **Mon-**

Diamantino estorvado por Gilberto: o Benfica chegaria ao 3-0 para depois tremer

Zona Sul: Atlético-Cova Piedade, 5-1; Barreirense-Torralta, 2-2; Lusitano Évora-Sesimbra, 3-0; Odivelas-Estoril, 2-0; Nacional-Estrela Amadora, 1-1; Olhanense-Marítimo, 0-0; Amora-Montijo, 0-2 e Campinense-União, 0-4 (disputado a 13 de Março).

Classificação: Marítimo, 41 pontos; União, 34; Amadora, 30; Estoril, 28; Montijo, 28; C. Piedade, 26; Atlético, 26; Torralta, 25; Barreirense, 25; Lusitano, 24; Odivelas, 23; Nacional, 22; Amora, 18, Sesimbra, 13 e Campinense, 12.

Divisão 3

Resultados no Campeonato da 3.ª Divisão, **Série A:** Bragança-Moreirense, 4-0; Esposende-Merelinense, 2-1; Monção-Vieira, 2-0; Montalegre-Ponte da Barca, 2-1; Neves-Vianense, 1-2; Valdevez-Ma-

Continua na pág. 18

Classificação

	J	V	E	D	G	P
FC PORTO	**26**	**23**	**2**	**1**	**68-10**	**48**
Sporting	26	17	8	1	64-21	42
Benfica	26	15	7	4	54-25	37
Portimonense	26	13	6	7	47-36	32
Boavista	26	10	11	5	32-24	31
Belenenses	26	11	7	8	38-36	29
Braga	26	8	8	10	39-37	24
Académica	26	9	5	12	36-43	23
Setúbal	26	7	8	11	33-44	22
Farense	26	7	7	12	20-40	21
Guimarães	26	7	7	12	27-36	21
Penafiel	26	5	10	15	22-40	20
Salgueiros	26	6	6	14	35-52	18
Rio Ave	26	6	6	14	22-40	18
Varzim	26	2	12	12	19-38	16
Vizela	26	4	6	16	29-63	14

Próxima jornada (12 de Maio): Portimonense-Académica (0-1, na primeira volta); Guimarães-Farense (1-3); Setúbal-Salgueiros (0-1); Benfica-Varzim (1-0); Boavista-Penafiel (1-1); Rio Ave--Sporting (2-3); FC Porto-Belenenses (1-0) e Braga-Vizela (1-2).

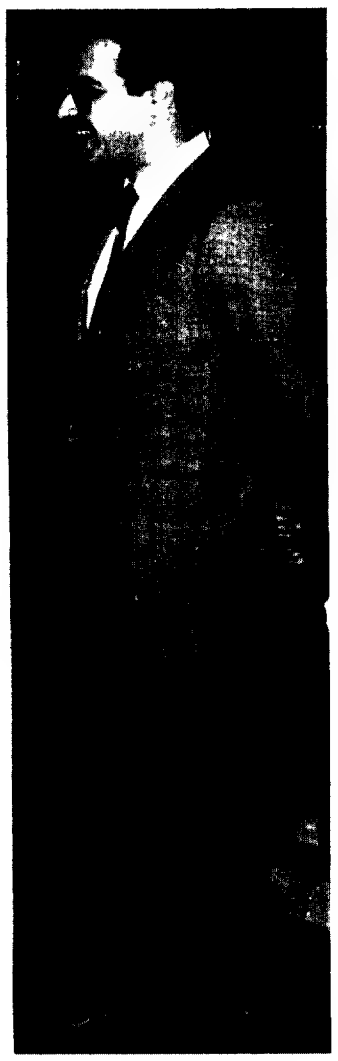
Manuel Fernandes: morreu o jornalista do sorriso franco

Perdoem que, na grande festa do futebol, estejamos todos de luto: o Desporto e os órgãos de Comunicação Social.

A notícia voou célere: ontem, de manhã, ao bater das 9, na Estrada Nacional n.º 1, no local conhecido por Venda das Raparigas, um nosso muito querido companheiro de labutas encontrou a morte, num acidente de viação que o rouba (aos 34 anos) do abraço e do respeito de todos nós.

Manuel Fernandes, figura popularizada nos pequenos «écrans» e pelos múltiplos e brilhantes trabalhos radiofónicos que rubricou com voz que era o permanente prolongamento de um eterno sorriso, deixou-nos quando caminhava ao encontro de um jogo de futebol em Guimarães, num programa dominical que iria prolongar fazendo também a cobertura do europeu de hóquei, em Barcelos.

Pertencendo aos quadros da RTP, ingressara há apenas uma semana no Núcleo de Desporto da Rádio Comercial, cativado pelo convite de Fernando Correia para integrar a «selecção nacional desportiva» da Sampaio e Pina. Desde ontem que há luto nos nossos corações. Mas, tal como certamente desejaria o nosso querido companheiro, a festa do futebol terá de continuar, ainda que cimentada em algumas lágrimas. Manuel Fernandes deixa um pedacinho de si próprio em cada um de nós: saibamos continuar o seu exemplo de alto companheirismo e apurado profissionalismo, as virtudes que o tornaram já saudade.



Manuel Fernandes: os amigos tratavam-no por «Mimi». Foi embora.

Manuel Fernandes, que completaria 35 anos no dia 24 de Junho, nasceu em Lisboa (freguesia de S. Sebastião da Pedreira), era casado e deixa dois órfãos, Domingos Manuel Fernandes F. Rolão, licenciado em Direito, trabalhou na Rádio Renascença, chefiou o departamento desportivo da RDP/Norte e desde 16 de Maio de 1983 trabalhava no desporto da delegação no Porto da RTP.

O jornalista, que estivera na noite de sábado a jantar em casa do presidente sportinguista João Rocha (na companhia de outros colegas do Porto, que se tinham deslocado a Lisboa em **missão de paz** e para fazer sanar o litígio que fora publicado num jornal da capital, na 6.ª-feira) saiu da S. Domingos à Lapa à uma e 30 da manhã, depois de ter telefonado à esposa, dizendo que iria logo tomar o caminho do Norte. Desconhece-se como se atrasou até ao instante do acidente, se terá (inclusive) metido o carro ao caminho e dormido algum tempo antes de retomar a fatídica marcha.

O jornalista regressava sozinho para o Porto, tendo morrido na sequência de um choque frontal com outra viatura, ao quilómetro 97 da Estrada Nacional Um, junto a Ataija (cerca de Venda das Raparigas, Rio Maior). No acidente morreu também um ocupante do outro veículo (Vítor Fernando Carreira Michaelis dos Santos) tendo ficado ainda feridos outros três, um dos quais (José da Silva Gregório) foi transferido para um hospital de Lisboa em estado considerado grave.

●

O corpo de Manuel Fernandes ficou depositado no Hospital de Alcobaça de onde sai esta tarde (após autópsia) para Riba d'Ave (Vila Nova de Famalicão) e ficará sepultado em jazigo de família.

Manuel Fernandes estava integrado na lista de corpos gerentes a submeter brevemente a sufrágio para a direcção do CNID (Clube Nacional da Imprensa Desportiva). Várias foram as manifestações de pesar já registadas: ontem, pelas 15 e 55, todas as emissoras portuguesas pararam durante 30 segundos as suas emissões, em Guimarães (no jogo que Manuel Fernandes deveria ter relatado para a Comercial, foi evocada a sua memória), a direcção do Sindicato dos Jornalistas emitiu um comunicado expressando o seu pesar, os 129 jornalistas creditados junto do Campeonato Europeu de Hóquei guardaram (na Sala da Imprensa, em Barcelos) um minuto de silêncio pela alma do companheiro desaparecido e antes do torneio os hoquistas tiveram a mesma atitude. Entretanto, Fernando Martins e Jorge Anjinho (respectivamente presidente do Benfica e da Académica de Coimbra) já colocaram as suas turmas de futebol ao dispor do CNID para qualquer festival cuja receita reverta para os filhos de Manuel Fernandes, que ainda na passada 2.ª-feira, em Coimbra, ao receber um prémio «Gandula», confraternizara com todos nós.

Terminamos com um lugar comum: que a sua alma repouse em paz. Morreu um grande companheiro. É tudo, para além da saudade.

N. de S.

lada

tanha: Marco Chagas, Sporting, 17 pontos; **Pontos:** Marco Chagas, Sporting, 22 pontos; **Metas turismo:** Didier Dafflon, 6 pontos e **Equipas:** Sporting, 19.17.16 horas.

Cão provoca acidente

Todos recordamos a triste e dolorosa morte de Agostinho em estradas algarvias provocada pelo aparecimento dum cão suicida na frente da bicicleta do grande campeão. Pois no decurso da 3.ª etapa desta Volta ao Algarve outro cão (ou será o mesmo?) atravessou-se na estrada (descida para Odeceixe) e provocou a queda do ciclista inglês Steve Farrol que foi imediatamente transportado ao Hospital de Lagos onde se encontra em observação.

Os portugueses na «Vuelta»

Os ciclistas portugueses chegaram quase todos integrados no pelotão, no final da quinta etapa da Volta à Espanha em Bicicleta.

Manuel Cunha foi 46.º na meta, a um segundo do vencedor, com Luís Domingos com o mesmo tempo na 77.ª posição.

Na geral individual, José Poeira, é o melhor português no 65.º lugar, a 3,45 minutos do camisola amarela.

Na classificação geral por equipas o Lousa está na 15.ª posição a 30 minutos do primeiro.

Classificação dos portugueses, na etapa: 46.º, Manuel Cunha, a 1s do vencedor; 77.º, Luís Domingos, m.t.; 85.º, José Poeira, m.t.; 88.º, Avelino Teixeira, m.t.; 89.º, João Paulo, m.t.; 93.º, Benjamim Carvalho, m.t.; 109.º, Manuel Zeferino (ZOR), m.t.; 117.º, Jacinto Paulino, m.t.; 125.º, Carlos Ferreira, a 2,13 minutos; 132.º, Carlos Marta, a 3,57.

Geral individual: 65.º, José Poeira, a 3,45 do guia; 68.º, Manuel Cunha, a 3,52; 73.º, Manuel Zeverino (ZOR), a 7,38; 108.º, Luís Domingos, a 23,55; 120.º, Avelino Teixeira, a 24,32; 122º, Benjamim Carvalho, a 24,34; 123.º, Jacinto Paulino, a 24,37; 125.º, João Paulo, a 25,42; 130.º, Carlos Ferreira, a 26,34; 136.º, Carlos Marta a 27,57.

●

Acácio da Silva classificou-se em sexto lugar na Volta ao Noroeste da Suíça, ganha ao «sprint» pelo helvético Urs Freuler.

Andebol: Benfica e Sporting lado a lado

Inesperadamente mas de forma brilhante e convicentemente o Belenenses derrotou o Benfica por 22-18, enquanto em Alvalade o Sporting derrotou o Porto por 32-29. Com estes resultados completou-se a primeira volta desta derradeira fase ficando a classificação assim ordenada: Benfica e Sporting (7 pontos) e Porto e Belenenses (5). No próximo sábado o programa é: Porto-Benfica e Belenenses-Sporting. Para o «nacional» feminino o Ginásio do Sul conquistou o título com todo o merecimento. Eis os resultados da última «ronda»: Benfica-Sporting de Espinho (16-14), Ginásio--Académico do Porto (20-12), Benfica-Académico do Porto (16-10) e Ginásio-S. Espinho (23-8).

Basquetebol: Benfica sobe ao pódio nacional

O Campeonato Nacional de Basquetebol continua a ter como ponto de maior interesse o despique entre o FC Porto e o Benfica que semanalmente vão alternando a liderança. Um autêntico «sobe e desce» na tabela classificativa. Neste fim-de-semana os lisboetas foram a única equipa duplamente vitoriosa derrotando o seu opositor das Antas por um concludente 82-65 para no domingo impor a derrota de 89-81 ao Sangalhos.

Vejamos os resultados: sábado — **GRUPO "A"** — Benfica-FC Porto, 82-65; Olivais-Sangalhos, 86-82 e Barreirense-Queluz, 94-95. **GRUPO "B"** — Ginásio-Sanjoanense, 90-64 e Illiabum-Ovarense, 77-57.

Domingo — **GRUPO "A"** — Benfica-Sangalhos, 89-81 e Olivais-FC Porto, 98-111. **GRUPO "B"** — Ginásio-Ovarense, 94-74 e Illiabum-Sanjoanense, 79-65.

Após estes jogos a classificação é a seguinte: 1.º Benfica, 34 jogos/59 pontos; 2.º FC Porto, 33/58; 3.º Barreirense, 33/54; 4.º Queluz, 33/53; 5.º Sangalhos, 33/49 e 6.º Olivais, 34/46.

No Grupo "B" o Ginásio Figueirense lidera, com 31 jogos e 46 pontos, seguido do Illiabum, 31/42.

Atletismo

Aurora Cunha e Hélder de Jesus grandes vedetas dos "nacionais"

Hélder de Jesus (Sporting) conquistou o título de campeão de Portugal dos 10 000 metros impondo-se com um vigoroso «sprint» na recta final ao seu companheiro de equipa Elísio Rios. Saliente-se que Hélder de Jesus, ainda o recordista nacional dos 1500 metros com 3.37,33 minutos, desde 1980, ganhou a prova no seu melhor tempo pessoal: 28.49,6 minutos contra 28.50.7 minutos de Elísio.

O espanhol Constantino Esparcia foi 3.º com 28.52,7 minutos. José Regalo (F. C. do Porto) foi 4.º com 28.54.0 minutos.

Aurora Cunha (F. C. do Porto) venceu os 5000 metros com uma marca de nível internacional: 15.18,7 minutos, fazendo um autêntico contra-relógio. A espanhola Monserrat Abello foi 2.ª con 16.17.6 minutos e Lucília Soares (Benfica) bateu o máximo regional de Lisboa com 16.19,6 munitos.

Nas duas estafetas do campeonato nacional, o Benfica canhou os 4X100 metros masculinos em 40,9 segundos e os 4X100 metros femininos em 49,6 segundos.

Os vencedores das provas

10 000 metros: Hélder de Jesus; 5000 metros: Aurora Cunha; 4X100 metros: Benfica; 4X400 (masc.) e F. C. do Porto (fem.); 100 metros: João Firme (Benfica) e Cláudia Gomes (CIAC); 400 metros: Filipe Lomba (Belenenses) e Marta Moreira (Porto); 100m barreiras: João Lima (Sporting); 200m obst.: António Natário (Espinho); martelo: José Pedroso (Benfica) e Fernando Alves (CIPA) em juniores; peso: Adília Silvério (Benfica); altura: Graça Borges (Benfica'; disco: Paulo Santos (Sporting); 100m bar. fem.: Graça Borges (Benfica); peso, mascul.: Mário Pinto (Sporting); disco fem.: Adília Silvério (Benfica); 200m fem.: Elsa Amaral (F. C. do Porto); 200m masc.: João Firme (Benfica); peso, jun. masc.: Fernando Alves (CIPA); comprimento fem.: Teresa Mira (Cartaxo); 800m fem.: Lassalete Mineiro (Benfica); altura masc.: Vítor Mendes (Benfica); 3000m jun.: Fernando Figueiredo (Marinhense); dardo masc.: Carlos Cunha (Sporting); e triplo salto: José Leitão (Benfica).

Lopes em Paris: viatura tira-lhe triunfo

Carlos Lopes, foi forçado a abandonar uma prova de estrada de 16 quilómetros em Paris devido a problemas com uma viatura.

Lopes comandava com uma vantagem de 100 metros quando um carro incomodou a corrida do atleta português. Apesar da sua considerável vantagem, preferiu abandonar a prova não se registando qualquer incidente.

O francês Jacky Boxberger ganhou a prova com 45.50 minutos, batendo.o emigrante português Lúcio Pereira com 46.44 minutos. David Tavares (outro português presente na prova) foi 11.º com 50.23 minutos.

Albertina Machado: vitória no Japão

Albertina Machado venceu a prova feminina dos 3000 metros da reunião internacional de atletismo de Shizouka, Japão, com o tempo de nove minutos e 15,7 segundos.

Ezequiel Canário, também presente em Shizouka, classificou-se em 3.º lugar na prova de 5000 metros com 13 minutos, 53,7 segundos, contra 13.51,2 do vencedor, o marroquino Said Aouita.

Olivais Sul: campeão em marcha

O Olivais Sul ganhou (em masculinos e femininos) o campeonato regional de clubes de marcha atlética disputado no Estádio da Luz, totalizando 71 pontos em masculinos contra 30 do Benfica e 21 do Santa Iria.

Em femininos, o Olivais Sul somou 48 pontos contra 36 do Núcleo de Oeiras e 25 do Oriental.

Helena Pombo, Quimigal, bateu o recorde nacional de infantis com 5.11,08 minutos para os 1000 metros.

Vencedores das provas: infantis masculinos (1000 m): Luís António, O. Sul, 5.08.2; **femininos** (1000 m): Helena Pombo, Quimigal, 5.11,8 (recorde nacional); **iniciados masculinos** (3000 m): Paulo Esteves, Clube Português Marcha Atlética, 16.28.7; **Femininos (3000 m):** Ana Cláudia, Santa Iria, 16.36,4; **juvenis masculinos** (5000 m): Paulo Pires, Benfica, 24.26,8; **femininos (3000 m):** Fernanda Santos, Quimigal, 17.09,4; **juniores masculinos** (10 000 m): José Urbano, Benfica, 49.41,4; **femininos (5000 m):** Filomená Silva, Olivais Sul, 28.09,2; **seniores masculinos** (10 000 m): José Matos, Santa Iria, 50.37,7 e **femininos (5000 m):** Fátima Batuca, Núcleo Oeiras, 29.01,7.

Râguebi no escalão cimeiro

Depois de vários anos de «espera» Portugal volta a entrar no grupo «A» da FIRA, ao vencer sucessivamente as formações de Marrocos, Checoslováquia e Polónia. Na classificação final, a nossa selecção situou-se no primeiro posto com três triunfos e 44-6 golos e 9 pontos. Na posição imediata ficou a turma checa com 7 pontos seguindo-se a Polónia (5) e Marrocos (3). Para a história aqui se recorda a constituição da turma nacional portuguesa que actuou no derradeiro jogo frente à selecção polaca: José Lupi Belo, Ressano Garcia, Vieira de Almeida, Domingos Megre, Nuno Durão, João Queimado, Bernardo Marques Pinto (capitão), António Ferreira, Pedro Ferreira, José Luís Rodrigues, Faustino Pires, Carlos Jorge, Nuno Morais e António Águas. Suplentes não utilizados: Jorge Bravo, João Castro Pereira, Francisco Lupi Belo, Trigo de Morais, Luís Reis e Augusto Jalles.

Futebol nacional

Continuação da pág. 17

cedo Cavaleiros, 0-0 e Mirandela-Valenciano, 2-0. **Líder:** Vianense, 33 pontos.

Série B: Trofense-Paivense, 3-2; S. Martinho-Régua, 4-1; Oliveirense-Infesta, 1-1; Freamunde-Vilanovense, 1-1; Esmoriz-Ermesinde, 2-2; Amarante-Valdevez, 3-0; Ovarense-Cucujães, 4-1 e Paredes-União de Lamas, 0-0. **Líder:** Amarante e Freamunde, 34 pontos.

Série C: Oliveira do Bairro-Penalva do Castelo, 1-0; Académico Viseu-Mealhada, 5-0; Poiares-Anadia, 1-1; Naval-Scia, 1-0; Tondela-Santacombadense, 1-1; Gouveia-Belmonte, 7-2; Luso-Lusitano Vildemoinhos, 2-0 e Marialvas-Viseu e Benfica, 0-1. **Líder:** Académico de Viseu, 37 pontos.

Série D: Eléctrico Ponte Sol-Paroquial Fátima, 1-0; Portalegrense-Rio Maior, 1-0; Alcains-Almeirim, 1-1; Nazarenos-Alferrarede, 6-0; Marinha-Guiense, 1-1; Bombarralense-Lousanense, 4-2; União Santarém-Nisa e Benfica, 9-0 e União Tomar-Mirense, 0-0. **Líder:** União Santarém, 42 pontos.

Série E: Marinhais-Águias (Açores), 4-2; Charneca-Vialonga, 1-2; Tires-Lusitânia (Açores), 1-1; Olivais e Moscavide-Samora Correia, 3-0; Oriental-Cacém, 3-1; Vilafranquense-SL Olivais, 2-0; Almada-Sacavenense, 0-0 e Santa Clara (Açores)-Campomaiorense, 2-0. **Líder:** Oriental, 39 pontos.

Série F: Quarteira-União Santiago, 1-2; Silves-Alvorense, 4-0; Esperança Lagos-Louletano, 4-0; União Montemor-Aljustrelense, 5-0; Beja-Juventude, 0-3; Lusitano VR-Quimigal, 4-1 e Vasco Gama-Comércio Indústria, 1-0. **Líder:** Silves, 37 pontos.

Golfe em Tróia

Salazar de Sousa campeão de "Stokeplay"

Terminou o campeonato nacional de golfe, na modalidade, de «stokeplay» que durante quatro dias se disputou no difícil, mas excelente campo de Tróia. Foram jogados 72 buracos e as classificações foram por categorias. Alinharam, de início, 84 jogadores e terminaram sessenta, o que diz das dificuldades do torneio cujas decisões consistiram em classificar os resultados com menor número de pancadas.

Classificações finais (jogados 72 buracos); **Primeira categoria:** 1 — Filipe Salazar de Sousa (Estoril), 320 pancadas (77+88+78+77); 2 — Carlos Marta (Estoril), 327 (83+81+83+80); 3 — Pedro Nunes (Lisbon), 327 (76+82+82+87).

Segunda categoria: 1 — João dos Santos (Estoril), 321; 2 — António Paixão (Estoril), 335; 3 — Le Bellec (Estoril), 341.

Terceira categoria: 1 — Mário Coelho (Miramar), 376; 2 — António Ramos (Lisbon), 376; 3 — José Miguel Fonseca (Lisbon), 378.

Em senhoras, Graça Medina conquistou o primeiro lugar nas segundas categorias, com 332 pancadas, ou seja menos três do que Teresa Abecassis. Na terceira categoria triunfou Cristine de Botton, com 379 pancadas, seguida de Alexandra Ferreira com mais duas pancadas. Todas são representantes do Estoril.

Hóquei em patins: europeu, em Barcelos

Portugal: começo com goleada

Portugal estreou-se no «Europeu» de Hóquei em Patins, em Barcelos, com uma vitória fácil (10-4) frente à Bélgica, enquanto a Espanha, detentora do título, obteve o resultado mais volumoso (10-3) frente à Inglaterra.

Nos restantes confrontos da jornada inaugural da prova, a Itália, outra das equipas favoritas na prova, superou a França por claros 8-3 (5-2 ao intervalo), enquanto a Holanda empatou (3-3) frente à Alemanha Federal.

Vítor Hugo, Vítor Bruno, Fanã e Trindade, todos com dois tentos e Luís Neves e Alves, marcaram os golos da turma das «quinas», orientada por António Livramento, tendo os belgas tido em Pauli (2) o seu melhor marcador.

O conjunto português mostrou-se frágil ao contra-ataque belga sofrendo quatro golos no segundo tempo.

A Espanha, que a intervalo vencia a Inglaterra por escassos 4-2, rubricou uma sua exibição no segundo tempo, com Allabart a cotar-se como o melhor hoquista em campo, obtendo quatro golos à sua conta.

A Holanda, após ter chegado ao intervalo a ganhar por confortável 3-0, desceu muito no segundo tempo e permitiu que os germânicos impusessem o empate a três bolas.

Livramento: é assim que eu quero

A Suíça folgou na ronda, cabendo-lhe defrontar na segunda jornada a Espanha.

A selecção portuguea que ao intervalo já vencia por 3-0 alinhou com: Domingos; Alves, Fernando Pereira, Vítor Hugo e Vítor Bruno, tendo jogado ainda Fanã, Trindade, Luís Nunes e Realista. Dos dez elementos escolhidos por Livramento, apenas o guarda-redes Armando não se estreou neste «Europeu». Quanto à distribuição dos golos obtidos foram seus autores: Vítor Hugo, Vítor Bruno, Fanã e Trindade, todos com dois tentos enquanto Luís Nunes e Alves marcaram os restantes.

Resultados: Holanda - RFA, 3-3; Itália - França, 8-3; Portugal - Bélgica, 10-4; Espanha -Inglaterra, 10-3. Descansou: Suíça.

Classificação:

1.Esp.	1	1	-	-	10- 3	2
2.**Port.**	1	1	-	-	10- 4	2
3.It.	1	1	-	-	8- 3	2
4.Hol.	1	-	1	-	3- 3	1
5.RFA	1	-	1	-	3- 3	1
6.Fr.	1	-	-	1	3- 8	0
7.Bég.	1	-	-	1	4-10	0
8.Ing.	1	-	-	1	3-10	0
9.Sui.	-	-	-	-	-/-	0

Programa de hoje

É este o programa desta noite: Holanda - Bélgica, Itália - RFA, Portugal - Inglaterra e Espanha -Suíça.

Campeonato: acerto de calendário

Em jogo de atraso e correspondente à 24.ª jornada, realizou-se o encontro Turquel - Sanjoanense que o primeiro venceu por 6-4 deixando assim a última posição por conta do Oeiras e Valongo que somam 35 pontos. Na frente, Porto e Sporting, ambos com 67.

MODALIDADES

Esgrima

José Bandeira (Ateneu), venceu o torneio nacional de primeiras e segundas categorias de florete masculino disputado nas instalações do ACM, Lisboa.

Paulo Oliveira e João Carlos Oliveira, ambos do CDUL, ficaram no 2.º e 3.º lugares numa prova que reuniu 12 atiradores de seis salas de armas.

No torneio de terceiras categorias (18 atiradores de oito salas), o triunfo pertenceu a Ademar Aguiar (Vilanovense) seguido de Pedro Carvalhido (CE Viana Castelo), Henrique Monarca, (SL Évora) e Paulo Batalha (Pupilos Exército).

Halterofilismo

Treze atletas, representando seis clubes disputaram, no Ginásio do União Piedense, na Cova da Piedade, o campeonato nacional de juniores de halterofilismo.

Resultados: categoria de 52 kg Paulo Brito (AAC), categoria de 56 kg Carlos Feliz (Luso), categoria de 60 kg António Gonçalves (Piedense), categoria de 67,5 kg Paulo Duarte (Luso), categoria de 75 kg Paulo Frade (Luso) e categoria de 82,5 kg Jorge Santos (Ginásio).

Hipismo

José Manuel Nunes de Carvalho, montando «Kermesse Du Vernix», ganhou o Grande Prémio, última prova do concurso nacional de saltos de Cascais.

Nesta prova, em que participaram 32 conjuntos e concluiu os três dias de competição afectada pelo mau tempo, os três primeiros classificados foram: 1.º José Manuel Nunes de Carvalho, «Kermesse du Vernix», 87.36 seg. 2.º Luís Xavier de Brito, «Mister X», 87.45; 3.º José Galvão de Melo, «Fleet Commander», 97.69.

Na outra prova venceu o capitão Pimenta da Gama, em «Ibis», com 0 pontos e 25.38 seg., seguido de João Teixeira, em «Tabac», 0-25.60, e de Gonçalo Vilasboas, em «Nureiev», 0-26.40.

Eduardo Lourenço

A inteligência emocionada

Há cerca de um ano que eu tinha pedido uma entrevista a Eduardo Lourenço. Não foi então possível levá-la a efeito: o autor de «O Labirinto da Saudade», residente já há anos em Vence, França, onde lecciona na Universidade de Nice, vem volta e meia ao seu país, mas cá espera-o um sem-número de solicitações, a que ele nunca sabe dizer não.

Aqui esteve de novo na passada semana, mas desta vez já pude partilhar com ele cerca de duas horas, num dia que lhe é e nos é a todos muito caro: 25 de Abril. Na tarde anterior tinha-o seguido a uma conferência na Universidade Católica, onde tratou o tema «O Mito em Pessoa», e pouco depois reencontrámo-nos no Palácio Foz, onde, juntamente com outros intervenientes, tentou fugir ao absurdo tema proposto, «A Sociedade Política no Século XXI». Desses dois momentos estão aqui alguns ecos.

Eduardo Lourenço, homem de uma personalidade intelectual muito própria é irremediavelmente modesto: quando o contactei, pouco depois da sua chegada, pelo telefone, disse o que costuma dizer quando lhe pedem o testemunho — que **não tem nada para dizer**. De formação filosófica mas tendo uma velha questão com a Filosofia, analista literário e comentarista político, figura fundamental do nosso Abril mesmo que se queira apagado e consciência ética da esquerda portuguesa, este lúdico é bem um exemplo da reflexão intelectual como prazer, prazer que sabe fazer comunicar àqueles que o rodeiam.

É a partir daqui que eu me retiro: as respostas que Eduardo Lourenço deu à minha curiosidade bastam por si mesmas e assim as lerão. Bom proveito.

Rui Eduardo Paes

Entrevista nas págs. 20 e 21

Fotos Francisco Paraíso

Eduardo Lourenço

Estamos na idade da indiferença?

A era pós-moderna é a categoria que serve a um certo número de sociólogos da cultura ou politólogos ou mesmo futurólogos para caracterizar, digamos, a essência do tempo histórico, do tempo cultural, do tempo ideológico que é aquele da nossa contemporaneidade. Essa categoria é empregada entre outros por Gilles Lipovetski no livro «A Era do Vazio», para o qual a era moderna começa por volta dos anos 1880 e termina na nossa década de 30, correspondendo à grande fase a que nós chamamos de Segunda Revolução Industrial. A era pós-moderna seria aquela a que, noutros termos, Aron designou como pós-industrial, outros poderiam chamá-la já como era informática, etc. Mas a mim interessa-me menos essa classificação como referida ao conjunto tecno-industrial que como categoria para compreender a metamorfose da nossa visão geral do mundo e do tipo de sociedade que é realmente a nossa. Penso que as características que dão esses futurólogos ou esses sociólogos à contemporaneidade é interessante, mesmo se os termos em que eles a explicitam podem ser discutíveis, p. ex., eles dão como característica desta nova idade o facto de ser uma idade da indiferença, quer dizer, um tempo em que um certo tipo de conflitos de classe herdados da Segunda Revolução Industrial se terá atenuado e teríamos entrado por conseguinte numa era de compromisso, numa era de ambivalência e de equívoco e também de certo modo numa era de jogo. Quando se imaginava, na sequência de um pensamento que é um pouco de uma certa linearidade do iluminismo do século XVIII e da ideia de progresso do século XIX, o processo histórico como uma linha contínua e se pensava, fundamentalmente em termos de ordem marxista, que ou capitalismo da época liberal ou capitalismo selvagem iria suceder, não diria quase automaticamente mas como coerência lógica e resultado da luta social, uma nova etapa caracterizada pela solução das contradições mais gritantes do capitalismo, que seria como que o arcaísmo dos novos tempos, o que assistimos afinal é a uma espécie de revigoramento inacreditável do mesmo capitalismo.

Simplesmente, este capitalismo apresenta-se com uma característica nova, é um capitalismo que tem por assim dizer uma capacidade lúdica, uma capacidade interna de jogar com as suas próprias contradições, e portanto, naquilo que diz respeito ao Ocidente pelo menos, essa idade pós-moderna será uma idade em que afinal as contradições gritantes do capitalismo não tinham sido superadas nos termos que pareciam fatais duma solução anticapitalista, que é aquela que prevalece nas sociedades ditas de socialismo real, mas que afinal se tinha encontrado uma saída, falsa saída ou não só o futuro o dirá, extremamente dinâmica, um capitalismo capaz de ter imposto, pelo menos nas sociedades mais avançadas do Ocidente, um estilo de consumo, de bem-estar, um estilo de seguro social quase perfeito, pelo menos até à crise recente, e isso trouxe como consequência uma espécie de espaço histórico em que os antagonismos mais extremos, toda a temática revolucionária em termos de antinomias dilacerantes está como que suspensa, como que adormecida. A nossa sociedade transformou-se, quase em todos os níveis, numa sociedade de jogo, numa sociedade do espectáculo. A próveis dessa mensagem se tornou aleatória e os seminários esvaziam-se. A Igreja está efectivamente em crise, crise que pode ser de renovação, de passagem a outra coisa, e pode decorrer igualmente do facto desta sociedade, que se dizia cristã, não ter sido tão cristã quanto isso e o cristianismo ser algo que jamais terá uma incarnação suficiente. Não se podendo dizer que é uma morte, de há um século para cá e de uma maneira vertiginosa nos últimos trintas anos, há a agonia, não em termos de ordem religiosa, de ordem ideológica, propriamente ditas, mas em termos muito mais profundos de modo de vida, de sensibilidade.

Este capitalismo tem uma capacidade lúdica, uma capacidade interna de jogar com as suas próprias contradições

pria política, numa perspectiva e num prazo relativamente longos, parece jogar-se hoje cada vez mais em termos de espectáculo e, naturalmente, o sintoma dessa sociedade lúdica é o facto de hoje nenhum decisor importante na ordem política ter qualquer chance se não for igualmente um grande comunicador, se não passar bem na televisão. Por conseguinte, e como muito bem tinha dito o MacLuhan, a forma da mensagem está a superar o seu conteúdo, e é nesses termos que tais sociólogos falam da idade pós-moderna estendendo essa nota a todos os aspectos da sociedade: o económico, o social, o cultural, etc., etc.

Eu dou ao conceito de pós-moderno um conteúdo talvez mais metafísico, mais filosófico, chamando-lhe idade pós-cristã. Pós-cristã porque efectivamente os valores que condicionaram o Ocidente enquanto ocidente cristão não funcionam hoje de uma maneira pertinente a nenhum nível. A própria Igreja, que era o depositário, o sustentáculo, desses valores, vacila na sua apreciação porque mesmo em termos de ordem prática, a própria formação dos responsáveis mais típicos da crise da Idade Moderna e do sonho de uma outra idade que é aquela que se começa a definir com os termos de pós-moderna. Ele é o típico representante da Idade Moderna, não só porque dizemos que representa miticamente a nossa modernidade, mas porque ele é ao mesmo tempo a vanguarda e a anti-vanguarda. Ele é a modernidade e a não-modernidade, e cada vez que eu aprofundo a leitura de Fernando Pessoa é-me mais transparente que nós nos enganámos excessivamente na leitura modernista, futurista, representada por Fernando Pessoa, que é um momento efectivamente dos diversos Fernandos Pessoas que existem, mas um momento puramente imaginário, um momento lúdico, de ficção da ficção de Fernando Pessoa, que é fundamentalmente um homem da era simbolista.

Fernando Pessoa e o pós-moderno

Fernando Pessoa representa um signo extremamente singular, eu quase que diria que Fernando Pessoa é no contexto da cultura europeia do século XX, um dos representantes

Nesse capítulo, pertencendo ainda a um contexto romântico, do século XIX, sendo mesmo a última transformação do romantismo sob a sua forma extrema, a do niilismo, tudo quanto a civilização moderna, enquanto fautor e propulsor de niilismo, quer dizer, de dissolução, de contestação dos valores sobre os quais assenta efectivamente a sociedade europeia ocidental enquanto sociedade cristã, encontram em Fernando Pessoa a sua contestação mais radical. Mas, ao mesmo tempo, isso não foi vivido por Fernando Pessoa como um acto de liquidação eufórica de alguém que tinha para oferecer uma solução positiva, um quadro de valores novos, de referentes novos, para fundar um outro tipo de civilização, mas como agonia de uma civilização que procura uma saída que afinal não se encontra realmente em Fernando Pessoa. Mas, encontra-se, digamos, o apelo para um outro mundo, a nascer sobre as raízes do velho. É por isso que Pessoa funciona ao mesmo tempo como esse olhar que a modernidade concentrou sobre si mesma e como desejo de uma outra coisa, de um outro tempo, que ele pensou miticamente em termos de neo-paganismo, que não era a repetição do milagre grego, da vida do mundo antigo tal como ele a imaginava, mas algo de diverso porque entretanto o mundo cristão tinha existido.

Na época em que nós estamos, se ela é caracterizada por esse ludismo e espectacularidade, esse sentido do humorismo e da gregação do trágico de que fala Lipovetski, Pessoa é um típico representante dessa idade, e, por outro lado a negação dessa negação, na medida em que pertence ainda, apesar de todos os aspectos lúdicos da sua obra, à idade trágica e não à idade propriamente lúdica.

Contestação do racionalismo

A minha questão é menos com o racionalismo se por racionalismo se entende uma vontade de compreender a realidade em termos do máximo de transparência e do máximo de coerência, que me parece ser um projecto inerente ao pensamento humano enquanto tal, do que às formas e aos limites que aquilo a que se chama historicamente o racionalismo tomou. Não me parece que soluções de um tipo claramente irracionalista fazendo apelo a pseudo, faculdades de uma outra ordem que a do pensamento nos seus processos de compreender a realidade em termos de coerência e evidência se possam substituir a essa prática que foi codificada operacionalmente e de modo moderno a partir de Descartes ou de Bacon, de Locke, como se quiser, e que seriam por exemplo ou a intuição ou o sentimento, a fé, a crença, etc.

O que está em causa é a pretensão de certas formas do racionalismo moderno enquanto discurso que tende a ser o discurso da realidade total. O fascínio que se pode experimentar por um sistema de interpretação do mundo como o de Hegel ou, noutra versão, como o de Marx, é de facto aquele que é justificado pela necessidade que nós temos de ler a realidade na sua integralidade. Não creio que esse objectivo esteja posto de parte, mesmo na época actual. Mas uma coisa é guardar essa meta como um ideal, como uma ideia de razão, como diria o Kant, ou outra coisa é pretender que essa leitura integral do real já está efectuada e que nós podemos ler a sua totalidade real tal como se nos apresenta, se é que mesmo esta expressão tem algum sentido, na medida em que o problema está em que essa totalidade de facto nunca se apresenta.

Contestação da filosofia

O que na tradição cultural europeia se chama filosofia tem sido objecto nos últimos duzentos anos de uma contestação, por vezes, radical, a partir de esferas de conhecimento ou de pseudo conhecimento, em todo o caso de esferas de coerência interpretativa do real, como a religião por exemplo, ou noutro capítulo como a ciência, que tornaria as pretensões que estão incluídas no conceito de filosofia sem sentido e insuficientes para nos darem a compreensão dessa mesma totalidade.

Assim, a filosofia seria radicalmente insuficiente para cumprir aquilo que lhe está implícito na sua própria definição. Mas a verdade é que o lugar da contestação mais radical de qualquer discurso acerca da realidade é sempre esse mesmo discurso. A filosofia pode sempre recuperar a sua própria crítica interna.

Osmoses

a) Relação pessoal com Pessoa.

A relação inter pessoal que eu tenho com Fernando Pessoa ainda me é hoje obscura. Mas creio adivinhar um certo número de razões para esse tipo de fascínio. Naturalmente que há o fascínio de ordem estética, que é sempre aquele impossível de justificar e aquele que aparece sempre primeiro para justificação. Quer dizer, o facto de apreender a poesia do Fernando Pessoa como uma grande poesia, uma fonte de emoção particular e tanto mais falante para mim quanto é ao mesmo tempo uma intelectualização da emo-

Continua na pág. 21

Eduardo Lourenço

Pessoa tinha pulverizado o mundo

Continuação da pág. 20

ção, uma emocionalização da inteligência.

Mas eu creio que o mito Fernando Pessoa, enquanto mito para mim, e isto também é válido para a minha geração e para outras gerações que vieram depois, se impôs porque nos facilitou, de talvez mais, uma necessidade de «tábua rasa», de destruição de um mundo com as suas referências e com os seus valores que nós já não éramos capazes de articular com algum sentido e que Fernando Pessoa tinha, por assim dizer, pulverizado. A experiência niilista de Pessoa abria-nos de algum modo um espaço de desistências, de fragilidades, instituindo como vivência mais profunda o facto de que a vida não tem ou não aparece com nenhuma espécie de sentido, e numa época tão perturbada como a nossa, cheia de contradições de toda a ordem, num momento em que o antigo cosmos religioso se tinha fracturado. Esta fractura é pelo menos na nossa cultura a segunda, a primeira tendo sido a da Geração de 70 e depois no «Livro do Desassossego» acontece já a terceira fractura, que já não pode substituir nenhum mundo de valores destruído por qualquer coisa de positivo.

Na Geração de 70 ainda era possível trocar os valores ligados a um cosmos de ordem teológica, afectiva, pelo mito da revolução, o mito do socialismo, mas com Fernando Pessoa nenhuma das ilusões seculares se pode substituir à ilusão propriamente transcendente. É a segunda perda mas desta vez de uma transcendência no terreno puramente histórico, quer dizer, já a História não oferece nenhuma solução. Ora, na minha geração há uma nova visão do mundo, uma nova leitura da História e do Universo que fornece igualmente uma perspectiva de transcendência puramente humana, ou seja, o marxismo propriamente dito.

Mas para aqueles que por razões diversas não eram capazes de aperceber a coerência e a evidência interna da solução marxista, ou que tinham dúvidas acerca da sua realidade a não ser como mito, o aparecimento da poesia de Fernando Pessoa, a maneira poética e irónica ao mesmo tempo como ele nos «convence», pelo menos ao nível mítico que é o da poesia, de que a ciência é inútil, de que a religião não tem conteúdo e nenhum valor salvo do profetismo, por exemplo de nível nacionalista ou sebástico, tudo isso fazia que fosse tentador aceitar Pessoa não como «méstre à penser» mas mestre de não pensar, o herói da recusa, o herói de um vazio que, de uma maneira ou de outra, praticamente todas as adolescências segregam.

A minha geração fez uma espécie de «transfere» para Fernando Pessoa, que nos libertou do fardo de uma certa responsabilização diante do real. Talvez essa nudez, para ele difícil, para nós mais fácil porque através dele, tenha sido de facto o álibi de toda uma geração e de toda uma cultura.

b) com Kierkegaard

Kierkegaard é o gémeo do Pessoa e simultaneamente a sua antítese, na medida em que Kierkegaard ainda aceita como transcendência o valor do próprio indivíduo ou da relação do indivíduo com um Outro absolutamente diferente que é, na linguagem corrente, Deus. Ao nível mítico, num discurso ao mesmo tempo filosófico e poético, que torna moderna uma outra ideia de Deus, não ideia de um Deus-verdade que se pode possuir, sobre o qual podemos ter um discurso, mas um Deus como limite objectivado da nossa própria impotência. Por conseguinte, há em Kierkegaard uma parte de Pessoa que é de facto o processo da racionalidade e o processo do racionalismo nas suas formas mais ambiciosas, como a de Hegel, considerando-a como uma possibilidade titânica do homem puramente irreal e que a ideia de o real ser racional e o racional real é um simples não-senso. A esse título Kierkegaard é poeta do religioso, não da religião enquanto realidade objectivada, mas de um absoluto que não tem forma porém obrigando a nossa própria existência finita, limitada, a ter consciência dessa mesma limitação.

Esta autoconsciência dos nossos limites que está implicada na maneira como Kierkegaard concebe a existência, o lugar que ele dá ao indivíduo como qualquer coisa que não pode ser deglutida por nenhuma espécie de discurso serviu-me como referência de resistência a todo o discurso englobante, de ordem totalitária, seja qual for a sua natureza: seja política, religiosa, etc.

c) com S.to Agostinho

S.to Agostinho é uma presença que eu infelizmente perdi de vista ou ele me perdeu de vista há já bastante tampo mas que teve na minha formação filosófica muita importância, porque é o homem da conversão, tendo passado de um mundo para outro, do mundo antigo para o mundo cristão, este mesmo que agoniza sob os nossos olhos, através de um processo de extrema dramatização. É um homem finalmente que inventa a própria modernidade, se ela é de facto a invenção da subjectividade, se é de facto este diálogo entre o eu e o Eu Absoluto que se chama Deus.

Nesse capítulo o S.to Agostinho é o eixo em torno do qual a visão cristã do mundo acordou até hoje nesse aspecto, na medida em que eu sou de formação cristã e católica, a leitura de S.to Agostinho foi mesmo a leitura da História como drama da subjectividade à procura de um sentido para ela mesma, que ele considera encontrar-se naquilo que nós chamamos Deus mas que, mesmo não se encontrando nenhum referente, não deixa de continuar a funcionar como exigência de sentir.

Literatura e autognose

É um lugar-comum dizer que a literatura de um povo, de uma época, é um dos espelhos mais significativos, ainda que deformante, da maneira de ser, do comportamento íntimo, das aspirações dessa época e desse povo. De maneira que é natural que a literatura do nosso país suscite uma atenção enquanto reveladora da maneira de conhecer a nossa relação com a realidade.

Nesse sentido, eu procurei um certo número de autores para quem essa preocupação

Na geração de 70 ainda era possível trocar os valores ligados a um cosmos de ordem teológica pelo mito da revolução

por Portugal já é condicionante da sua própria escrita, preocupação essa que aparece entre nós com maior força a partir do romantismo, o que me permitiu ver até que ponto a imagem que esses autores tinham de Portugal conhecia diversas metamorfoses ou mantinha uma certa identidade. A história da literatura não é apenas uma história da peripécia literária exterior, meramente estética, pois que a literatura é um acto espiritual contínuo, como se os livros do País fossem escritos por um só sujeito, um sujeito transindividual.

Interessa-me descobrir nas obras de uma época ou de épocas sucessivas as linhas de força, a História que está por trás, o drama que está por trás. Creio que nisso sou um pouco devedor à ideia hegeliana do espírito, apesar de eu não participar de toda a visão do mundo de Hegel. De facto, sempre me impressionou imenso essa ideia da vida do espírito, como totalidade que se desenvolve no tempo.

Política e Cultura

A política impôs-se à minha geração como se impõe uma tempestade, porque ela nasceu num contexto extremamente conflitual não só a nível interno como a nível exterior, numa Europa de conflitos de um tipo novo dado o seu carácter ideológico extremo, pretendendo esses conflitos serem justificados por visões do mundo global, de modo que mesmo aqueles que não tinham qualquer interesse directo na vida política fossem forçados a escolher. A minha geração foi solicitada, portanto, a situar-se politicamente, quisesse ou não quisesse, e os acontecimentos eram de tal ordem que não escolher era escolher ainda, e dessa situação de conflito ideológico a própria cultura não podia escapar. É preciso não esquecer que essa foi a época do nascimento de conceitos como o de escritor comprometido.

A política é, naturalmente, um dever-ser que diz respeito à «polis» inteira, e não é possível, a não ser pela inconsciência ou pelo egoísmo, viver numa comunidade sem se interessar pelo seu destino. A esse nível creio que não há contradição entre empenhamento cultural e empenhamento político, tudo dependendo do tipo deste empenhamento pois que, se a actuação política subordina a cultura aos seus próprios fins então não posso ser partidário de um tal tipo de empenhamento. Sempre pensei que qualquer comprometimento que tome a forma do absoluto, a não ser o que se dá a si mesmo como da ordem desse absoluto, nos termos místicos ou religiosos, é sempre um comportamento alienante. Ora, a cultura é precisamente o campo em que a consciência dessa alienação é a mais presente.

Individualidade e socialismo

Na esfera estritamente política, é evidente que há antinomia entre a ideia de socialismo e a ideia de indivíduo. Se o indivíduo se concebe como fonte de todo o valor, efectivamente que uma organização da sociedade em termos que minimamente se possam chamar socialistas seria quase ininteligível. Mas na verdade o indivíduo só miticamente tem essa autonomia, ele é sempre uma realidade social, socializável: o homem vive em sociedade.

Faz parte da imagem banalizada do socialismo, e esta imagem vem já do século XIX tendo servido então de ponto de partida para críticas extraordinariamente virulentas à ideia mesmo de uma sociedade socialista seja ela qual for, e por parte de gente tão importante como Flaubert, a ideia de como que uma sociedade colmeia, em que a imagem arquetípica seria de um mundo como o das abelhas, ou das formigas, em que cada um tem a sua actividade perfeitamente definida e, mais do que isso, programada. É esse tipo de sociedade socialista que suscita, e a justo título, reacções de prevenção contra um tipo societal que seria no fundo de indivíduos com espaço normal de liberdade mas controlados ou controláveis, em termos que não se comportam com uma certa experiência do alargamento cada vez maior do espaço dos indivíduos na História moderna, particularmente na História da Europa.

Actualmente se assistirmos a uma grande reivindicação do espaço pessoal numa sociedade do anonimato é porque de facto, por um lado, as formas de improvisação do viver social se massificaram, e por outro, porque, e ao contrário do que sucedeu em tempos anteriores em que só raros indivíduos tinham espaço efectivamente pessoal, cada vez maior número de pessoas acede à possibilidade de ter uma vida mais pessoalizada. O tempo de trabalho deixa hoje espaços de tempo pessoal e livre, de organização privada, maiores do que antes.

Este neo-individualismo não tem a cotação de ordem ideológica e política do individualismo moderno do tempo de Rousseau e de outros: ele é a reinvindicação da capacidade de cada um viver na medida do possível a sua própria vida, com o máximo da liberdade e do prazer que são por si mesmo determinados. Não me parece é que isto seja contrário à ideia de socialismo: se o socialismo tem algum sentido não é como projecto de sociedade unificante mas como capaz de organizar o maior número de espaços de liberdade no seu interior. Liberdade e socialismo não são necessariamente antagonismos.

Ética

A ética é para mim o verdadeiro problema, e mesmo o único problema. A ética, a moral, são conceitos que não têm hoje boa imprensa, como se costuma dizer. São conceitos extremamente impopulares. Logo que se fala de ética, logo que se assume a ética, parece que se entra na pele do moralista, de alguém que tem referências que podem servir para catalogar os actos humanos em bons ou maus e por conseguinte anunciando-se uma perspectiva repressiva e atentatória da livre determinação dos indivíduos em função da sua pulsão ou do princípio do prazer. De maneira que tudo o que se refere à ética é hoje um espaço obliterado, maldito. No fundo, o único tabu da nossa sociedade é verdadeiramente a ética. Diz-se que é a morte, mas não, porque a morte nunca pode constituir um tabu pois é uma evidência. As nossas sociedades são incapazes de suscitar ou de promover, a título individual ou colectivo, qualquer espécie de referências ou de conjuntos que consistam para os indivíduos em ideiais ou em valores em função dos quais eles estejam decididos a viver ou a morrer.

Esquerda e má consciência

Não sei se terei participado nesse processo que é atribuído aos intelectuais de serem má consciência de uma dada situação em particular, daquilo a que nós chamamos de esquerda em Portugal depois do 25 de Abril. Mas, na medida em que isso possa ter alguma verdade é sem prazer algum que eu terei sido essa má consciência — por não poder ser a boa. Na verdade, possivelmente fui-o com excesso, um excesso que talvez é um dever mas dever pouco gratificante do intelectual a fazer de cardeal-diabo em relação àquilo a que ele está mais sintonizado: o projecto de uma esquerda que pudesse efectivamente conciliar os valores de uma eficácia económica e de uma liberdade real para os indivíduos, como é o meu caso.

Fernando Pessoa visto de Paris

O desconhecido de si próprio

Raphael Sorin

Fernando Pessoa morreu em Lisboa no dia 30 de Novembro de 1935, com quarenta e sete anos. Paris celebra este aniversário com uma exposição no Centro Georges — Pompidou (1) e a publicação de vários volumes de poemas e de prosa. *«Poeta plural»*, ao nível de Maiakovski e de Apollinaire, Pessoa, que já comparam a Roussel ou a Duchamp, tornar-se-á, depois de Pound e de Joyce, um *must* absoluto, o último farol da modernidade?

«O seu segredo está inscrito no seu nome: Pessoa *significa em português ninguém e vem de* persona, a máscara dos actores romanos. Máscara, personagem de ficção, ninguém: Pessoa. *A sua história podia resumir-se na passagem entre a irrealidade da sua vida quotidiana e a realidade das suas ficções. Estas ficções têm nomes dos poetas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e, sobretudo Fernando Pessoa.»*

Quem ouviu falar de Pessoa e não sabe quem ele foi, deve ler antes de mais o curto ensaio de Octávio Paz, de onde são extraídas estas linhas (2). Este ensaio contém o essencial. O «caso» paradoxal de Pessoa, inventor do *«processo»* único dos *«heterónimos»*, salva-o Paz magistralmente da anedota e poupa-lhe a glosa e as conversas. Lembremos que Pessoa criou por inteiro essas personagens de poetas, datando-as de uma biografia, atribuindo-lhes obras e criando polémicas entre elas.

Em busca de Pessoa entremos depois nas catacumbas do Centro Pompidou, e vamos até às seis vitrines da pequena exposição, um tanto triste, que o perpetua, com telas de pintores portugueses da época modernista e actual.

A sua silhueta lendária, como as de Kafka e de Cavafy, também simples empregados, é de uma impressionante banalidade: chapéu, óculos, impermeável, jornal dobrado debaixo do braço. Imagina-se Pessoa, passeando pelas ruas do centro de Lisboa onde sempre viveu, à excepção de uma estadia em Durban (1896-1905), frequentando os bares e os hotéis modestos. *«Anglómano, míope, atencioso, tímido... de uma modéstia próxima do desdém»* (Paz).

Um grosso caderno, *Fernando Pessoa — poète pluriel*, dirigido por Philipe Arbaizar, comissário da exposição, é proposto ao visitante. Também se pode encontrar nas livrarias, com a antiga introdução a Pessoa da autoria de Armand Guibert, o pioneiro dos seus tradutores (3), e a antologia dos manifestos do futurismo português, *le Retour des dieux*, apresentada por José Augusto Seabra (4).As duas antologias publicados pela Gallimard estão esgotadas. (5).

Uma carta de Borges, dirigida significativamente a Pessoa em Janeiro de 1895, estudos de Renaud Camus, Robert Bréchon, Angel Crespo, Teresa Rita Lopes, alternam neste caderno com traduções de poemas de Pessoa, por Pierre Hourcade e Armand Guibert, seguidos por uma antologia crítica e uma bibliografia selectiva. Númerosas vistas de Lisboa, retratos de Pessoa, documentos (manuscritos, livros, revistas, quadros) colocam o destino do *«poeta de Portugal»* no seu século, em relação às vanguardas (cubismos, orfismo, futurismo). Temos assim, graças a uma ardente equipa de investigadores, o guia que prepara a visita ao monumento.

O dandy futurista de monóculo

No seu centro brilha o «achado» dos *«heterónimos»*. Ele foi comentado muitas vezes e continua, apesar de tudo, enigmático. Histeria? Ocultismo? Mistificação? Numa confissão extraordinária o próprio Pessoa explicou a génese do seu invento.

As edições **Unes** publicam, em versão bilingue a carta dirigida pelo escritor, em Janeiro de 1935, pouco antes da sua morte, à redacção da revista Presença. Lê-se aí o essencial do que Pessoa escreveu sobre o nascimento, a vida e a estética dos seus principais heterónimos: Alberto Caeiro, o «mestre», Ricardo Reis, o neopagão, Álvaro de Campos, o dandy futurista, de monóculo. Tudo isto aconteceu a 8 de Março de 1914, **«Dia triunfal»: «Criei então um grupo inexistente. Fixei tudo nos moldes da realidade: graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isso sinto que fui eu, no entanto criador de tudo, o menos presente.»**

Júlio Pomar

Ao frequentar os heterónimos, o leitor de Pessoa, por melhor que conheça a sua obra, perde progressivamente a consciência da própria identidade. Teresa Rita, autora de uma tese: «Fernando Pessoa e o drama simbolista — Herança e criação» (6), tinha havia dez anos um projecto que acaba de terminar e foi publicado pela editora La Différence: **Fernando Pessoa, le théatre de l'être**, uma enorme antologia onde os poemas dos heterónimos (os três principais e os outros) são **«colocados em expectativa»** para produzir as **«ficções do Interlúdio»** (Pessoa), num **«drama em pessoas e não um drama em actos»**.

Feroz para os outros exegetas, culpados de ter interpretado mal a tentativa de **«despersonalização»** de Pessoa, Teresa Rita afirma que o **seu** livro encontra as etapas e corresponderia às intenções do **«poeta dramático»**.

Durante a vida, Pessoa só publicou prefácios, artigos, tresplaquettes em língua inglesa, e o pequeno volume, **Mensagem** (1934). Em casa da irmã foi recuperada uma mala onde ele guardava os seus manuscritos. Ela encontra-se agora na Biblioteca Nacional de Lisboa. Foram lá encontrados vinte e sete mil quinhentos e quarenta e três documentos. Os editores portugueses e brasileiros que empreenderam a publicação das obras completas de Pessoa, talvez se tenham perdido um pouco na massa dos manuscritos. Tudo aquilo, dividido em prólogos, actos e intermédios, como o propõe Teresa Rita, se é fiel ao espírito dos heterónimos e do seu criador, desencoraja os neófitos. Antes os aconselhamos a arranjar duas plaquettes que bastem para adivinhar a dolorosa ironia deste homem-constelação.

Todos os sonhos do mundo

«O Banqueiro anarquista» é uma prosa dialogada que,logo no título, esmaga as categorias. Mesmo em política, Pessoa foi um homem impossível de situar, fugindo, tal como Portugal, às fronteiras da velha Europa, com os seus partidos e os seus sindicatos. O banqueiro que aqui fala tem uma máscara que Pessoa se diverte a pôr, a fim de perturbar os seus confrades, os intelectuais de café, os revolucionários por conformismo. Comparado a Pessoa, Brecht, demolidor de ilusões, era um menino de coro! A visita termina em beleza, com a obra-prima de Pessoa «A Tabacaria» (assinada por Álvaro de Campos), traduzida, pela terceira vez, por Rémy Hourcade (filho de Pierre Hourcade), que conheceu Pessoa em Lisboa.

Ao imprimir este texto em papel de luxo, as edições **Unes** tiveram razão ao inclinar-se perante um dos mais belos poemas de todos os tempos, que começa assim:

Je ne suis rien
Je ne serai jamais rien.
Je ne peux vouloir être rien.
A part ça, je porte en moi tous les rêves du monde.

■

* Fernando Pessoa-Poète pluriel, Centro Georges Pompidiu. **La Difference**.

* **Fernando Pessoa — Le théatre de l'être**, textos reunidos e traduzidos por Teresa Rita Lopes. **La Difference**.

* **Sur les hétèronimes, de Fernando Pessoa**, traduzido e prefaciado por Rémy Hourcade. **Éditions Unes**.

* **Le Banquaier anarchiste**, de Fernando Pessoa, traduzido por Joaquim Vital. **La Différence**.

* **Bureau de tabac**, de Fernando Pessoa, traduzido por Rémy Hourcade. **Éditions Unes**.

---

1) **Bibliothèque publique d'information**, Grand Foyer.

2) **«Um inconnu de lui-même: Fernando Pessoa.»** In: **la Fleur saxifrage, Gallimard**, 1984.

3) Fernando Pessoa, Seghers, colecção **«Poètes d'aujord'hui»**, 1960.

4) **Champ libre**, 1973.

5) **Le Gardeur de troupeau**, 1960, **Poésies d'Álvaro de Campos**, 1968.

6) **Fondation Calouste Gulbenkian**, 1977.

A utopia do traço

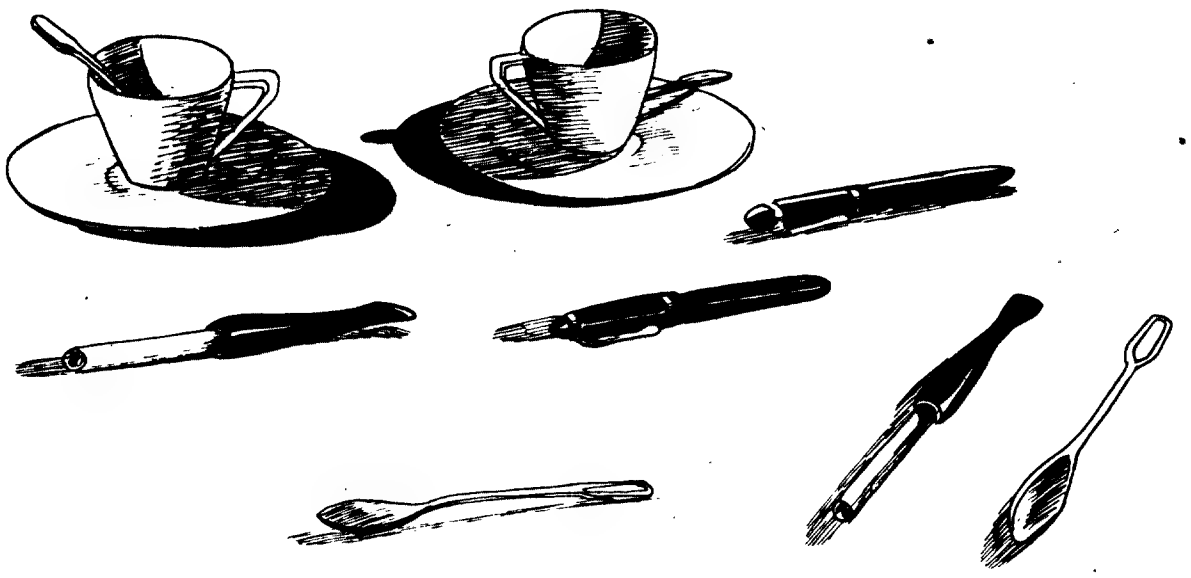
Vários pintores portugueses, Vieira da Silva, Mário Botas, A. Costa Pinheiro, imaginaram Pessoa e os seus heterónimos. As suas obras figuram na exposição do Centro Pompidou. Júlio Pomar que vive em Paris há vinte anos, retratou muitas vezes o poeta. Ele acaba de publicar dois trabalhos de reflexão sobre a pintura.

Num álbum, **Catch-thèmes e variations,** explora Pomar a «utopia do traço», fundada por Rembrandt. A energia do artista, copiando a dos lutadores, afasta-se do seu pretexto, depois do traço, a página **«torna-se espelho, janela ou abertura onde se expõe o nosso ser no mundo».**

A partir da «démarche» dos modernos, Cézanne, Matisse, Bacon etc., Pomar coloca, com **Discours sur la cécité du peintre,** a eterna questão: **«O que é a pintura?»** a que responde fazendo apelo às colagens de Giacometti, ao brilho dos vernizes de Van Eyck ou às «feitiçarias» de Velasquez.

* **Catch-thèmes et Variations,** de Júlio Pomar. **La Difference.**

* **Discours sur la Cécité du peintre,** Júlio Pomar. **La Difference.**



Costa Pinheiro

Retrato de Albert enquanto Einstein

ou a ciência como arte

O início da Primavera de 1955 continuava a oferecer uns dias quentes e luminosos. Não era frequente tanta claridade no mês de Abril. A vulgar referência ao tempo enquanto nos aproximávamos do hospital de Princeton não era mais do que uma maneira de compensar a nossa ansiedade. Aproximava-se o momento que, anos antes, tinhamos imaginado nos mais ínfimos pormenores.

Osvaldo Natucci

Exclusivo EFE para Portugal

Éramos três jornalistas decididos a conseguir uma entrevista com Albert Einstein. O nosso velho desejo tinha-se prolongado em preparativos excessivos, mas as circunstâncias precipitaram-se de tal modo que nos levaram a improvisação não desejada.

Sabíamos que a sua saúde se tinha deteriorado bastante. Além disso, no dia 14 de Março, tinha completado 76 anos que festejara na companhia de alguns amigos íntimos. Havia tempo que a sua fama já não era o que tinha sido.

Por tudo isto, queríamos mais do que nunca conseguir a entrista antes que fosse tarde demais. A possibilidade de estar frente a Einstein provocava-nos tanto entusiasmo — e também certo receio, por que não dizê-lo — que, se não o conseguíssemos, jurámos inventar o diálogo tantas vezes sonhado.

Já tinhamos a solução preparada, para o caso de fracasso: deixar claramente explícito que as respostas simuladas haviam sido elaboradas a partir das declarações que fizera ao longo da sua vida, ao mesmo tempo original e simples. Albert Einstein era um homem genial profundamente simples.

Um homem curioso

— Crê ter herdado o talento científico do seu pai e os dotes musicais da sua mãe?

— Não tenho qualquer talento especial. Apenas tenho sido um homem apaixonadamente curioso. E isso não é uma questão de herança.

— Por que motivo sempre rejeitou as homenagens faustosas e até nas Notas Autobiográficas a sua vida pessoal ocupa um espaço igual, ou mesmo inferior, ao das fórmulas matemáticas e conceitos físicos?

— Na minha opinião, há apenas uma forma de conseguir que o público dê atenção a um cientista: discutir e explicar, em linguagem acessível a todos, os problemas e as soluções que têm caracterizado o trabalho da sua vida. O resto da vida, as relações pessoais só podem ter, de um modo geral, uma importância secundária. De outro modo, o resultado é uma demonstração de culto do herói, baseado na emoção e não na lucidez mental.

— Professor, o que é a ciência?

— Creio, como Schopenhauer, que um dos motivos mais fortes que levam o homem à arte e à ciência é a fuga da vida quotidiana, com a sua dolorosa brutalidade e a sua desesperada monotonia, da escravidão dos próprios desejos em mudança contínua. Uma pessoa de bom carácter deseja fugir da vida subjectiva para o mundo da percepção e do pensamento objectivo. Este desejo pode comparar-se com a nostalgia que impele o homem da cidade a trocar o seu ambiente buliçoso e de horizontes estreitos pelas altas montanhas, onde a vista se espraia através do ar puro e tranquilo e localiza contornos que parecem traçados para toda a eternidade. O homem tenta fazer, da forma mais conveniente, uma imagem simplificada e inteligível do mundo. Tenta substituir com este cosmos seu o mundo da experiência para assim o superar. E isto o que fazem o pintor, o poeta, o filósofo especulativo e o cientista, cada um à sua maneira. Todos eles fazem deste cosmos e da sua construção o eixo da sua vida emocional, para encontrar assim a paz e a segurança que não podem encontrar no mundo demasiado estreito da turbulenta experiência pessoal. A tarefa suprema do físico é chegar a leis universais e elementares a partir das quais se possa construir o cosmos por pura dedução. Não há um sistema lógico para chegar a essas leis. Apenas a intuição, baseada numa inteligência compreensiva, nos permite aproximar-nos delas. O trabalho mental que permite a um homem realizar uma descoberta desta natureza é semelhante ao do crente ou ao do amante. O esforço quotidiano não deriva de um programa ou de uma intenção deliberada; brota directamente do coração.

— Mas pode-se conhecer a verdade?

— Com a sabedoria que os anos me dão, penso que os conceitos e princípios fundamentais em que se baseia a Física teórica são invenções livres da mente humana e fazem parte essencial de uma realidade que a razão não pode alcançar. Na minha longa vida aprendi uma coisa: toda a nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil e, apesar de tudo, é o que temos de mais valioso.

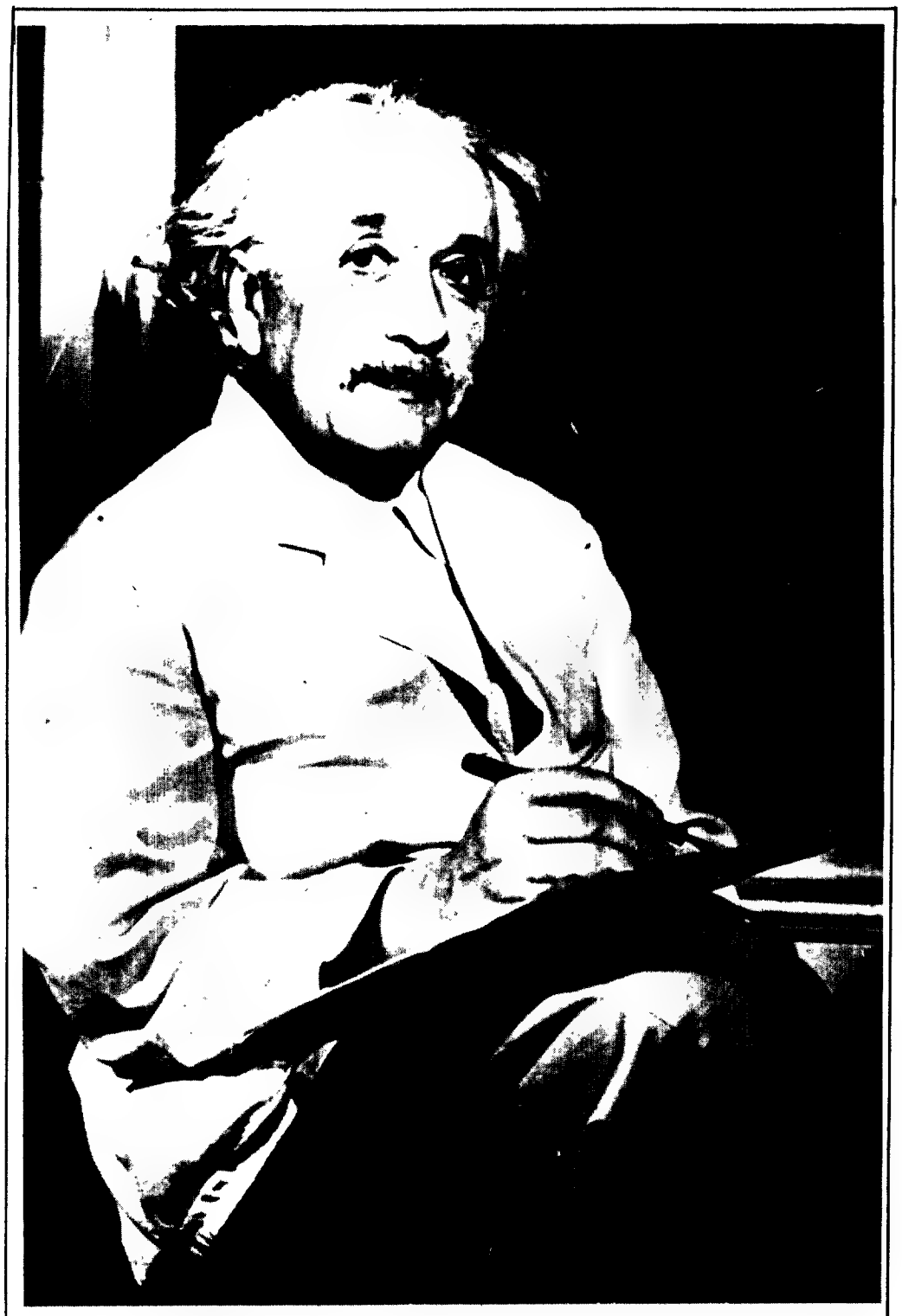
Uma exigência de beleza

Fazemos-lhe notar que um dos factos mais surpreendentes da sua forma de pensar é a exigência de beleza. As suas intuições sobre uma situação da Física regiam-se de acordo com o grau de elegância simples que a respectiva representação matemática adquiria.

Mas não nos atrevemos a contar-lhe que a sua glória renasceu, que actualmente á maior do que era nos anos vinte, quando começou a comprovar-se a sua audaz teoria da relatividade. Temos receio de interromper um diálogo iniciado pela introdução de temas pertencentes a épocas futuras. Ou talvez o motivo seja outro.

A verdade é que não lhe dizemos que, quando faltam 15 anos para terminar o século, já nenhum colega seu se atreveria a chamar-lhe «velho louco».

Se Copérnico e Galileu puseram a Terra no seu lugar, se Newton descobriu as leis fundamentais da dança cósmica, Einstein foi o melhor continuador da sua obra. Não foi o único.



Na minha opinião há apenas uma maneira de conseguir que o público dê atenção a um cientista: discutir e explicar, em linguagem acessível a todos

A sua portentosa intuição teve mais de um fracasso. Dedicou mais de 30 anos à busca infrutífera de uma teoria que unisse o campo gravitacional e o campo electromagnético. Mas as ideias principais de Einstein voltam a ser uma referência iniludível para a comunidade científica, tanto na dimensão atómica como na oposta, a do universo.

Graças a Einstein, aceita-se hoje em dia que o espaço e o tempo dependem da distribuição dos corpos e dos seus campos de influência. Se não houvesse uns nem outros, também não haveria espaço nem tempo. E este pensamento há-de integrar-se um dia no senso comum, assim como aconteceu no seu tempo com a ideia de que a Terra gira em torno do Sol.

— Quando discutia, costumava utilizar frequentemente o nome de Deus. Por exemplo, frases como «Deus não joga aos dados» ou «É tão simples que Deus não pode renunciar a isso». Porquê?

— Creio no Deus de Espinoza, que se revela na harmonia ordenada do que existe, não num Deus que se preocupa com os destinos e acções dos seres humanos. As minhas concepções estão próximas das do filósofo do século XVII: admiração pela beleza da simplicidade lógica da ordem e da harmonia, em que acredito e que só podemos compreender com humildade e de forma muito imperfeita. Creio que temos de nos conformar com a nossa compreensão e conhecimentos e tratar os valores e obrigações morais como um problema puramente humano: o mais importante de todos os problemas humanos.

— Essa última frase talvez explique a sua nítida inclinação para participar nos assuntos sociais.

— O meu sentido apaixonado da justiça e da responsabilidade social esteve sempre em claro contraste com a minha escassa necessidade de contacto directo com outros seres humanos e comunidades de seres humanos. Sou na verdade um viajante solitário e nunca dei todo o meu coração a um país, à minha casa, aos meus amigos, nem sequer à minha família mais próxima. Face a todos esses vínculos sempre conservei uma sensação de distância e uma necessidade de solidão, sentimentos que têm aumentado com os anos.

Arrependimento

Enquanto fala fica triste. Poucos dias antes de ser internado, tinha assinado uma longa declaração elaborada por diversos intelectuais, em que se pergunta claramente ao mundo: «Vamos acabar com a raça humana ou, pelo contrário, a humanidade vai renunciar à guerra?»

Sabemos também do seu arrependimento por ter assinado, anos antes, uma outra carta, a relativa à bomba atómica. Dizse que teria chegado a afirmar que, se pudesse viver segunda vez, escolheria a profissão de canalizador. Gostaríamos de nos deter sobre este assunto, mas não o fazemos.

Também gostaríamos de o interrogar acerca da sua admiração por Mozart, do confisco dos seus bens modestos e da queima dos seus livros pelos nazis, dos ataques que sofreu na União Soviética, onde as suas teorias eram consideradas contrárias às bases filosóficas do sistema, da desconfiança que a sua personalidade provocou durante a campanha maccarthista nos Estados Unidos. Mas temos de nos ir embora.

Antes da despedida, no entanto, lançámos a última pergunta combinada entre nós:

— Professor, o que pensa da morte?

— É muito frequente os seres humanos pensarem na morte com temor.

É um dos meios de que a natureza se serve para conservar viva a espécie. De um ponto de vista racional, este temor não tem qualquer justificação, pois quem estiver morto ou não tiver nascido não pode sofrer acidentes. Em poucas palavras, é um medo estúpido, mas inevitável. Um grande amigo meu precedeu-me há dias a dizer adeus a este estranho mundo. Isso não significa nada. Para os físicos crentes, a distinção entre passado, presente e futuro não é mais do que uma ilusão, apesar da sua persistência.

À saída do hospital, não trocámos uma única palavra. Estávamos arrependidos de não o termos animado. O assunto estava claro, ele mesmo o havia assinalado no final. Se lhe tivessemos dito que em 1985 era considerado o cientista mais célebre do nosso século, relativizando os tempos e as distâncias, a entrevista teria certamente continuado sem sobressaltos.

Einstein morreu a 18 de Abril daquele ano prematuramente primaveril. Tal como o físico tinha indicado, não houve funeral, nem túmulo nem monumento. O seu corpo foi cremado em cerimónia estritamente privada e, por seu desejo, desconhece-se o destino das cinzas. ■

Um monge budista passeia nas ruas de Phnom Penh: os Khmers Vermelhos tinham classificado todos os religosos de parasitas

Kampuchea dez anos depois de Pol Pot:

Em pleno coração da cidade de Phnom-Penh, o mercado O Russey onde flutuam os odores de especiarias ainda mais agressicas com o calor húmido que precede a estação das chuvas, conhece a sua animação habitual, como, não longe dali, o antigo mercado coberto, que foi um dos alvos dos foguetes de guerra dos Khmers vermelhos, antes do assalto final do 17 de Abril de 1975. Tudo parece normal neste domingo do fim de Março de 1985. Às 14 horas é o drama. Uma granada explode perto dos balcões reservados aos vendedores de ouro e de jóias. As milícias encarregadas da segurança atiram para o ar algumas rajadas. Cenas que Phnom-Penh conheceu demais durante a guerra. As testemunhas, principalmente peritos checoslovacos, afirmam ter visto quatro mortos e três feridos. Um balanço que não foi oficialmente confirmado.

James Burnett

O autor ou os autores do atentado terão sido presos? Quem são eles? Perguntas que ficam sem resposta. Três versões circulam rapidamente em Phnom-Penh: uma «**infiltração inimiga**»; o acto desesperado de um soldado khmer que perdeu uma perna na explosão de uma mina na fronteira khmero-tailandesa; «**ladrões vietnamitas**» atraídos pelo cheiro do ouro. Um tal acidente, assegura-se não é o primeiro do género neste mercado onde uma maioria de comerciantes são vietnamitas.

Dois dias depois, em Oudong, burgo da província de Kompong-Chnang, a 30 quilómetros a norte de Phnom-Penh, um grupo de guerrilheiros irrompe no mercado no fim da tarde. Dá-se um tiroteio. O balanço será de uma quinzena de mortos um dos quais era um oficial vietnamita. Este «raid» foi confirmado por fonte diplomática de Phnom-Penh, sem outra precisão sobre o número de vítimas. Um aniversário que será celebrado com discreção pelo regime de Heng Samrin. A história é cruel para os novos dirigentes: esta data marca «**a vitória sobre o imperialismo americano**». É o princípio do pesadelo khmer vermelho depois de uma guerra particularmente atroz.

Hun Sen, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular do Kampuchea bem afirmou que o conjunto do país está «**sob controlo**», a situação é complexa. De fontes oficiais khmers e vietnamitas reconhece-se que a próxima estação das chuvas, que começa no fim de Abril será um «**teste determinante**» para o regime depois dos sucessos contra as bases da resistência na fronteira tailandesa. Admite-se em Phnom-Penh que «**o pontapé dado no formigueiro**» não solucionou todos os problemas. Longe disso.

Trata-se agora de neutralizar os grupos de guerrilheiros numerosos que se espalharam na natureza. Uma tarefa árdua que incumbe, segundo o novo dispositivo, ao jovem exército de Phnom-Penh, de trinta mil homens formados na escola vietnamita. Tanto mais que «**o inimigo foi cruelmente ferido e pode atacar às cegas**». E sabe-se que existe um perigo real. Em Setembro último, os guerrilheiros fizeram uma autêntica carnificina, quando atacaram à baioneta o comboio Phnom-Penh-Battambang. Uns cinquenta viajantes teriam sido mortos, e várias dezenas deles feridos, alguns dos quais seriam hospitalizados em Phnom-Penh.

Continua na pág. 25

Embaixadas: um purgatório entre dois tiroteios

Ponte de Aranyaprathet, novamente fechada. Por aqui não puderam escapar, durante o reinado de Pol Pot, muitos dos opositores ao regime

É obcessiva a recordação do terror

Continuação da pág. 24

Foi assim que este «raid» foi conhecido.

Perto de 17 de Abril a ameaça de um «**avanço do inimigo**» para Phnom-Penh foi tomada a sério. Os conselheiros vietnamitas multiplicam as consignas de segurança junto das autoridades cambojanas. As medidas de vigilância dos mercados da capital e os controlos depois do recolher obrigatório, em vigor entre as 21 horas e as 5 da manhã, são reforçadas. Segundo fontes khmers multiplicam-se em Phnom-Penh as interpelações e várias redes teriam sido desmanteladas nas últimas semanas. Os ocidentais são discretamente dissuadidos de frequentar os mercados. Recebendo os representantes das organizações humanitárias, Hun Sen exprimiu recentemente os seus receios de ver um dos seus membros morto ou raptado. Os peritos soviéticos, em número de dois mil, aproximadamente, só utilizam helicópteros para as suas deslocações na província. Quanto aos jornalistas presentes em Phom-Penh estas últimas semanas, eles só têm direito a curtas visitas nas províncias limítrofes da capital.

O «Dia dos testemunhos»

Os responsáveis cambojanos e os conselheiros vietnamitas mantêm no entanto, a cabeça fria e mostram mesmo um sólido optimismo que pode causar surpresa. Phom-Penh aposta agora mais no cansaço da guerrilha depois do «**encerramento**» da fronteira. De fonte vietnamita acha-se que a ofensiva contra as bases da resistência já começa a dar os seus frutos. «**O número de golpes diminui em relação ao ano passado**», acha um perito vietnamita. «**Mas temos de reconhecer que os seus golpes podem ser mais espectaculares e perigosos. Por outro lado, os grupos de guerrilha estão a diminuir. Parece que decidiram reagrupar os seus elementos antes de passar a operações mais violentas. Isto limita-nos a tarefa porque podemos descobri-los mais facilmente. Enfim, podemos constatar que a eficácia e a agressividade dos khmers vermelhos criam dificuldades. Se a estação das chuvas é normalmente favorável à guerrilha,** acrescenta ele, **as coisas podiam correr de outro modo. Eles já não têm base de protecção, e será para eles mais difícil, devido a trabalhos de defesa feitos na fronteira, passar para a Tailândia. Pensamos que a sua moral vai sofrer um rude golpe com o decorrer dos meses. E este ano a estação das chuvas será particularmente dura para a guerrilha.**»

No fim de contas espera-se muito do «**descalabro**» do «moral» do «**inimigo**» para acelerar a pacificação do Kampuchea. A administração de Heng Samrin mostra, de resto, uma certa habilidade ao dar uma larga prioridade à sua «**política de clemência**» nas emissões de propaganda que leva a efeito. O governo tenta apostar no carácter por vezes insólito das relações familiares que existem entre os guerrilheiros e as populações locais. O exemplo de mulheres que vão à floresta para convencer um marido ou um irmão a depor as armas e regressar à aldeia, é muitas vezes citado. O que não impede que esses «**arrependidos**» deverão passar alguns meses nos «centros de reeducação», como o que existe, segundo testemunhas, a três quilómetros de Stung-Treng, no nordeste, antes de regressarem a uma vida normal.

Essa política de «clemência» tem, incontestavelmente o apoio da população. Esta não esquece a odisseia dramática da evacuação geral das cidades, a 17 de Abril de 1975, sem contar com as passadas sob o controlo dos Kmers vermelhos, muito antes desta data, as crueldades físicas e morais dos homens de pijama negro. Um pai de família, encarregado da direcção do orfanato número um em Phnom-Penh, ficou marcado para toda a vida ao assistir à execução de duas crianças prequenas que dois Khmers vermelhos, embriagados, projectaram, pelos pés, contra uma árvore, antes de extirpar a mãe, viva. E uma jovem funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros ainda está debaixo de choque devido ao desaparecimento da sua família e do casamento forçado a que escapou à justa invocando «**a sua falta de maturidade política para aceitar uma tal marca de confiança da Angkar** (a organização política khmer vermelha).

A hipótese do regresso de Pol Pót ao Poder, aterroriza os cambojanos. E, para manter viva a recordação desses crimes, as autoridades de Phnom-Penh fizeram do 20 de Maio «**o dia dos testemunhos**» sobre a «**clique Pol Pot Ieng Sary**». «**Uma comemoração que não é contraditória com a nossa política de clemência**», explica um funcionário. «**Devemos fazer a diferença entre os dois dirigentes e os outros que foram moralmente levados a executar as ordens a fim de poupar a sua própria vida. Porque essa página negra do Kampuchea não se parece em nada com o que puderam conhecer na Europa. É preciso que tenham uma chance de voltar a uma vida normal. É a esse preço que o povo cambojano poderá recompor-se**», acrescentou. A que preço e daqui a quanto tempo? ■

Eis quem eram os soldados de Pol Pot

doces crónicas

Limpeza do Mediterrâneo vai ser "prioridade" na CEE em 1987

A limpeza do Mediterrâneo será uma das prioridades do ano europeu para o meio ambiente, marcado para 1987, que a Comunidade Económica Europeia (CEE) está a preparar — anunciou um porta-voz comunitário.

O programa oficial desta campanha será dado a conhecer em Julho.

A Comissão Europeia já autorizou uma série de estudos sobre este asuunto e convidou empresas e organismos oficiais a participar na celebração do ano europeu do meio ambiente.

«As acções que foram levadas a cabo — salientou o porta-voz — destinam-se a provar que a defesa do meio ambiente pode favorecer a expansão económica e a criação de empregos».

A decisão de dedicar o ano de 1987 aos problemas ecológicos do velho continente foi tomada em 1984, em Maio, pela «cimeira» dos chefes de Estado ou de Governo da CEE.

A Comissão Europeia esá disposta a que as acções que se organizarem tenham uma influência real e aumentem em toda a Comunidade o grau de sensibilização relativamente a estes problemas.

A protecção do Mediterrâneo será, por outro lado, objecto de debates no Parlamento Europeu em 9 de Maio, quando está prevista a discussão de um relatório crítico sobre as acções propostas relativamente à Comissão Europeia.

Este documento foi aprovado por maioria pela Comissão do Meio Ambiente do Parlamento Europeu, reunida em Bruxelas, e solicita à Comunidade que aborde os problemas ecológicos do Mediterrâneo no seu conjunto e não de forma dispersa.

O relatório pede ainda a realização de estudos sobre os níveis de poluição do Mediterrâneo como condição prévia à adopção de programas de acção concretos.

Além disso, a Comissão do Meio Ambiente do Parlamento Europeu solicita aos países membros da Comunidade Económica Europeia uma melhor aplicação do protocolo da Convenção de Barcelona relativa à protecção das águas subterrâneas susceptíveis de contamiar o mar (poluição telúrica).

A supressão de todo o tipo de desperdícios incontrolados é preconizada neste relatório, que defende a «reciclagem» de resíduos industriais e urbanos.

Por outro lado, propõe-se uma maior colaboração com os países do Sul do Mediterrâneo a fim de coordenar as acções de protecção das zonas costeiras, empreendidas pelos Estados membros da Comunidade Europeia.

À margem da problemática específica do Mediterrâneo, a Comissão do Meio Ambiente do Parlamento Europeu considera insuficientes as políticas da Comissão Europeia em matéria de controlo do ruído, erosão e desflorestamento.

A resolução que possivelmente será adoptada pelo Parlamento Europeu baseada neste relatório solicitará a criação de um comité consultivo que se ocupe destes problemas.

MENSAGENS PESSOAIS

Mobília

Mobília quarto casal c/colchão ortop., Móvel bar séc. XVII. Arca e cantoneira em pinho escurecido.
Telefone: 361141/2

Fogão a gás

Fogão alto gás ODACLA 4 bicos. Candeeiro tecto c/pingentes meio cristal.
Telefone: 372587

Baby sitter

Tomo conta de crianças. Vou a casa.
Telefone: 603386

Casa de campo

Casa de campo em ruínas no concelho de Arganil. Pela melhor oferta. Telefone 363773 - de Lisboa - D. Esperança.

Contabilidade

Todo o serviço de contabilidade — POC. Escrituração de Livros Selados (trabalho especialização). Em Part-Time ou para casa. Telef.: 952915

Praia/campismo

Vendo, a estrear, dois colchões pneumáticos, um colchão de espuma dobrável em 4, um par de sapatos de ginástica n.º 37. Telefone 686103 depois das 19 h exceptó segundas e quintas-feiras.

Austin 1000

Vendo Austin 1000 Nov. 1980. Pintura nova 35.000$ por 340.000$00 telefone: 712087

Chaise-Longue

Chaise-Longue Napoleão III da época restaurada e forrada de novo, e também sofá romântico princípio do século em capitonet. Luísa de Abreu. Tel.: 539776

«Abat-jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu proprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal.
Av. do Brasil, 182 traseiras. Fácil estacionamento. Tel.: 881937
1700 Lisboa

Às boutiques e pronto-a-vestir

Executam-se pequenos arranjos de costura (bainhas, colocação de fechos e outros), com rapidez e perfeição. Telefone: 835113.

Aos amigos dos animais

Procuro quem tome conta, por uns dias, da minha cadelinha, meiga e asseada. Zona Rato, Estrela, C. Ourique ou próximo. Telefones: 686103 das 18 às 23h ou 657194 das 10.30h às 21 h. Condições a combinar.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Maria Felix, 70 anos de vida apaixonada

Roberto Cazorla
Exclusivo EFE para Portugal

Peter Moore, um dos mais cotados produtores de televisão dos Estados Unidos reuniu um grupo de jornalistas de espectáculos num dos mais luxuosos restaurantes de Nova Iorque e disse-lhes: «Vou realizar um dos sonhos da minha vida.»
Louro, com o rosto coberto de sardas e a estatura indicada para se destacar entre multidões, Moore gaba-se de nunca ter perdido dinheiro em qualquer investimento no cinema ou na televisão.

E garante que isso vai acontecer na tal aventura que é o sonho da sua vida: uma série sobre aquela que foi uma das mais belas actrizes de cinema de todos os tempos, a mexicana Maria Felix.

«O seu trabalho no cinema, aquilo que chegou a provocar apenas com a sua presença no mundo social, a sua atitude digna contra os produtores de Hollywood que, mesmo no melhor momento da sua carreira lhe ofereciam personagens secundárias, geralmente de mulheres índias, são coisas dignas de serem contadas», afirmou o produtor.

À procura de uma actriz bela

O produtor enfrenta um sério problema: encontrar uma actriz tão bela como foi Maria Felix e, além disso, que possua o exotismo que tornou a actriz mexicana famosa em todo o mundo e inspirou belas canções ao músico Agustin Lara.

Maria Felix foi sempre uma mulher de uma personalidade extraordinariamente forte, muito segura de si mesma, e por isso desafiou os então omnipotentes produtores, exigindo-lhes o tratamento que davam a outras «estrelas».

Nunca recusou papéis de índia, mas rejeitou, isso sim, muitas vezes, guiões que colocavam os índios na situação de raça inferior ou sem valores ou qualidades.

As suas posições valeram-lhe problemas, mas soube ser uma vedeta sem recorrer a Hollywood.

Ainda hoje, com quase sessenta anos, Maria Felix é uma personalidade conhecida, convidada com frequência e desejada em reuniões e actos sociais.

É a sua vida na infância, como adolescente, os seus amores com homens que marcaram épocas, que vão ser narrados na série que Peter Moore prepara para lançamento como superprodução televisiva.

«O mais difícil que tenho de enfrentar — afirma — é a procura de uma actriz com as características da grande estrela que foi Maria Felix.»

Entrevista secreta

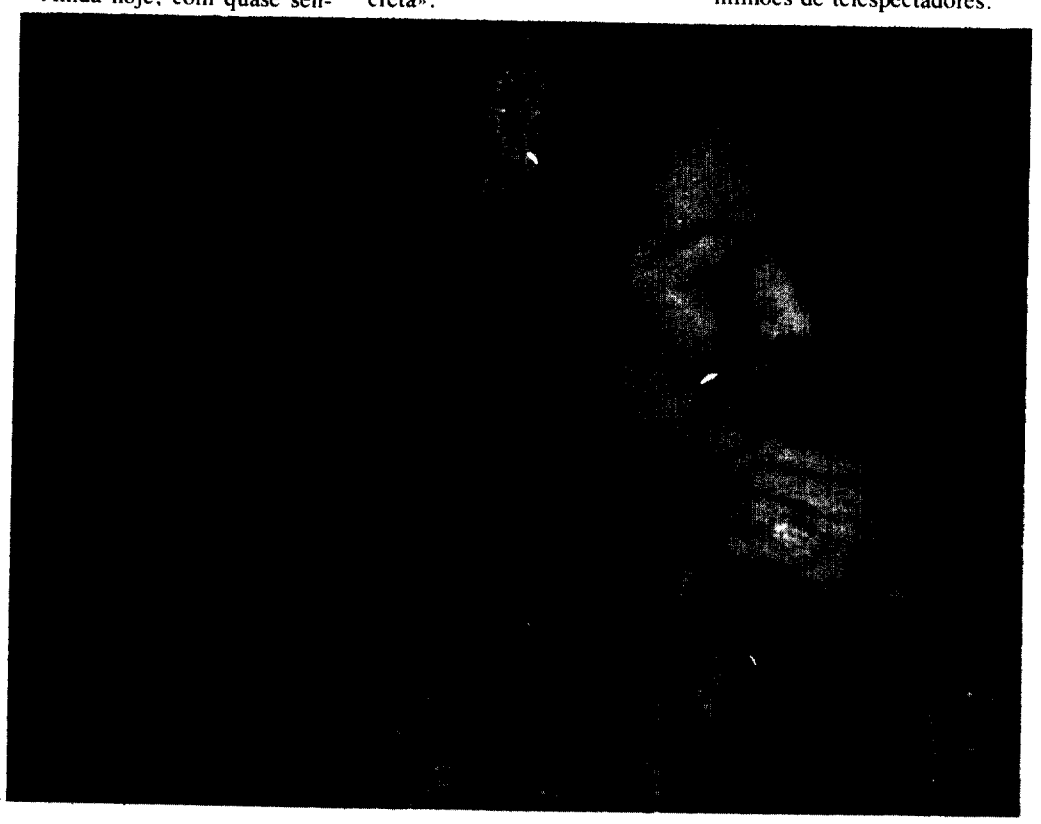
Peter Moore tem aparentemente a «benção» da própria Maria Felix e no mundo artístico de Nova Iorque corre que os dois se encontraram recentemente numa «entrevista secreta».

Maria Felix continua entretanto em actividade incesante, e há dias recebeu em Nova Iorque um prémio outorgado pela Camera Nazionale dell'Alta Moda Italiana e pela Federation Française de la Haute Couture, destinado a uma das mais elegantes mulheres do mundo.

«Nunca me senti velha, nem creio que venha sentir-me», afirmou na ocasião Maria Felix.

Os seus amigos mais íntimos dizem que não bebe nada que contenha álcool, que faz uma dieta rigorosa controlada pelo médico particular e que se submete a «substanciais» curas de sono.

Talvez seja isso que a mantém tão cheia de vida, tão optimista. Com 70 anos, Angeles Felix Guereña, nascida em Sonora, México, prepara-se agora para ver a sua vida mostrada a milhões de telespectadores.



Gilberto Gil Umbelina no "Arroz Doce"

O programa televisovo «Arroz Doce» conta este noite com a colaboração do autor-compositor-intérprete santomense Gilberto Gil Umbelina, que vai intepretar a canção «Ashi, Uvodô Tê Fá», em dialecto Deixa.

Com 36 anos de idade e sete de música, passados sobretudo na França, Gilberto Gil está por aqui, com uma mala cheia de músicas de raiz africana que compôs inspirando-se nas festas religiosas da sua ilha. «A minha música é uma simbiose da música tradicional da ilha do Príncipe e da música tradicional contemporânea». Salienta a diversidade rítmica da ilha e das festas religiosas que se foram pertendo «por imposição de certas entidades cristãs que as interpretaram mal, durante o tempo do colonialismo e as proíbiram». Como resultado elas foram desaparecendo, ficaram esquecidas e Gilberto Gil tenta «manter vivos ritmos como os das festas de Cruz Nascido, Uvudô Sô Cô, Uberêrê ou Santa Joana, que aparecem bastante no meu primeiro trabalho discográfico, que eu próprio produzi e que espero que seja editado em França já no mês de Maio». O álbum e composto apenas por canções da sua autoria, e «há dois anos que o tenho pronto, mas só agora surgiu oportunidade de o editar».

O cantor santoense que fez êxito em Paris fala do público daquela cidade com carinho porque «ao longo destes anos de carreira artística foram eles que me incentivaram». E recorda: «Quando vim para Portugal aos 23 anos só tocava para os amigos, pois já na altura os músicos portugueses lutavam com dificuldades e era quase impossível fazer qualquer coisa na música africana, pois vivia-se uma época colonial».

As dificuldades surgiram, e com elas a emigração para a Holanda que «foi onde começei a minha vida como artista, por acaso: fui contratado para lavar pratos num restaurante italiano e acabei a cantar».

Da Holanda foi o salto para França, já como cantor, onde actuou durante bastante tempo no bar «Jazz o Brasil»: «Aí cantava música sobretudo brasileira, pois foi para isso que fui contratado. No entanto, nunca deixei de incluir no meu repertório uma musiquinha do Zeca Afonso ou de um cantor angolano».

E agora? «As coisas foram evoluindo, deixei o bar e entrei numa outra fase, mais prometedora (mas também mais difícil). Faço espectáculos onde me convidam para actuar». E acrescenta: «É um outro lado da minha carreira, mais profissional, com um público mais heterogéneo. Mas não deixo de afirmar que os bares foram para mim uma verdadeira escola».

Além da participação no programa de Televisão «Arroz Doce», Gilberto Gil Umbelina veio a Portugal também para poder celebrar o 25 de Abril que foi «um dos momentos mais felizes da minha vida». E recorda «Há onze anos, no 25 de Abril, o meu primeiro filho tinha 25 dias e nesse dia, logo pela manhã, saí com ele e com a minha mulher para o levarmos ao médico, sem sabermos o que se passava. Chegámos ao Carmo precisamente na altura em que o Marcelo foi preso e a emoção foi tão grande que nem pensei no perigo que corria ao estar ali com o meu filho. Era a liberdade que eu não vivi que estava a chegar».

Em Portugal, actuou há cerca de dois anos em bares como o «Cantador Mor», ou o «Mosaico Bar». «Foi uma experiência importante, mas somos muito explorados, não pensam que cantar é a nossa profissão».

Agora, e para que o público português tenha oportunidade de melhor conhecer a sua obra, prepara um espectáculo no Teatro Maria Matos, a 19 e 20 de Julho, organizado pelo Grupo Média. «Vou mostrar aos portugueses a música de São Tomé e Príncipe, porque é muito pouco divulgada por cá», e é pena que os profissionais de Rádio não o façam».

Uma acção internacional aberta ao mundo

Continuação da pág. 3

teresses europeus e de Portugal.

6 — Mas, quanto aos sistemas políticos vigentes nos países africanos a nossa posição tem de ser genericamente crítica. Como socialistas democráticos somos partidários de eleições livres, com igualdade de oportunidades, liberdade de expressão, opinião e manifestação. Não podemos aceitar partidos únicos ditos representantes de todo o povo. Não podemos aceitar as chefias pessoais e monásticas, sem consulta popular. Assim, pensamos que os mesmos princípios já referidos a propósito da América Latina são também aplicáveis à África em geral. Mas, temos de ser realistas: muito dificilmente encontraremos em África a consubstanciação e concretização dos nossos princípios. O acesso ao poder faz-se normalmente por golpes militares, de hierarquia bem definida e sem grande democracia exterior, ou por razões relacionadas com as etnias existentes. Outras vezes, o que existe é uma estrutura familiar de controlo de poder. O papel dos socialistas deverá ser a procura constante do diálogo e da troca de informações e experiências, dando a conhecer a realidade democrática, procurando influenciar uma evolução democrática em função dos nossos princípios e posições.

Uma outra posição de princípio dos socialistas democráticos é a defesa do direito dos povos à autodeterminação e independência. Nesta base manifestamos o nosso apoio à Frente Polisário na criação de um Estado Sarahui democrático pluralista e independente. Também de acordo com este princípio condenaremos todas as tentativas expansionistas, quaisquer que elas sejam.

Vejamos agora a situação no Sul de África, sobretudo tendo atenção os países da linha da frente e a África do Sul. A igualdade e a solidariedade, não se compadecem com a descriminação racial — refutar o «apartheid» é assim mais do que elementar. O poderio económico independente da África do Sul, o facto deste país procurar boicotar o desenvolvimento económico independente dos países vizinhos, leva-nos a considerar de fundamental importância o apoio ao desenvolvimento dos países da Linha da Frente. O reforço das relações comerciais com estes países, o apoio técnico, material e científico, mais do que necessário, é urgente. É ainda de autodeterminação e independência que se tem de falar a propósito da Namíbia, apoiando nós a luta da SWAPO e defendendo um Estado democrático e pluralista na Namíbia. Portugal tem em África um papel fundamental, na ligação com os países de expressão portuguesa, no sentido de que estes assumam um papel crucial no desenvolvimento político e económico do continente Africano.

7 — Uma zona nevrálgica do Mundo, estrategicamente situada, é a do Médio Oriente. O primeiro problema que aqui se coloca é o da guerra e da paz. A manutenção dos conflitos armados, a recusa de uma via negociada para a resolução dos problemas existentes, tem conduzido a situações dramáticas e perigosas. As duas grandes superpotências mundiais — EUA e URSS — sabem que se joga aqui o controlo do fornecimento de petróleo, sabem que esta é a zona de passagem de ligação do Índico ao Mediterrâneo. Os conflitos que aqui se têm registado são também a forma de alimentar uma poderosa máquina de guerra, de experimentar novos e mais destrutivos arsenais bélicos. A nossa mensagem é um apelo à paz, ao diálogo e à concórdia. Defesa de um Estado independente para o povo palestino, em coexistência com o Estado de Israel, da paragem da guerra Irão-Iraque, condenação de tentações imperialistas e expansionistas, progressiva democratização política, um política económica e social que combata as desigualdades, e em suma algumas ideias-base sobre esta região.

8 — Pelo exposto, fica patente a nossa posição de privilegiar o relacionamento Norte-Sul, em termos de relações internacionais. Privilegiar o Sul é defender 75% da população mundial, que apenas têm 20% do rendimento mundial, é ter a certeza que a posição pelo desenvolvimento é inimiga do armamentismo e dos gastos militares, da subnutrição e da fome. Subscrevemos aqui, neste capítulo as posições defendidas pela Comissão Brandt, bem assim como todos os passos concretos visando o desenvolvimento do Sul (vd. Convenção de Lomé).

9 — Estamos hoje numa sociedade que se encontra numa encruzilhada. A vontade de mudança tem esbatido com os problemas económicos. Agora, discutimos a sociedade do futuro, da ciência e da tecnologia. Os políticos dos nossos dias têm de compreender que estamos numa fase de transição para grandes mudanças estruturais e que, hoje, na sua acção política conjuntural é necessário ter a consciência e o tacto político de não pôr em causa as grandes transformações estruturais que se perscutam no futuro. O futuro é dos jovens da África e da América Latina. E para esse futuro, a nossa palavra de esperança; na medida em que os movimentos progressistas existentes possam ser os instrumentos da mudança e do desenvolvimento.

Sinais dos tempos

RUI EDUARDO P

A contracultura de «limousine»

A novidade chega-nos da Califórnia: na geografia mais da revolução tecnológica e espiritual uma delirante empresa automóvel anda a montar «limousines» com seis metros de comprido e dez pneus, e equipadas com piscina, forno de microndas, quatro telefones, bar, canal estéreo, aquário e ecrã vídeo gigante.

Para os ganhadores da nova economia do Pacífico e os sobreviventes do sonho de Syllicon Valley, este superautomóvel é bem o seu futuro destino de filhos do equívoco.

Mas, por falar em revolucionários, uma curiosa febre pela «limousine» parece estar a ganhar algumas velhas figuras subversivas da contracultura. Exemplo: Andy Warhol, pintor, cineasta, fotógrafo, publicitário, guru da pop (e não nos esqueçamos que pop é abreviatura de popular, o mesmo adjectivo que damos entre nós a trabalhos como o de José Afonso), hoje bom multimilionário, anda fascinado com estes veículos de luxo, usados por presidentes ostentosos, mesmo quando pequenos, e imperadores do capital, os ocidentalmente metropolitanos e os que os usam na poeira do deserto.

Dessa fascinação warholiana nos dá conta um número da americaníssima «Interview», do mesmo Andy Warhol, no qual se refere a estreia que este fez da primeira Scull. Uma viagem para nenhum lado, pois que a melhor «limousine» é a que não tem destino, vídeocassete com o «Drácula» de 1931, Vivaldi nos altifalantes. O imaginário americano.

Francesismos

Já agora, mais uma dos States. Uma vaga de interesse pelo que tem origem francesa está a alastrar pela nata americana. Ele é François Truffaut e Jean-Luc Godard, ele é Roland Barthes e Derrida, ele é o uso muito fino de termos franceses nos salões bem. E a descoberta de Sartre e Simone de Beauvoir. E Paloma Picasso, rebento francês do desaparecido pintor. Muito significativa a entrevista que a mesma «Interview» fez há pouco tempo com a senhora Mitterrand. Lembram-se do ministro da Cultura, Jack Lang (que nome tão pouco francês!) ter-se referido ao imperialismo cultural norte-americano? Aí está a resposta ida do velho continente...

O retorno ao corpo

O nudismo já tinha dado o sinal: o corpo é hoje um primado cultural fundamental, mesmo que decorra do que em nós humanos há de mais natural.

Em Portugal estamos agora em plena explosão da «performance» já consagrada (como é habitual) nos costumes de fora. Com uns anos de atraso, [illegible] de Artaud e Grotowsky, pion[illegible] da teoria e técnica do teatro, vão [illegible] meio [illegible] os «performers», que, num misto de arte plástica e [illegible]mente de teatro, fazem preencher o espaço pelo seu próprio corpo, fonte de expressão fundamental.

A nossa partilha desta nova tendência tem importância que alastra da dimensão artística: centraliza no homem o meio — a «performance» leva inevitavelmente a um humanismo.

Biotecnologia, primeiras dificuldades

As noveis empresas de biotecnologia estão agora a enfrentar algumas dificuldades próprias de uma muito recente introdução no sistema de mercado. De facto, parece não ter sido ainda codificada a concorrência neste novo potencial tecnológico. O problema está no registo das patentes de drogas produzidas a partir de bactérias, por meio da engenharia genética. Conflitos estão a acontecer entre a Hoffman-La Roche e a Biogen, em relação a um produto de combate ao cancro, que traz consigo o nome de «alpha interferon», e em tribunal também estão a Johnson & Johnson e a Becton Dickinson. Por causa dos «anticorpos monoclonais». Razão: os seus campos, tanto num caso como noutro, estão-se indevidamente a cruzar e, claro, também as acusações.

A propósito de manipulação genética, aí vai um arrepio: houve quem se lembrasse de juntar células **humanas** às células do tabaco, para incluir nesta planta as características da hereditariedade humana. Amigo leitor, como será o seu «pensativo cigarro» daqui a uma quinzena, uma vintena de anos? Prevê?

Das catacumbas para os telhados

Quem costuma adquirir a revista «Photo» decerto se lembrará de algumas fotos tiradas nas catacumbas de Paris, onde houve uma autêntica vaga de frequência. Ia-se lá para baixo fazer-se praticamente tudo: para fugir, fazer amor, matar, passar as «viagens», ia-se para as sessões de sado-masoquismo ou de magia negra e, enfim, para «contraculturar». Até que a Polícia mandou fechar as entradas para esse outro mundo.

Recentemente veio a muitíssimo desvairada revista «Zoulou», que se dedica à banda desenhada e aos modos do «underground», dar a conhecer a alternativa achada: os telhados, onde igualmente se passou a fazer literalmente tudo. Enfim, talvez isso também tenha a ver com a actual onda de astronomia amadora — anda tudo a olhar as estrelas com os seus telescópios. A Paris subterrânea descobriu que há céu?

«Performance»: o retorno ao corpo

Nova viagem de Vasco Calixto

Norte de África, até à Líbia

Escritor de turismo e cronista de viagens — distinguido este ano com um troféu pela revista «Portugal - Turismo - Actualidades» — Vasco Calixto, após a recente publicação do seu último livro sobre a Índia, acaba de efectuar uma nova viagem de automóvel, desta vez ao Norte de África.

Argélia, Tunísia e Líbia foram os países africanos percorridos por Vasco Calixto que no regresso a Portugal passou ainda por Itália, França e Espanha, num total de 8109 quilómetros.

Aliando sempre a História ao turismo, o «autor-viajante» visitou, na antiga cidade de Bougie, na Argélia, o hotel onde viveu e morreu o presidente Teixeira Gomes e, na ilha de Elba e na Córsega, os locais relacionados com a presença de Napoleão. Na Tunísia, visitou também Cartago.

Aguardam-se agora os habituais trabalhos de Vasco Calixto sobre esta sua nova jornada automobilística.

TEMPO LIVRE / CULTURA / NOTÍCIAS

«O Grito», um dos quadros que integram a exposição de Maria Soares, na Codilivro

Exposições

• A exposição «Olhares», com obras de pintura e gravura de **Maria Soares** continua patente ao público na Codilivro, na Pr. Dr. Nuno Pinheiro Torres, em Lisboa, as 15 às 20 horas. A pintora tem participado em várias exposições realizadas na SNBA, em Bolonha, no Brasil, na Cooperativa Árvore do Porto, entre outras.

• No Átrio da Imprensa continua aberta ao público a exposição de obras de arte que fazem parte da **colecção de arte da Casa da Imprensa.** Entre as obras expostas encontram-se trabalhos de Alfredo Keil, Dordio, Jorge Barradas, José Malhoa, Stuart Carvalhais, Álvaro de Bree e António Duarte.

• Na sala de arte do Escorial Restaurante, às Portas de Santo Antão em Lisboa, a pintora **Manuela Cardoso** inaugura a sua exposição de óleos às 17 horas.

• A Direcção da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia inaugura hoje, também pelas 19 horas nas instalações daquele estabelecimento de ensino, a **1.ª Ex-pintura da AEISE,** com o pintor Miguel Barbosa, em simultâneo com o seu 1.º concurso de pintura e desenho.

• Uma exposição comemorativa do 12.º aniversário da morte do pintor **Pablo Picasso,** com o tema genérico «Picasso e a Paz» está patente na Casa Museu Nogueira da Silva até 1 de Maio, numa iniciativa do CECRI, Centro de Estudos do Curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho. Na exposição, que pode ser visitada de tarde, das 14 às 18 horas e à noite, das 21 às 23 horas, encontram-se reproduções de quadros daquele pintor, provenientes da Casa da Cultura das Caldas.

• O Núcleo de Arte Fotográfica do IST leva a efeito a partir de hoje uma exposição de fotografia de **Raul Ladeira e Madalena Maireles,** actividade integrada na V Quinzena Académica de Engenharia do Instituto Superior Técnico. A exposição tem a designação de «Palrava/Fotografia» e está patente no salão nobre daquele instituto.

• «Mostrar (assumir) o que crio, recrio o que desfaço e refaço não é mais que pretender dizer que (embora com dificuldade) respiro e que o risco do meu lápis é um olhar carregado de quotidianos cinzentos». São palavras que **Alberto Oliveira** escreveu no catálogo dos seus 10 desenhos que se encontram expostos hoje, pela última vez no B'Arte, na R. S. Boaventura, 16, em Lisboa.

Teatro

• **O TEUC — Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra** estreia hoje, pelas 21.30 horas, no palco do Teatro Académico de Gil Vicente, a segunda produção do ano lectivo de 84/85: a peça «D. Quixote». Num pequeno texto inserido no programa Andrzej Kowalski refere: «ao abordar a adopção de «D. Quixote» de Miguel Cervantes, interressou-me não tanto esta personagem e a sua história (aventuras) como o facto dela ter substituído como símbolo até aos nossos dias. Ou seja, indagar sobre a sua força e o porquê de ser para nós tão fascinante e atraente». A peça conta com a interpretação de José Francisco das Neves, António Romão e Homero Flor, entre outros e tem encenação e dramaturgia de Andrzej Kowalski e cenografia de Leszek Madzik.

• O **Grupo de Teatro Maizum** continua em cena no Bairro Alto, no Ocarina, ao fim da tarde, pelas 19 horas, com a peça «O Paraíso não está à vista», de Fasssbinder.

Música

• Integrado no programa da manifestações culturais de «3.ª Quinzena Francesa», que está a decorrer no Porto, **Colette Magny** dá esta noite, pelas 21.30 horas, um recital na sala do Teatro Rivoli. A autora-compositora-intérprete está inserida na chamada «canção poética» francesa, com pontos de referência como Georges Brassens, Léo Ferré, Jacques Brel, entre outros.

CINEMAS

Uma cena do filme «Paulina na Praia». A nova obra-prima de Eric Rohmer da série «Comédias e Provérbios». Em exibição no Estúdio 444 ®

Alfas Triplex

— T. 806496

Sala 1

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Sala 2

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 3

BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Alfa Club

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Ávila

— T. 539930

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(não aconselhável a menores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AVENTURAS DE HÉRCULES
de Lewis Coates
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

PINOCCHIO
Falado em português
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

SEXO NAS NUVENS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

MICKI & MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
YANKS
de John Schlesinger
(não aconselhável a menores de 13 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

O COMBOIO DO INFERNO
de Tom Gries
(não aconselhável a menores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30h.

Cine 222

— T. 579460

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
CAPRICÓRNIO UM
de Peter Hyams
(n. ac. men. de 18 anos)

City Cine

— T. 549999

A EDUCAÇÃO DE RITA
de Lewis Gilbert
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS COMANDOS DE NAVARONE
de Guy Hamilton
(n. acons. men. de 13 anos)
23.45h

Condes

— T. 322523

SOLTEIROS E... TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A CIDADE DAS MULHERES
de Federico Fellini
(não aconselhável a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TUBARÃO 3
de Joe Alves
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 779095

PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Apolo

O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO
de Bob Clark
(para maiores de 6 anos)
16 e 21.45h

Estúdio Apolo

NOITES DE NOVA IORQUE
de Romano Vanderbes
(para maiores de 18 anos)
15.30 e 21.30h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

BROADWAY DANNY ROSE
de Woody Allen
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

10 PARA A MEIA-NOITE
de J. Lee Thompson
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
de Nagisa Oshima
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS COMBATENTES DE SHAOLIN
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

BELAS E CORRUPTAS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé

— T. 821933

O PREÇO DO ESCÂNDALO
de Yves Boisset
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama

— T. 326305

OS DESTEMIDOS
de Henri Verneuil
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 18 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

TRÊS DIABOS
de Bobby A. Suarez
(para maiores de 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
NA CALADA DA NOITE
de Robert Benton
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O TERCEIRO TIRO
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

Sala 3

NINGUÉM DUAS VEZES
de Jorge Silva Melo
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.15
A GUERRA DOS ABISMOS
de Jerry Jameson
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4

TOP SECRET
de Jim Abrahams
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
EXORCISTA 2
de John Boorman
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto

— T. 573407

BLADE RUNNER — PERIGO IMINENTE
de Ridley Scott
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CONTOS IMORAIS
de Walerian Borowczyk
(para maiores de 18 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

A NOITE E A MADRUGADA
de Artur Ramos
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

PROTOCOLO
de Herbert Ross
(para maiores de 12 anos)
14.45, 16.45, 18.45 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

HISTÓRIA DO SOLDADO
de Norman Jewison
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19, 21.45 e 23.45 h

Star

AMOR ETERNO
de Alain Resnais
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MICKI & MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

GREMLINS — O PEQUENO MONSTRO
de Joe Dante
(para maiores de 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

GENTE GIRA
de Jamie Uys
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

THE DAY AFTER
de Nicholas Meyer
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

A NOITE E A MADRUGADA
de Artur Ramos
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
A DESFORRA DO VIETNAME
de William Fruet
(não aconselhável a menores de 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Broadway Danny Rose», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro Lido — «Zás! Tudo ao Léu», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Plaza — «Terra Sangrenta», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Os Três Indomáveis Malucos em Férias», às 15 e 21.30 (não aconselhável a menores de 13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «O Rei da Evasão», às 21.30 (maiores de 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «O Lugar do Morto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ESTORIL — Casino — «O Caça-Polícias», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Impala — «Loucuras de uma Recruta», às 17 e 21.30 (maiores de 13 anos) — «Harry, o Implacável», às 24 (não aconselhável a menores de 18 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Terra Sangrenta», às 15.15 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala 2** — «Protocolo», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «O Caça-Polícias», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Broadway Danny Rose», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «Dois Homens e um Destino», às 15.30 e 21.15 (maiores de 13 anos)
COSTA DE CAPARICA — Silcine — «Rolf, o Mercenário», às 15.30 e 21.45 (maiores de 16 anos)
COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «Pink Floyd, the Wall», às 15.45 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos) — **Sala 2** — «A Mulher de Vermelho», às 16.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Porto

f080COLISEU — «2010 — o Ano do Contacto», às 16.30, 18 e 21.30 (maiores de 6 anos)
LUMIÈRE — Sala A — «Ninguém Duas Vezes», às 15, 17.45 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala L** — «Metropolis», às 15.15, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)
PASSOS MANUEL — «Terra Sangrenta», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 16 anos)
SALA BEBÉ — «Um Amor na Alemanha», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.20 (maiores de 16 anos)
TRINDADE — «Amadeus», às 15.30, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Farmácias

Lisboa
PREMANENTE

AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA; Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR; Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUADCO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira**, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BRANDOA -AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA -IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMÕES: Andrade**, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires**, R. da Lapa, 52-54 T. 662246); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Anlberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 223308). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga, (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórcia, 1o (T. 22488). Permanente; **Moireira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 260511). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101151). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-B (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 1690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T 938149). Até às 22 horas; **Nunes**, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 937543). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 258918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Coimbra

RODRIGUES DA SILVA, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348); **SÃO JOSÉ**, Al. Calouste Gulbenkian, lote 5, r/c, à Cruz de Celas (T. 24697); **MARIA DO CÉU ALBUQUERQUE**, Adémia (T. 31205).

TEATROS

Casa da Comédia

Rua S. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — — Tel. 60 72 99

(De quarta a domingo, às 21.30).

«EVA PERÓN». Texto, encenação, cenografia e figurinos: Filipe La Féria. Música: Sérgio António. Interpretação: Cândida Vieira, João d'Ávila, Rogério Samora, Sara Lima e Teresa Roby.

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).

«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Cafe-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).

«PROÍBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Prç. D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado, às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).

«O GEBO E A SOMBRA». De Raúl Brandão, com Rogério Paulo, Carlos Daniel, Barroso Lopes, Eunice Muñoz, Maria Amélia Matta e Fernanda Alves. Cenário de João Hogan, figurinos de Teresa Paulo e música e execução de Carlos Paredes. **(M/12 anos).**

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson. Música: João Vasconcelos, F. Correia Martins e N. Nazareth Fernandes. Encenação: Henrique Santana. Interpretação: Alice Gomes, Carlos Cunha, Carlos Ivo, Eugénio Salvador, Fernando Mendes, Herrique Santana, Ivone Silva, Leonor Edviges, Linda Silva, Maria Cabral, Marília Barroso, Marina Mota, Nuno Emanuel, Raquel Almeida e Soraya Arrais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

(Domingos e segundas, às 21.30).

«DOIS TEMPOS UM PAÍS», c/Sandra Baptista e Nuno Miguel.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15 —

— CORNUCÓPIA

(Sábados e domingos, às 15.30).

«Ó QUE MEDO, QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).

«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).

«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado. Encenação: Maria Helena Matos e António de Cabo. Interpretação: Aida Baptista, Ana Otero, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Nicolau Breyner e Rosa do Canto.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 68 09

«ÚLTIMO ACTO», de Simon Gray. Tradução: Maria Teresa Guerreiro. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: Fernando Filipe. Interpretação: Adelaide João, Carmen Santos, Fernanda Montemor, Jorge Sequerra, José Brás, Laurinda Ferreira, Luís Beira e Simão Pinheiro. **TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA.**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30).

«SUPER-SILVA» de Ray Conney. Encenação de João Mota. Cenografia de Octávio Clérigo. Interpretação: Igor Sampaio, José Renato Solnado, Lídia Franco, Luís Alberto, Luís Mata, Manuela Carlos, Raul Solnado e Rui Mendes.

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

Comuna

Praça de Espanha — Tel. 72 08 18

(Sextas, às 22.00; sábados, às 23.30).

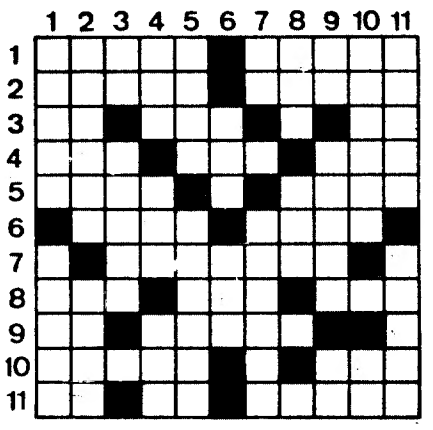
«PÓ DE PALCO», de Abel Neves, Carlos Paulo, Herberto Hélder, Jorge de Sena, José Pedro Gomes, Luís de Campos, Manuel Alegre e Karl Valentim. Coordenação: Carlos Paulo. Encenação: João Mota, Interpretação: Amélia Viodeira, Carlos Paulo, Carmen Marques, José Pedro Gomes e Marques Arede.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 418

HORIZONTAIS:

1 Curto. Serra de Portugal.
2 Tornar a ler. Nome antigo de Ceuta.
3 Artigo indefinido. Conjunção. Arsénio (s.q).
4 Prejuízo. Desgraça. Uma das Novas Hébridas, na Melanésia.
5 Prendas. Amanhã (ant).
6 Ave Aquática do Brasil. Ir para fora.
7 Emparelho.
8 Boi selvagem. Lista. Fruto seco.
9 Em a. Lavrada.
10 Nome de mulher. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
11 Em partes iguais. Espera resposta. Juízo.



VERTICAIS:

1 Nevoeiro do mar. Jamais.
2 Acaba. Amofina.
3 Artigo definido (ant). Liga de cobre e zinco.
4 Caminha para cá. Textualmente. Medida de superfície.
5 Estavam. Dar marradas.
6 Sadias. Ecoa.
7 Ruim. Liquidam contas.
8 Falda. Óxido de cálcio.
9 Zomba. Célebre poeta e músido grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. Isolado.
10 Ocultar. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Áspero.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 417

HORIZONTAIS:

1 QUEM. MENTE.
2 Unida. Ará.
3 Il. Ícaro.
4 Nas. Ecaras.
5 Amarrotaram.
6 Matraca.
7 Olá. Samar.
8 Urra. Oaio.
9 Idoso. Ias.
10 Camarotes.
11 Ao. Só. Ás. Cs.

VERTICAIS:

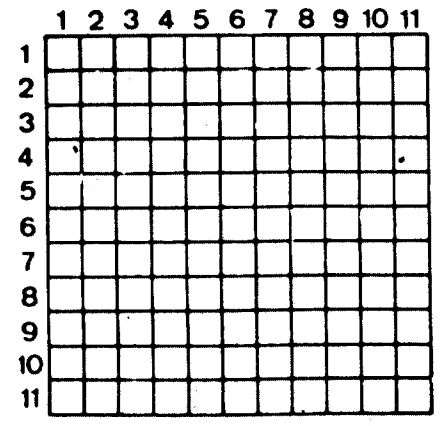
1 Quina. NUNCA.
2 Uniam. Ao.
3 IE. Samorim.
4 MCI. Raladas.
5 ACERTA. Oro.
6 Açor. Aso.
7 Erratas. Ota.
8 Oração. És.
9 Ta. Aramais.
10 ER. Sa. Aia.
11 Ás. Morosos.

PROVÉRBIO: Quem mente nunca acerta.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 257

HORIZONTAIS:

1 Vila e sede de concelho (Castelo Branco).
2 Freguesia do concelho da Covilhã. Além.
3 General de Napoleão. Mencionar.
4 Preposição e artigo (pl). República federativa da Ásia Meridional membro do Commanwealth.
5 Indague. Transpira.
6 Fútil. Fisiologista inglês. Prémio Nobel em 1922 por seus trabalhos sobre os músculos. Mil e cem em romano.
7 Verso (abrev). Escavais.
8 Enfeitas. Aqui está.
9 Remas para trás. Deus único do Islame.
10 Filtrar. Limpara metais.
11 Atacariam.



VERTICAIS:

1 Vila e sede de concelho (Coimbra). Centiare.
2 De cobre, zinco ou bronze. Cabrito montês (pl).
3 Cidade da Polónia. Esteiros.
4 Preposição latina que designa movimento. Comera a ceia.
5 Freguesia do concelho de Salvaterra de Magos.
6 Planta utilizada em salada. Antigo Testamento.
7 Freguesia do concelho de Amares. Batráquio.
8 Escavai. Cinquenta e um em romano. Prefixo que designa terra.
9 Rumos. Carimbai.
10 Lantânio (s.q). Artigo indefinido. Palmeira da Amazónia.
11 Pessoa que persegue outra com pedidos (pl). Antes do meio-dia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 256

HORIZONTAIS:

1 Unelos. Uspe.
2 Somamos. Aro.
3 Ué! Nossos.
4 Rm.
5 Aí. Irada. Ra.
6 SM. Surrem.
7 Cá. Aa. Ma.
8 Baleias. Sés.
9 Artur. Man.
10 Ita. Parti.
11 Aar. Soer.

VERTICAIS:

1 Usurar. Baía.
2 Noémi. Carta.
3 Em. Saltar.
4 Landim. Eu.
5 Omo. Síria.
6 Sósias.
7 SS. Duas.
8 Ocara. Mas.
9 Sãs. Saro.
10 Pr. Tremente.
11 Eos. Amas. Ir.

Rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: Á gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Musical; **22.00**: Transmissão directa de Barcelos do XXXVII Campeonato Europeu de Hóquei em Patins, Grã-Bretanha - Portugal; **23.30**: Último jornal. Noticiários a todas as horas.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.30**: Solos de viola dedilhada; **16.45**: Trechos de óperas, de Wagner; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.20**: «Nas Estepes da Ásia Central», poema sinfónico, de Borodine; **17.30**: Músida de todos os quadrantes; **18.00**: Uma poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Músida, de Brahms; **19.16**: Música; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Sinfonia n.º 2, em si bemol, D. 125, de Schubert; **21.05**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Tempo de bailado; **22.00**: O canto e os seus intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.40**: Duas peças tradicionais para viola dedilhada; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Azul e branco; **20,00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: A minha mãe, o que é; **23.00**: Musical; **24.00**: ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

13.35 — «Ciclo Preparatório TV»

18.15 — «Notícias»

Síntese dos principais acontecimentos do dia em Portugal e no mundo.

18.20 — «Tempo dos Mais Novos»

Contos de Andersen e Yakari para entreter a miudagem.

19.00 — «Teleregiões»

Informação regional no ar.

19.30 — «Feiras de Portugal»

«Feira do Artesanato do Estoril»: primeiro centro turístico português, a zona Estoril — Cascais também tem a sua feira — uma feira de Verão voltada para o artesanato e em que o folclore funciona como elemento de animação. Criada em 1964, de então para cá todos os anos assenta arraiais na região, promovendo o artesanato como manifestação cultural e como negócio intimamente ligado a todas as feiras.

20.00 — «Telejornal»

Tudo o que o espectador televisivo deve saber sobre o que aconteceu nas últimas 24 horas no mundo, segundo a RTP.

20.25 — «Boletim Meteorológico»

Então, gente da meteorologia, quando é que nos anunciam a boa nova?...

20.30 — «Chuva na Areia»

Inês e Herculano de Carvalho olham para António e Helena Fontes com um ar muito angustiado. Inês esquece-se de fazer as apresentações mas o pai antecipa-se. António diz a Herculano que se lembra da cara dele de algum lado. Ferreira conversa com o sargento Lima e diz-lhe que lhe custa imenso ter de fazer as investigações na praia pois quase todos os pescadores são seus amigos de infância. Depois passeia-se pela lota, interrogando um e outro e deixando todos alarmados. Mais tarde interroga Judite Mimoso sobre a vida do Manganão. Jean conversa com Guida sobre o seu regresso. A expectativa enche-o de alegria. Guida escuta-o, de lágrimas nos olhos. Ferreira regressa, entretanto, ao Posto e manda buscar a mulher do Leopoldo e o Malaquias. Este último não pode comparecer pois está muito doente. O tenente Ferreira fala com o médico e pede-lhe que faça tudo para o salvar.

«Freiras de Portugal», hoje no Estoril

É para quebrar a monotonia, «Chuva na Areia»...

Lia Gama é uma das convidadas para o «Arroz Doce» de Júlio Isidro

21.10 — «Canções do Concurso da Eurovisão da Canção»

Mais alguns «clips» a publicar a mediocridade europeia.

21.30 — «Arroz Doce»

Aí está em nova edição o novo programa de Júlio Isidro. Continua a polémica a subir de tom. Qualquer dia, com as acusações e recriminações recíprocas, a sala de estar de Júlio Isidro ainda se transforma na sala de audiências de um qualquer tribunal...

23.00 — «Último Jornal».

As canções da Eurovisão em revista: hoje, Hanne Krogh e Elisabeth Andreasson (foto) «cantam a Noruega»

RTP 2

19.30 — «Desenhos Animados»

Serafim, Agente Secreto, é a proposta (muito pouco honesta, diga-se de passagem) da RTP-2 para os mais novos.

20.00 — «Planeta Azul»

A evolução Biológica, a sucessão das estações do ano e a vida do quotidiano, incluindo os aspectos mais elementares como o amor, o trabalho, o sono, o sofrimento e a violência, são os planos em que a acção se desenrola. O filme abrange o período de tempo de um dia e meio — um dia, um dia uma noite e a manhã seguinte, embora vão passando, simultaneamente, as estações e os anos. O correr do tempo, em dimensões diferentes, é, aliás, o tema essencial desta obra. O ciclo começa com o Inverno, em que tudo parece estar imerso num silêncio pré-histórico. Os intérpretes, os personagens deste filme — documentário — estudo e exercício cinematográfico são pessoas, habitantes dos diferentes locais incluídos na obra, gente vivendo o seu dia-a-dia registado e recriado pelo cinema. Realização de Franco Piavoli.

21.30 — «A Sucessora»

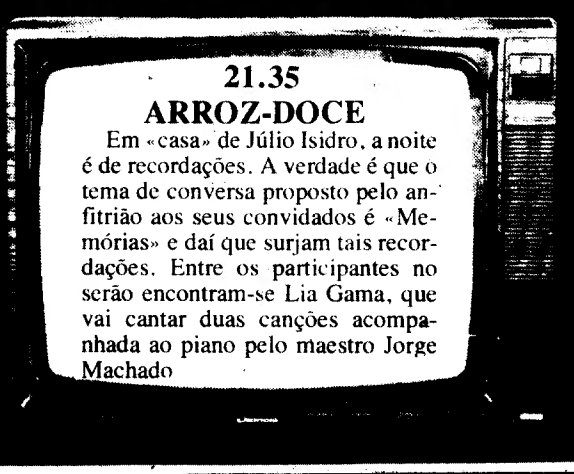
Isabel surpreende Juliana experimentando o brinco de Alice. Juliana faz um sermão a António e Isabel proibindo-os de namorarem. Na fazenda, Dona Emília sente-se mal e Tião grita pelos outros empregados. Marina remexe nos objectos de Alice, olhando-se ao espelho. O médico diz a Leonor que Dona Emília está muito mal e que é melhor avisar a família. Ondina aconselha Marina a colocar a caixa no lugar. Marina retira alguns objectos e entrega a caixa a Ondina. Marina e Miguel, ao saberem que Dona Emília está muito mal, vão para a fazenda. Roberto fica furioso com Juliana por ela não ter mandado interromper a sua reunião pois ele queria estar ao lado de Marina.

22.15 — «Jornal da Noite».

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO EXITO
pó de palco
NOVO HORÁRIO
sextas às 22 h
sábados às 23.30h
"... um espectáculo fora de série." D.L.
praça de espanha - tel. 72 08 18

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 21.30 «Arroz Doce»
RTP 2 — 20.00 «Planeta Azul»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 Cruz Quebrada - Telef. 2112871



21.35
ARROZ-DOCE
Em «casa» de Júlio Isidro, a noite é de recordações. A verdade é que o tema de conversa proposto pelo anfitrião aos seus convidados é «Memórias» e daí que surjam tais recordações. Entre os participantes no serão encontram-se Lia Gama, que vai cantar duas canções acompanhada ao piano pelo maestro Jorge Machado

DL

PORTE PAGO

Fundador: Joaquim Manso

Director: A. Ruella Ramos

Director adjunto: Fernando Pitteira Santos

DEPÓSITO LEGAL: 1428/82

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.28 **3,10 m**	03.46 **1,60 m**
22.47 **3,40 m**	16.11 **1,70 m**
Dia 30	
11.36 **3,40 m**	04.58 **1,40 m**
23.52 **3,60 m**	17.19 **1,50 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	4º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	8º
PORTO	10º
COIMBRA	12º
CABO CARVOEIRO	12º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	11º
ÉVORA	13º
BEJA	11º
FARO	10º
SAGRES	10º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	14º

Cúpulas do PRD reúnem hoje na sede nacional

O PRD abriu hoje a sua sede nacional, em Lisboa, onde serão instalados os principais serviços relacionados com o processo de formalização do novo partido. Para assinalar a abertura da sede nacional, instalada no segundo andar do número 17 da Rua da Misericórida, não está prevista qualquer cerimónia especial, mas esta tarde há ali terá lugar uma reunião da Comissão Directiva e da Comissão Organizadora da Convenção Nacional do PRD que, conforme já foi anunciado, se realiza em Tomar em data que deverá ser marcada hoje.

Nesta reunião, além dos membros da comissão directiva, a que preside o eng. Hermínio Martinho, deverão estar presentes João Botequilha, Miguel Caetano e Dias Coelho, membros da comissão organizadora da convenção, além de outros elementos que, entretanto, nela foram incluídos, entre os quais Marques do Carmo, João Pinheiro Vasconcelos, Bandeira Bento, Machado Morais, Eurico Rosa e Paulo Mendes Campos.

Entretanto, a distrital de Lisboa tem prosseguido a sua actividade com diversas reuniões locais. Amanhã está prevista uma reunião na Amadora, onde também já existe uma pequena sede.

Fontes ligadas ao PRD afirmaram-nos que o trabalho de recolha de assinaturas se desenrolou segundo o ritmo previsto e que os seus resultados, em muitos casos, excederam as perspectivas. Acreditam que a abertura da sede em Lisboa venha angrossar ainda mais o fluxo de adesões.

Televisão espanhola atenta ao novo PRD

Para a Televisão espanhola as comemorações do 11.º aniversário do 25 de Abril foram um acontecimento importante, ao contrário do que sucedeu com a RTP que fez os possíveis por esconder tais comemorações.

No dia 25 de Abril a TVE apresentou um programa de 25 minutos sobre a revolução portuguesa, procurando fazer uma análise do seu percurso ao longo deste 11 anos. Curiosamente, a maior parte do programa foi dedicado ao PRD, com declarações de personalidades deste novo partido e imagens colhidas em diversas reuniões ao longo dos últimos meses.

"Lady K": o cimento escondia droga

Cerca de 20 mil quilos de marijuana e 20 de cocaína foram encontrados ontem pela polícia espanhola nos porões do navio «Lady K», de bandeira panamiana e com uma tripulação constituída por 14 colombianos.

O navio procedia de um porto colombiano e supostamente deveria entregar uma carga de cimento no arquipélago dos Açores, mas foi interceptado sexta-feira à noite próximo do estreito de Gibraltar.

Esta carga de droga constitui a maior apreensão realizada em Espanha e, possivelmente, na Europa. De acordo com os investigadores, o total da carga poderá chegar as 25 toneladas de marijuana e aos 50 quilos de cocaína, e o seu valor poderá atingir os 20 milhões de dólares.

Estivadores do porto de Cadiz, funcionários do Corpo Superior da Polícia e membros da Brigada de Estupefacientes continuaram os trabalhos, de apreensão do «Lady K», capturado na madrugada de sábado por patrulheiros espanhóis.

Os 14 tripulantes passaram a última noite na esquadra da Polícia de Cadiz, à espera de serem levados a tribunal.

Fontes policiais informaram que o capitão do navio, Carlos Alberto Posada, e um dos tripulantes, Luís Pecalosa, foram transportados da esquadra até ao sítio onde o navio está atracado para presenciarem a sua apreensão.

Mais cinco pessoas foram detidas, relacionadas com este caso de contrabando de droga, que agentes da Brigada Central de Estupefacientes investigavam há mais de um ano.

/D/E/C/A/R/A/S/

RAMALHO EANES visita oficialmente a China de 21 a 27 de Maio, informou hoje fonte oficial. A visita é feita a convite do Presidente da República Popular da China, Li Xiannian, que em Novembro passado esteve quatro dias em Portugal, convidado por Ramalho Eanes. Esta será a primeira visita de um chefe do Estado português à República Popular da China. Portugal e a China assinaram em 1980 um acordo de comércio a que se seguiram um acordo de cooperação cultural e científica, em 1982, e um protocolo de cooperação entre as televisões dos dois países, em 1984.

DIANA, a muito noticiada mulher do herdeiro do trono britânico, não está novamente grávida. Um porta-voz de Buckingham classificou de «parvoíces» as notícias sobre o assunto publicadas pela Imprensa e baseadas no facto de dois médicos acompanharem Diana e o marido na visita que presentemente efectuam a Itália. Esta visita foi ontem alvo de um incidente, em Roma, quando uma ruidosa multidão impediu Carlos e Diana de participarem no serviço religioso numa igreja anglicana. A manifestação foi dominada por imigrantes irlandeses que empunhavam um grande cartaz onde se lia «deixem a Irlanda para os irlandeses».

RONALD REAGAN afirmou em Washington que na visita que amanhã inicia à Europa é seu desejo comemorar «um aniversário de paz e o início de uma nova relação com antigos inimigos». Esta afirmação de Reagan parece confirmar a sua projectada visita ao cemitério de Bitburgo, na RFA, onde se encontram sepultados vários oficiais «SS» nazis. Esta visita tem suscitado protestos de grupos judaicos e de veteranos da segunda guerra, provocando mesmo indignação entre diversos governos europeus.

RUI MACHETE desmentiu notícias veiculadas por alguns órgãos de Comunicação Social e que o apontavam como candidato do PSD nas próximas eleições presidenciais. Rui Machete — «um homem demasiado civilizado para poder fazer vingar as suas teses numa selva como esta», segundo pessoas que lhe são próximas — diz que não se propôs nem tenciona propor-se para candidato à Presidência. E acrescenta: «a minha posição nesta matéria é a que consta da moção de estratégia da Comissão Política do PSD para o Congresso da Figueira da Foz, a realizar entre 17 e 19 de Maio». Como a moção de estratégia não indica o nome do candidato, presume-se que Rui Machete ainda acredita na hipótese Lemos Ferreira.

MIA FARROW acaba de rodar o seu quinto filme com Woody Allen, onde representa o papel de uma jovem simples que pretende esquecer o seu monótono quotidiano, como empregada de um bar, encerrando-se no cinema. «The Purple Rose of Cairo», assim se chama o filme onde Woody Allen apenas participa como realizador e argumentista, decorre nos anos da Grande Depressão e será apresentado em antestreia no Festival de Cannes, fora de competição.

HIROHITO, imperador do Japão, completa hoje 85 anos de idade e prepara-se já para comemorar o quinquagésimo nono aniversário como soberano nipónico. Michi No Miya Hirohito é o centésimo vigésimo quarto imperador do Japão, e o facto mais significativo da sua carreira terá sido a decisão de aceitar a rendição nipónica na II Guerra Mundial. Símbolo do Estado e da unidade do povo, Hirohito continua a desfrutar de boa saúde e a cumprir normalmente as suas obrigações oficiais, mas a Imprensa especula sobre a possibilidade de vir a abdicar a favor do seu filho, o príncipe Akihito, de 51 anos, que recentemente passou por Portugal.

Nem mais uma "arma" para Neves Cardoso

O Serviço Nacional de Protecção Civil foi duramente criticado, no decorrer da reunião de delegados da Liga dos Bombeiros Portugueses realizada no fim-de-semana em Beja.

«O inimigo número um no combate aos incêndios florestais é o Serviço Nacional de Protecção Civil», afirmou Américo Pais, presidente da Federação de Bombeiros de Viseu, para acrescentar que «não devem ser dadas mais armas ao general Neves Cardoso, pois ele já tem muitas».

Na Assembleia de Delegados da Liga, que decorreu no quartel-sede dos Bombeiros Voluntários de Beja, participaram 17 das 20 Federações Distritais, tendo-se registado as faltas das Federações dos Açores, Madeira e Portalegre.

Também Jaime Soares, da federação de Coimbra, se manifestou contra a actuação do Serviço Nacional de Protecção Civil no campo dos fogos florestais, tendo referido que se trata de um organismo «criado há pouco tempo sem espaço de funcionamento, pelo que se vê obrigado a criar uma área de actuação que não existe para o quotidiano».

No encontro foi realçado que «para os bombeiros portugueses, apenas o Serviço Nacional de Bombeiros, como órgão de tutela, tem legitimidade para fornecer indicações vinculativas ao Serviço Nacional de Protecção Civil

VISITE A URSS EM 1985

AS NOITES BRANCAS E AS REP. DO BALTICO
de 07 a 17 de JUN
MOSCOVO LENINEGRADO
RIGA TALLIN

FERIADOS DE JUNHO
Descontos p/mini-grupos (4 Pessoas)

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano N.º 30 1200 Lisboa
Tels. 60 31 99 60 30 99

MUNDIRAMA